

**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)**

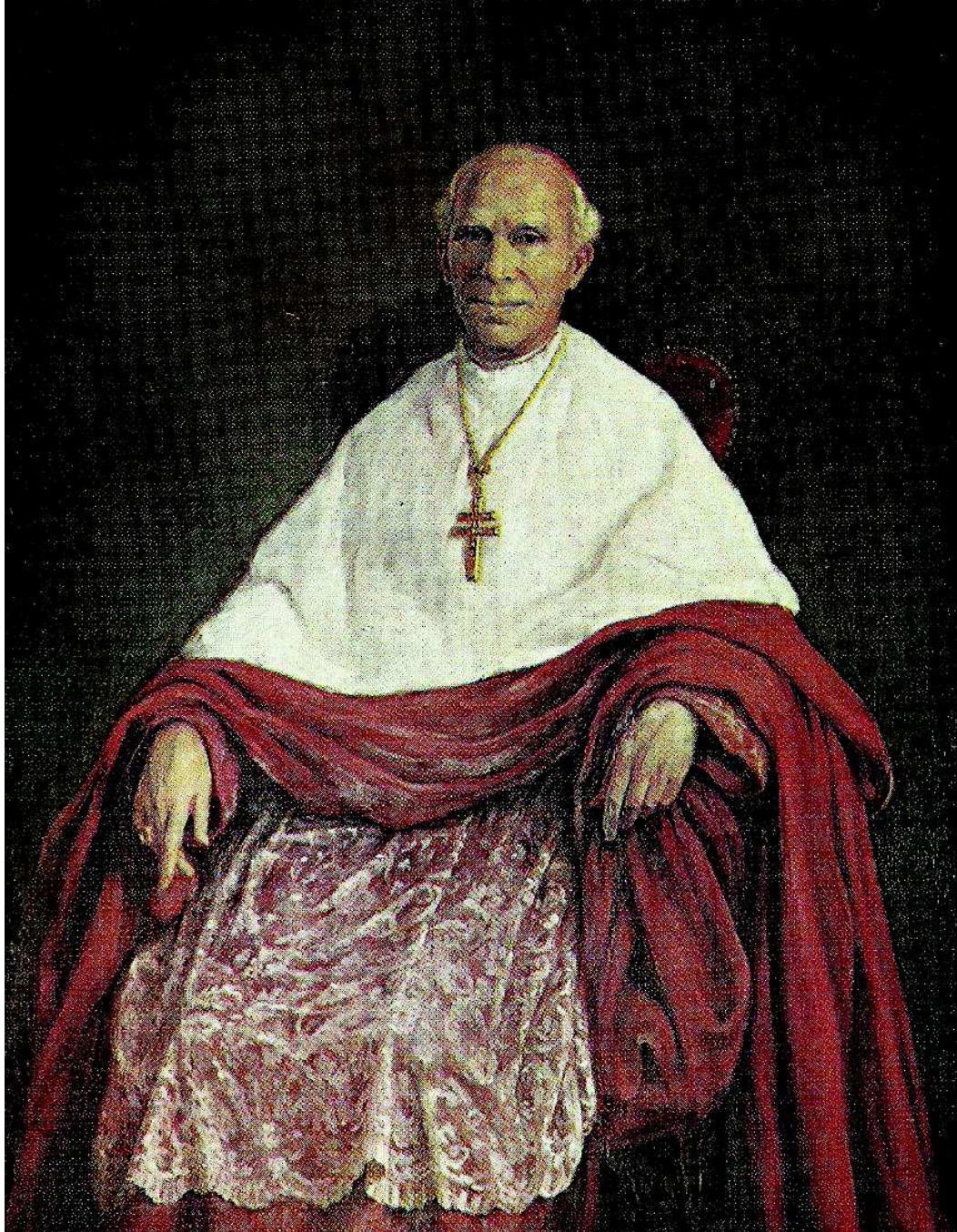
**LUÍS CARLOS ZORRO FERREIRA MENDES**

**A ação pastoral de D. Manuel Trindade Salgueiro,  
Arcebispo de Évora (1955-1965)**

Dissertação Final  
sob orientação de:  
Professor Doutor Paulo Fernando de Oliveira Fontes

**Lisboa**  
**2016**





D. Manuel Trindade Salgueiro – óleo sobre tela

(in ALCÂNTARA GUERREIRO, Jerónimo. *D. Manuel Trindade Salgueiro no Arcebispado de Évora – 1955-1965*)



## AGRADECIMENTOS

A memória de alguém é perpetuada, por aquilo que essa pessoa foi ou fez, nas pessoas que a conheceram ou tiveram algum tipo de contacto com essa pessoa ou com a sua obra. Esta dissertação, memória da memória de D. Manuel Trindade Salgueiro, é também ela memória de muitas pessoas e construção de ainda mais pessoas.

Ao meu orientador, Professor Doutor Paulo Fernando de Oliveira Fontes, agradeço o estímulo e a orientação ao longo do estudo, reflexão e redação desta dissertação de Mestrado e, nele, a toda a academia da Universidade Católica Portuguesa, pelo espírito aberto e pelos bons serviços que me possibilitaram para o sucesso dos estudos.

Ao Senhor Arcebispo de Évora D. José Francisco Sanches Alves e ao seu antecessor D. Maurílio Jorge Quintal de Gouveia e, nas suas pessoas, a toda a Arquidiocese, ao seu cabido, clero e serviços administrativos; ao Seminário Diocesano de Leiria; ao Seminário Maior de Évora, aos seus superiores, colaboradores e alunos; ao Instituto Superior de Teologia de Évora, aos seus professores, aos seus colaboradores e aos seus alunos; às congregações religiosas e a todos os que, no meio eclesiástico eborense, contribuíram para a elaboração desta dissertação. A todos agradeço pelas orientações e conselhos com que me foram ajudando, pelos esclarecimentos que me foram prestando e pela solicitude com que sempre me apresentaram. Falta apenas cumprir o sonho de ter abertos e acessíveis os arquivos para que os futuros estudos sobre os prelados eborenses possam, de facto, fazer brilhar os eminentes Arcebispos que, de Évora, conduziram e animaram esta porção do Povo de Deus.

A todos os que de perto contactaram com D. Manuel Trindade Salgueiro e, através de diversas formas, partilharam comigo e me confidenciaram ou confiaram a memória de alguém que lhes foi querido, conhecido ou até mesmo afastado. Recordo com gratidão os diálogos com Manuel Madeira Piçarra, que sempre me encorajou na elaboração desta dissertação. Através dessas pessoas, também a memória foi purificada, o retrato de D. Manuel Trindade

Salgueiro foi retocado e pode tentar-se uma aproximação, da qual a presente dissertação é o produto inacabado. À sua família, especialmente à Senhora D. Maria Manuel Frade e Senhor Carlos Manuel Trindade Salgueiro e, neles, a todos os familiares e amigos de D. Manuel Trindade Salgueiro.

À Câmara Municipal de Ílhavo, terra natal de D. Manuel Trindade Salgueiro, à Paróquia de São Salvador de Ílhavo e ao Arquivo Distrital de Aveiro que me permitiram o acesso a dados e estudos sobre D. Manuel Trindade Salgueiro, aos bens que lhes legou e aos dados acerca do seu nascimento e morte.

À Academia das Ciências de Lisboa, classe de Letras, e à Academia Internacional da Cultura Portuguesa, plenários do saber e das ciências que receberam no seu meio a figura de D. Manuel Trindade Salgueiro, por me facultarem o acesso a ensaios sobre a figura do Arcebispo de Évora.

Aos meus colegas de estudos e amigos de longe ou de perto, que se fizeram ao caminho comigo, agradeço pela paciência, pelo incentivo e pela confiança que em mim depositaram e pelas palavras de apoio que sempre ouvi e me estimularam. De modo particular, aos amigos de sempre, de Alcáçovas, de Évora e os que comigo se cruzaram pelos caminhos de Lisboa, dos Seminários Diocesano de Leiria, Menor e Maior de Évora, pelo vosso caminho comigo, pelo encorajamento e pelo sorriso e abraço sempre disponível. A todos agradeço, àqueles que no silêncio sempre rezaram por mim e pelo meu trabalho (do movimento dos Convívios Fraternos, das paróquias de São Salvador de Alcáçovas, da Sé de Évora, de São Nicolau ou de Santa Engrácia) e que aqui não refiro e ainda àqueles que aqui ficam registados. Na certeza da oração rezo por todos, a todos agradeço e por todos me sinto abençoado. Obrigado a todos, de coração.

Aos meus padrinhos de Batismo, pela amizade de sempre; à minha madrinha de Crisma, pelo exemplo de força de vontade, de sabedoria e de inteligência; aos meus padrinhos de Casamento, sempre presentes e um exemplo constante de fortaleza, de sabedoria, de paciência

e de apoio ao meu trabalho e à nossa família. À Teresa e ao Nuno, ao Ricardo e à Joana, à Margarida, ao Vitor Hugo e à Ana Clara, o meu obrigado por tudo.

À minha família, de modo particular e imediato aos meus pais e à minha irmã e namorado, às minhas avós, tios e tias, primos e primas; à nova família que me acolheu, aos meus sogros, cunhados e cunhadas, tios e tias, primos e sobrinhos; a todos agradeço pelo homem que de mim fizeram e pelo apoio que sempre me deram, nas diversas etapas da minha vida, no meu crescimento e no nosso casamento. À família que somos, pequena igreja doméstica e casa aberta a todos, escola de perdão e de crescimento, dedico também este meu trabalho, na certeza de que os bons frutos que daqui se podem colher foram semeados na minha família por Deus, foram acompanhados e cuidados por todos e hoje começam a surgir em flor.

À Carla, mulher da minha vida e que ao longo deste tempo foi conselheira calma, mulher dedicada e sempre atenta, agradeço a paciência e a renúncia. Com ela aprendi a lutar por aquilo que quero e, assim, surge esta dissertação. A ela devo um pedido de desculpas pelo tempo que lhe não dei (a ela, ao nosso Olaf e à nossa Miaucas) mas tudo agradeço, pois dela tudo recebi, com um sorriso brilhante, uma palavra confiante e gestos de amor. Do seu amor por mim, do nosso amor, da nossa família, este é dos primeiros frutos. Que as lágrimas e suores que acalentaram o crescimento deste trabalho sejam, no futuro, garantia dos bons frutos que daqui possam surgir. Obrigado, Carla, por seres a mulher que és, pelo amor que nos tens, por nos fazeres crescer e ser mais. Juntos, lado a lado, lutámos e conseguimos.

É para ti este trabalho e esta homenagem.



# ÍNDICE

RESUMO .....	13
ABSTRACT .....	15
SIGLAS E ABREVIATURAS.....	17
INTRODUÇÃO.....	19
CAPÍTULO I - O homem que chega a Évora .....	23
1. De Ílhavo a Coimbra.....	23
2. De Coimbra a Lisboa .....	25
3. De Bispo de Helenópolis a Arcebispo Metropolitano de Évora.....	27
4. A pena leve do escritor .....	31
4.1. Obras próprias .....	31
4.2. Prefácios .....	32
5. A Arquidiocese de Évora à chegada de D. Manuel Trindade Salgueiro .....	33
5.1. A população.....	33
5.2. O clero .....	35
5.3. Distribuição e ocupação do clero .....	36
CAPÍTULO II - A ação pastoral em Évora .....	39
1. A Carta Pastoral de entrada e o seu plano de ação pastoral.....	39
2. A Paternidade Espiritual – motor da ação pastoral.....	43
3. A Descristianização .....	47
3.1. Apostolado dos leigos .....	49
3.1.1. Ação Católica Portuguesa .....	49
a. A estrutura arquidiocesana da Ação Católica .....	51
b. Os Cursilhos de Cristandade .....	57
3.1.2. Conferências de São Vicente de Paulo.....	60

3.1.3.	Obra das Vocações Sacerdotais e Secretariado Diocesano da Catequese ...	63
3.2.	Dinâmicas religiosas no espaço público .....	66
3.2.1.	Visitas pastorais e pessoais .....	67
3.2.2.	Peregrinações arquidiocesanas .....	72
a.	Santuário de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa .....	73
b.	Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima .....	75
3.2.3.	Missões populares .....	77
3.3.	Nova geografia religiosa .....	79
3.3.1.	O regresso dos Cartuxos .....	79
3.3.2.	A ação dos religiosos e religiosas de vida ativa .....	81
3.3.3.	A vida contemplativa .....	86
4.	Os Seminários .....	88
4.1.	O Seminário Menor .....	89
4.2.	O Seminário Maior .....	90
4.3.	Indicadores .....	93
4.4.	A formação .....	96
4.5.	A «Semana dos Seminários» .....	97
5.	O pessoal eclesial e dificuldades na sua colocação e sustentação .....	100
5.1.	Indicadores quantitativos: reduzido número de clero .....	101
5.2.	Nomeações .....	103
5.2.1.	D. José Joaquim Ribeiro .....	104
5.2.2.	Monsenhor Doutor José Filipe Mendeiros .....	105
5.3.	O Cabido da Basílica Metropolitana .....	106
5.4.	Os Vigários-Gerais .....	109
5.4.1.	Da Arquidiocese .....	109
5.4.2.	De Elvas .....	110

5.5. Os Bispos auxiliares .....	111
5.5.1. D. José Joaquim Ribeiro .....	112
5.5.2. D. João António da Silva Saraiva .....	114
CAPÍTULO III - “Na alvorada do Concílio” .....	117
1. O anúncio à Arquidiocese do Concílio Ecuménico .....	118
2. As nomeações para as Comissões Conciliares .....	120
3. A participação nos trabalhos conciliares .....	121
4. Os «Ecos do Concílio» .....	124
5. A “chegada” do Concílio Ecuménico do Vaticano II à Arquidiocese de Évora .....	130
CAPÍTULO IV - A partida de Évora .....	135
1. A vocação marítima .....	136
2. A doença .....	137
2.1. “Paz de Cristo” .....	138
2.2. “Na Hora do Regresso” .....	141
2.3. “Solidão e Presença” .....	143
3. A morte .....	144
4. A memória .....	149
CONCLUSÃO .....	153
BIBLIOGRAFIA .....	159
APÊNDICE DOCUMENTAL .....	165
1. Intervenção na X Congregação Geral da I sessão do II Concílio Ecuménico do Vaticano .....	165
2. Intervenção na XXX Congregação Geral da I sessão do II Concílio Ecuménico do Vaticano .....	168
3. Testamento espiritual .....	171



## RESUMO

“A ação pastoral de D. Manuel Trindade Salgueiro, Arcebispo de Évora (1955-1965)” insere-se no contexto da história da Igreja contemporânea em Portugal e no seu estudo. Apresentam-se o perfil biobibliográfico de D. Manuel Trindade Salgueiro e o quadro sociogeográfico e eclesiástico de Évora em 1955; analisa-se a ação desenvolvida por D. Manuel Trindade Salgueiro na Arquidiocese de Évora em função da situação existente, assim caracterizada: a descristianização da Arquidiocese, os seminários diocesanos e os efetivos eclesiásticos. Estuda-se ainda a participação do Arcebispo no II Concílio Ecuménico do Vaticano: o anúncio feito por D. Manuel Trindade Salgueiro sobre o Concílio, as nomeações e participação nos trabalhos, as notícias e a implantação das primeiras medidas conciliares na Arquidiocese de Évora; por fim, reflete-se sobre alguns aspetos da sua vida pessoal, como a sua “vocação marítima”, os períodos de doença e de regresso a Évora, a espiritualidade da dor e do sofrimento em D. Manuel Trindade Salgueiro, a sua morte e termina-se com a problemática da memória.



## ABSTRACT

“A ação pastoral de D. Manuel Trindade Salgueiro, arcebispo de Évora (1955-1965)” is set in the context of Contemporary Church History in Portugal and in its study. It presents the bio-bibliographical profile of D. Manuel Trindade Salgueiro and the socio-geographical and ecclesiastical framework of Évora, in 1955; it analyzes the initiatives developed by D. Manuel Trindade Salgueiro in the Archdiocese of Évora according to the existing situation, characterized as: the dechristianization of the Archdiocese, the diocesan seminaries and the ecclesiastical effectives. It further studies the Archbishop’s participation in Vatican II Ecumenical: the announcement by D. Manuel Trindade Salgueiro regarding the Council, the appointments and his participation in the sessions, the news, and the implementation of the first conciliar measures in the Archdiocese of Évora; it finally reflects upon some aspects of his personal life, such as the "maritime vocation", periods of sickness and return to Évora, the spirituality of pain and suffering of D. Manuel Trindade Salgueiro, his death, and the problematic of his memory.



## SIGLAS E ABREVIATURAS

*AAS – Acta Apostolicae Sedis*

A. C. P. – Ação Católica Portuguesa

C. A. D. C. – Centro Académico de Democracia Cristã

Cap. – Capítulo

Cf. – Confira

Cón. – Cónego

Cor. – Carta aos Coríntios

D. – Dom/ Dona

Dr. – Doutor

Eng.º – Engenheiro

Ex.<sup>a</sup> – Excelência

Ex.<sup>mo/a</sup> – Excelentíssimo/a

Heb. – Carta aos Hebreus

JAC – Juventude Agrária Católica

JACF – Juventude Agrária Católica Feminina

JC – Juventude Católica

JCF – Juventude Católica Feminina

JEC – Juventude Escolar Católica

JECF – Juventude Escolar Católica Feminina

JIC – Juventude Independente Católica

JICF – Juventude Independente Católica Feminina

JOC – Juventude Operária Católica

JOCF – Juventude Operária Católica Feminina

JUC – Juventude Universitária Católica

JUCF – Juventude Universitária Católica Feminina

LAC – Liga Agrária Católica

LACF – Liga Agrária Católica Feminina

L. A. S. E. – Liga dos Antigos Seminaristas de Évora

LC – Liga Católica

LCF – Liga Católica Feminina

LEC – Liga Escolar Católica

LECF – Liga Escolar Católica Feminina

LIC – Liga Independente Católica

LICF – Liga Independente Católica Feminina

LOC – Liga Operária Católica

LOCF – Liga Operária Católica Feminina

LUC – Liga Universitária Católica

LUCF – Liga Universitária Católica Feminina

Lc. – Evangelho de S. Lucas

Mons. – Monsenhor

O. V. S. – Obra das Vocações Sacerdotais

*Op. cit.* – Obra citada

p. – página

Pe. – Padre

Rev. – Reverendo

Rev.<sup>mo/a</sup> – Reverendíssimo/a

S. – São

## INTRODUÇÃO

A presente dissertação final do Curso de Mestrado Integrado em Teologia a que me propus e que tem por título “A ação pastoral de D. Manuel Trindade Salgueiro, Arcebispo de Évora (1955-1965)” enquadra-se no contexto da história da Igreja contemporânea em Portugal, no âmbito de estudo da teologia histórica e, em particular, da linha de investigação dedicada ao tema “Poder, movimentos e instituições religiosas”, entrecruzando-se aqui os vários traços deste âmbito de estudo: o poder episcopal, os movimentos arquidiocesanos (desde logo o movimento que era a Ação Católica Portuguesa que foi encabeçada por D. Manuel Trindade Salgueiro) e a instituição arquidiocesana eborense. As qualidades deste Prelado, a sua incessante busca de novas energias e as metodologias para a recristianização das dioceses em que esteve envolvido e, mormente, na Arquidiocese de Évora, sua “esposa mística”, levaram a que fosse aclamado e reconhecido como figura ímpar e eminente no episcopado português dos meados do século XX, no período pré-conciliar.

Os motivos que originaram o tema do presente trabalho são vários: o contacto e progressiva admiração que se foi nutrindo pela figura de D. Manuel Trindade Salgueiro ao longo do tempo; os trabalhos de estudo acerca do II Concílio Vaticano que levaram ao primeiro contacto com esta figura e com a sua ação pastoral em Évora; o testemunho de vários membros do clero eborense que, não sendo muitas vezes favorável ou elogiosa desta figura episcopal, levaram a que se aprofundasse o conhecimento acerca da sua ação; o incentivo que foi recebido por parte de várias pessoas (fiéis e eclesiásticos) para que se trouxesse para o estudo a memória e a ação de D. Manuel Trindade Salgueiro. Todos estes motivos e muitos outros levaram a que se procurasse e se escrevesse de forma mais distanciada e, desejosamente, isenta sobre a ação pastoral de D. Manuel Trindade Salgueiro, durante o Estado Novo. Inscrito para o Seminário de Dissertação na área de teologia histórica, recebeu-se desde o primeiro momen-

to o encorajamento do Professor Doutor Paulo Fontes para concretizar este projeto, para o qual já se tinham alguns esboços.

Assim, e valendo-se da obra de J. A. GUERREIRO, *D. Manuel Trindade Salgueiro no Arcebispado de Évora (1955-1965)* (Évora: Gráfica Eborense, 1968), procurou fazer-se uma cuidadosa e atenta pesquisa junto do semanário arquidiocesano «A Defesa» e que serve de base documental na investigação para o presente trabalho; procurou ainda investigar-se no arquivo pessoal do Arcebispo de Évora mas o mesmo arquivo, uma vez que não está tratado, não está disponível para consulta, permitindo-se assim que continuem a pairar um grande desconhecimento sobre a iniciativa e ação pastoral de D. Manuel Trindade Salgueiro. Desta forma, e com estas fontes de trabalho, estruturou-se o presente trabalho em quatro capítulos:

O primeiro capítulo, “O homem que chega a Évora”, deter-se-á sobre o perfil biobibliográfico de D. Manuel Trindade Salgueiro desde o nascimento até à sua entrada em Évora em outubro de 1955, passando por Coimbra e Lisboa. Analisaremos também o quadro sociogeográfico e eclesiástico de Évora à chegada do novo Arcebispo, através dos dados disponibilizados pelos *Recenseamentos gerais da população* e dos *Anuários católicos de Portugal*. No capítulo seguinte, “A ação pastoral em Évora”, analisaremos a ação desenvolvida por D. Manuel Trindade Salgueiro na Arquidiocese de Évora. Os campos da descristianização da Arquidiocese, dos seminários arquidiocesanos e dos efetivos eclesiásticos, abordando-os à luz da sua *Carta pastoral de entrada na Arquidiocese de Évora*, documento que apresentaremos e do qual retomamos o tema da “paternidade espiritual” como motor da ação pastoral de D. Manuel Trindade Salgueiro em Évora. No terceiro capítulo, “Na alvorada do Concílio”, estudar-se-á a participação de D. Manuel Trindade Salgueiro no grande evento eclesial do século XX, o Concílio Ecuménico do Vaticano II. Abordar-se-á o anúncio feito por D. Manuel Trindade Salgueiro sobre o Concílio, as nomeações e a sua participação nos trabalhos preparatórios e conciliares, as notícias partilhadas com os arquidiocesanos através do semanário arquidiocesano e a implantação das primeiras medidas conciliares na Arquidiocese de Évora. Não sendo

um campo de ação previsto por D. Manuel Trindade Salgueiro quando chegou à Arquidiocese de Évora, o II Concílio Ecuménico do Vaticano é também motor e força na ação pastoral do Arcebispo de Évora na sua Arquidiocese. No último capítulo, “A partida de Évora”, refletir-se-á sobre a proclamada «vocação marítima» de D. Manuel Trindade Salgueiro, vocação que sempre o preparou para a partida sem regresso na grande viagem da vida, partida que poderia ser assombrada pelo naufrágio da morte, como aconteceu com o pai do Prelado eborense quando este era uma criança. Neste último capítulo tratar-se-ão ainda os períodos de doença e de regresso a Évora e a espiritualidade da dor e do sofrimento desenvolvida por D. Manuel Trindade Salgueiro, a sua morte e as reações à sua partida e ainda a memória que ficou e perdurou em algumas pessoas, memória que permitiu e originou o presente trabalho.

Se o presente trabalho não pode trazer novidades à ação pastoral ou à vida de D. Manuel Trindade Salgueiro (a sua ação pastoral foi desenvolvida à luz da prática do seu tempo e a sua vida extinguiu-se a 20 de setembro de 1965, data da sua morte), pode dar uma nova luz sobre o entendimento que se pode ter do trabalho por ele desenvolvido, da sua personalidade e da sua visão sobre a Arquidiocese. Se a vida não se pode mudar, pode no entanto modificar-se a forma como se vê e entende a vida e a ação pastoral de D. Manuel Trindade Salgueiro.



## CAPÍTULO I

### O homem que chega a Évora

A 16 de outubro de 1955, entrava solenemente na Arquidiocese de Évora, como seu Arcebispo Metropolitano residencial, por graça de Deus e mercê da Santa Sé Apostólica, D. Manuel Trindade Salgueiro, de 56 anos, natural de Ílhavo (paróquia de São Salvador). Antes de chegar a Évora, o percurso de Manuel Salgueiro passara pelo internato no Seminário de Coimbra, pela sua licenciatura e doutoramento em Estrasburgo, pelo professorado em Coimbra, pela sua eleição para Bispo de Helenópolis, auxiliar de D. Manuel Gonçalves Cerejeira, Cardeal-Patriarca de Lisboa, pela sua ação como Presidente da Junta Central da Ação Católica Portuguesa e pela elevação a Arcebispo de Mitilene e a Vigário-Geral do Patriarcado. Nesse percurso, o seu conhecimento e carisma pessoal levaram-no a cruzar-se com o Centro Académico de Democracia Cristã (C. A. D. C.), em Coimbra, a Ação Católica Portuguesa desde Coimbra até Évora, a Academia das Ciências de Lisboa e a escrita e edição de várias obras com a sua assinatura.

#### 1. De Ílhavo a Coimbra

Estudos sociais<sup>1</sup> revelam que do distrito de Aveiro são naturais 14% dos bispos portugueses (Portugal, ilhas adjacentes e colónias ultramarinas) eleitos no período de 1911 a 1974. Manuel Trindade Salgueiro é o único nascido no distrito de Aveiro antes de 1926, a chegar ao

---

<sup>1</sup> SALGADO DE MATOS, Luís, “Os bispos portugueses: da Concordata ao 25 de Abril — alguns aspectos” *Análise Social*, vol. XXIX (125-126), 1994 (1.º-2.º), 319-383

sólio episcopal,<sup>2</sup> constando do livro de registos de nascimentos e batismos da freguesia de Ílhavo, concelho de Ílhavo, distrito de Aveiro, na folha 153 e verso, sob o assento número 378, onde se lê:

“Aos vinte dias do mês de Outubro do anno de mil oito centos noventa e oito nesta igreja parochial do Salvador de Ílhavo, concelho de Ílhavo, diocese de Coimbra baptizei solememente um individuo do sexo masculino aquem dei o nome de Manuel, que nasceu na rua da Fontoura desta villa e freguesia de Ílhavo, concelho de Ílhavo às tres horas da tarde do dia vinte e oito do mês de Setembro do dito anno, filho legítimo de Américo da Trindade Salgueiro, marítimo, e de Maria Pereira de Jesus, governante da casa, naturais e parochianos desta freguesia, nella recebidos e moradores na referida rua da Fontoura, neto paterno de Sebastião da Trindade Salgueiro e de Anna Amélia Serena, e materno de Manuel de São Marcos e de Joanna Pereira de Jesus. Foi padrinho Thomé de São Marcos, solteiro, marítimo, e madrinha Joanna Rosa Pereira de Jesus, solteira, os quais todos assinam os próprios. E para constar lavrei em duplicado este assento que depois de lido e conferido perante os padrinhos, comigo o assignam. Era ut retro. [/] THOMÉ DE SÃO MARCOS [/] JOANNA ROSA PEREIRA DE JESUS [/] O PRIOR, MANUEL BRANCO DE LEMOZ”<sup>3</sup>

Na margem do referido assento lê-se ainda que “Faleceu na freguesia e concelho de Ílhavo, pelas 4 horas e 30 minutos do dia 20, assento 227. Em 20 de Setembro de 1965.”<sup>4</sup>. Como refere Azeredo Perdigão<sup>5</sup>, no seu elogio a D. Manuel Trindade Salgueiro na Academia Internacional de Cultura Portuguesa, “Estes dois assentos, na singeleza formal, precisam o início e o termo da vida terrena de D. Manuel Trindade Salgueiro; são os seus dois marcos temporais.”<sup>6</sup>

Da infância em Ílhavo, poucas são as referências que existem. As que se encontram disponíveis referem que o pai de Manuel, Américo Trindade Salgueiro, falece quando o re-

---

<sup>2</sup> Manuel Trindade Salgueiro foi o único bispo natural de Aveiro nascido nesse distrito antes de 1926, num total de 23 bispos considerados no período anterior a 1911 e até 1926. O fulgor de Aveiro como terra natal dos bispos portugueses manifesta-se de forma notória nos períodos entre 1927 e 1944 e Novembro de 1962 e Abril de 1974 (sendo berço de tantos bispos como Braga mas dando à luz menos que o Porto para o primeiro período e liderando nos nascimentos, a par de Braga, para o segundo período indicado). Cf. SALGADO DE MATOS, Luís, “Os bispos portugueses: da Concordata ao 25 de Abril — alguns aspectos” *Análise Social*, vol. XXIX (125-126), 1994 (1.º-2.º), 328.

<sup>3</sup> Consultado em <http://digitarq.adavr.arquivos.pt/viewer?id=1186607> e <http://digitarq.adavr.arquivos.pt/viewer?id=1186607> a 28 de janeiro de 2015 às 11:28

<sup>4</sup> Consultado em <http://digitarq.adavr.arquivos.pt/viewer?id=1186607> a 28 de janeiro de 2015 às 11:34

<sup>5</sup> J. A. PERDIGÃO, “D. Manuel Trindade Salgueiro – o Homem, o Mestre, o Prelado”, *Academia Internacional da Cultura Portuguesa* 2 (1966), 13-57

<sup>6</sup> *Op. cit.* 17

cém-nascido conta onze meses, vítima de um acidente na faina marítima.<sup>7</sup> Órfão de pai e entregue aos cuidados solícitos de sua mãe, frequenta o Colégio de Nossa Senhora do Pranto, em Ílhavo, onde recebe a primeira Comunhão e atesta provas no exame de instrução primária, aos dez anos, obtendo a classificação de “distinção”.<sup>8</sup> Depois da prova, matricula-se no Liceu de Aveiro, que frequenta até ao 3.º ano liceal, revelando curiosidade e vivacidade. Ingressa no Seminário de Coimbra, sem entraves e até incentivado pela mãe e pela sua religiosidade vigorosa<sup>9</sup>. Essa religiosidade é bem ilustrada na atitude da sua mãe que persuade o bispo de Coimbra, D. Manuel Luís Coelho da Silva, a admitir o seu filho no Seminário e, dadas as suas dificuldades económicas, a conceder-lhe a gratuidade do ensino, em prol dos dotes intelectuais e humanísticos do seu filho<sup>10</sup>. Assim, aí cursou as ciências filosófico-teológicas a partir de 1914, de forma gratuita.

## 2. De Coimbra a Lisboa

Em 1914 Manuel é admitido ao Seminário de Coimbra. Do seu percurso seminarístico poucos são os registos disponíveis. Chegou-nos, através de Azeredo Perdigão, o testemunho do Cónego José Augusto Amado, vice-reitor do Seminário de Coimbra e amigo pessoal de Manuel, acerca dos tempos de seminarista: “Procurou e conseguiu ser bom seminarista (...) No aspecto intelectual foi aluno claramente invulgar. Não estudava muito porque satisfazia com pouco estudo, mas aproveitava o tempo livre (livre no sentido em que o tomam os Estatutos) para ler.”<sup>11</sup> Refere, ainda, que durante as últimas férias de seminarista, Manuel é ator-

---

<sup>7</sup> F. S. JORGE, “Memorandum D. Manuel Trindade Salgueiro”, *Alvoradas* outubro-dezembro (1955) 8

<sup>8</sup> F. S. JORGE, “Memorandum”, 8

<sup>9</sup> SALGADO DE MATOS, Luís, “Os bispos portugueses: da Concordata ao 25 de Abril — alguns aspectos” *Análise Social*, vol. XXIX (125-126), 1994 (1.º-2.º), 331.

<sup>10</sup> *Op. cit.*, 9

<sup>11</sup> J. A. PERDIGÃO, “D. Manuel Trindade Salgueiro”, 20

mentado por uma crise de espírito e de vocação sacerdotal.<sup>12</sup> Todavia, a sua passagem pelo Seminário de Coimbra fica marcada pelas altas classificações e pelos laços de amizade com professores e colegas.<sup>13</sup>

A 19 de fevereiro de 1921, terminados os estudos, é ordenado presbítero por D. Manuel da Silva, Bispo de Coimbra,<sup>14</sup> e nomeado professor de preparatórios do Seminário de Coimbra.<sup>15</sup> No ano seguinte, em 1922, o Padre Manuel é enviado a Estrasburgo pelo Prelado diocesano para cursar Direito Canónico e Teologia.<sup>16</sup> Data de 29 de junho de 1923 o certificado de Direito Canónico,<sup>17</sup> de 10 de janeiro de 1924 o diploma de licenciatura em Teologia,<sup>18</sup> de 28 de junho de 1924 o diploma de Estudos Superiores de Direito Canónico atestado pelo Conselho Superior da Universidade de Estrasburgo<sup>19</sup> e de 26 de abril de 1926 o diploma de Doutor em Teologia pela mesma Universidade, assinado pelo Ministro da Educação Lucien Lamoureux.<sup>20</sup> A tese que lhe merece o grau de Doutor em Teologia está subordinada ao tema *La doctrine de Saint Augustin sur la grâce d'après le traité à Simplicien* e é defendida em 1925.<sup>21</sup> No mesmo ano, a 17 de outubro,<sup>22</sup> é nomeado professor de Dogmática Especial e Sagrada Escritura no Seminário de Coimbra.<sup>23</sup>

A 23 de outubro de 1927 é nomeado capitular da Sé de Coimbra, para o lugar de Cónego Teólogo, com a obrigação de proferir a homilia dominical.<sup>24</sup> Fruto da preparação homilética e da pena leve que o caracteriza, redige várias obras ou opúsculos, dos quais se faz menção adiante. É nomeado em 1934 para a Reitoria da Capela da Universidade de Coim-

---

<sup>12</sup> J. A. PERDIGÃO, “D. Manuel Trindade Salgueiro”, 20

<sup>13</sup> F. S. JORGE, “Memorandum”, 9

<sup>14</sup> J. A. GUERREIRO, *D. Manuel Trindade Salgueiro no Arcebispado de Évora: 1955-1965*, Junta Distrital de Évora, Évora, 1966, XIII

<sup>15</sup> F. S. JORGE, “Memorandum”, 9

<sup>16</sup> J. A. GUERREIRO, *D. Manuel Trindade Salgueiro no Arcebispado de Évora: 1955-1965*, XIII

<sup>17</sup> *Op. cit.*, XIII

<sup>18</sup> *Op. cit.*, XIII

<sup>19</sup> *Op. cit.*, XIV

<sup>20</sup> *Op. cit.*, XIV

<sup>21</sup> *Op. cit.*, XIV

<sup>22</sup> *Op. cit.*, XIV

<sup>23</sup> F. S. JORGE, “Memorandum”, 9

<sup>24</sup> J. A. GUERREIRO, *D. Manuel Trindade Salgueiro no Arcebispado de Évora: 1955-1965*, XIV

bra.<sup>25</sup> No ano seguinte profere na Biblioteca da Universidade de Coimbra a lição intitulada *O Enigma humano*<sup>26</sup> e a 20 de novembro<sup>27</sup> é nomeado assistente eclesiástico do Centro Académico de Democracia Cristã,<sup>28</sup> cargo que ocupa até à nomeação para Bispo titular de Helenópolis e auxiliar do Patriarca de Lisboa.

Com o falecimento do Bispo de Coimbra, D. Manuel da Silva, em 1936, o Cónego Doutor Trindade Salgueiro é encarregue da oração fúnebre na Sé de Coimbra. Em 1937 é contratado para professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra,<sup>29</sup> para reger as cadeiras de História da Filosofia Medieval e de Moral,<sup>30</sup> dando a sua primeira lição a 4 de junho.<sup>31</sup> A 7 de abril de 1940, o Bispo de Coimbra, D. António Antunes, nomeia-o Assistente Geral da Ação Católica na Diocese de Coimbra.<sup>32</sup>

### 3. De Bispo de Helenópolis a Arcebispo Metropolitano de Évora

Estando à frente da Ação Católica diocesana de Coimbra apenas durante sete meses, a 23 de novembro de 1940, é nomeado, pelo Papa Pio XII, Bispo titular de Helenópolis *in Palestina* e auxiliar do Cardeal-Patriarca de Lisboa,<sup>33</sup> sendo sagrado Bispo a 24 de fevereiro de 1941, na Sé de Lisboa, pelas mãos de D. Manuel Gonçalves Cerejeira, Cardeal-Patriarca de Lisboa, e tendo como consagrantes D. António Antunes, Bispo de Coimbra, e D. João da Sil-

---

<sup>25</sup> F. S. JORGE, “Memorandum”, 10

<sup>26</sup> J. A. GUERREIRO, *D. Manuel Trindade Salgueiro no Arcebispado de Évora: 1955-1965*, XV

<sup>27</sup> *Op. cit.*, XV

<sup>28</sup> F. S. JORGE, “Memorandum”, 10

<sup>29</sup> *Op. cit.*, 11

<sup>30</sup> J. A. GUERREIRO, *D. Manuel Trindade Salgueiro no Arcebispado de Évora: 1955-1965*, XVI

<sup>31</sup> F. S. JORGE, “Memorandum”, 11

<sup>32</sup> J. A. GUERREIRO, *D. Manuel Trindade Salgueiro no Arcebispado de Évora: 1955-1965*, XVI

<sup>33</sup> Acerca do dia da nomeação existem várias datas referidas nos documentos consultados. Assim, tomou-se o dia 23 de novembro, conforme registado na *Acta Apostolicae Sedis* 32 (1940), p. 554-555. Surgiram outras datas, como o dia 25 de novembro referido em J. A. PERDIGÃO, “D. Manuel Trindade Salgueiro”, 18 e o dia 26 de novembro referido em F. S. JORGE, “Memorandum”, 12 e *A Defesa*, ano XXXIII (série semanal – 1676; série diária – 1064; 27/05/1955), p. 4

va Campos Neves, Bispo de Vatarba e auxiliar do Cardeal-Patriarca.<sup>34</sup> Feito Bispo, assume a presidência da Junta Central da Ação Católica e a sua assistência geral, a 30 de março do mesmo ano.<sup>35</sup> No dia 22 de abril de 1941 recebe da Universidade de Coimbra a láurea de Doutor «Honoris Causa» pela Faculdade de Letras,<sup>36</sup> sendo seu «Padrinho» D. Manuel Cerejeira e tendo feito os elogios do «Padrinho» e do Doutoramento, respetivamente, os professores Damião Peres e Rebelo Gonçalves.<sup>37</sup>

Nos catorze anos que permanece em Lisboa como Bispo auxiliar, D. Manuel ocupa-se da direção da Ação Católica, tarefa que o levou ao sólio episcopal, mas também da participação em eventos eclesiais e civis mais relevantes em Portugal e no estrangeiro, contribuindo para o reconhecimento da sua figura de bispo e de intelectual.

Na direção da Ação Católica são de referir os congressos que anima e aos quais preside: Juventude Católica Feminina – Lisboa (8 a 12 de abril de 1942), Internacional dos Médicos Católicos – Lisboa (18 a 20 de junho de 1947), Professores do Ensino Primário – Fátima (31 de julho a 3 de agosto de 1948), Juventude Independente Católica Feminina – Lisboa (4 a 6 de maio de 1950), Nacional dos Homens Católicos – Lisboa (7 a 10 de dezembro de 1950), Juventude Universitária Católica (15 a 19 de abril de 1953), Juventudes Operária Católica e Operária Católica Feminina – Lisboa (12 a 16 de abril de 1955);<sup>38</sup> as semanas sociais que organiza em Lisboa (17 a 23 de junho de 1940), em Coimbra (14 a 23 de março de 1943), no Porto (2 a 8 de maio de 1949) e em Braga (27 de outubro a 2 de novembro de 1952);<sup>39</sup> e os

---

<sup>34</sup> Também para o dia da sacração ou ordenação existem várias datas referidas nos documentos consultados. Assim, tomou-se o dia 24 de fevereiro, seguindo a indicação do Anuário Católico de 1957. Surgiram outras datas, como o dia 23 de fevereiro referido em J. A. GUERREIRO, *D. Manuel Trindade Salgueiro no Arcebispado de Évora: 1955-1965*, XVI e *A Defesa*, ano XXXIII (série semanal – 1676; série diária – 1064; 27/05/1955), p. 4 e o dia 25 de fevereiro referido em J. A. PERDIGÃO, “D. Manuel Trindade Salgueiro”, 18 e F. S. JORGE, “Memorandum”, 12

<sup>35</sup> J. A. GUERREIRO, *D. Manuel Trindade Salgueiro no Arcebispado de Évora: 1955-1965*, XVI; *A Defesa*, ano XXXIII (série semanal – 1676, série diária – 1064, 27/05/1955), p. 4; J. A. PERDIGÃO, “D. Manuel Trindade Salgueiro”, 18 e F. S. JORGE, “Memorandum”, 12

<sup>36</sup> J. A. PERDIGÃO, “D. Manuel Trindade Salgueiro”, 18

<sup>37</sup> F. S. JORGE, “Memorandum”, 12

<sup>38</sup> A. C. L. SIMÕES, “Apóstolo numa cruzada – Ação Católica”, *Alvoradas* outubro-dezembro (1955),

<sup>39</sup> *Op. cit.*, 18

mais de sessenta cursos especiais para os assistentes eclesiásticos que ele próprio orienta.<sup>40</sup> Por inerência das funções desempenhadas na liderança da Ação Católica Portuguesa, no ano de 1950, participa nas reuniões preparatórias do Congresso Mundial do Apostolado dos Leigos, em Roma.<sup>41</sup>

No que diz respeito à participação em eventos civis são de referir desde logo, a partir de 1941 e até 1964, a presença regular e presidência da bênção da frota bacalhoeira no Restelo, frente aos Jerónimos, facto que se explicará pela sua natural ligação ao mar e à faina do bacalhau por ser de terra de pescadores e filho de pescador: deste acontecimento só esteve ausente em 1943, 1948, 1957 e 1962.<sup>42</sup> Também pela sua ligação ao mar e às suas gentes, em 1948, acompanha a Gloucester a bordo do navio Gil Eannes, a imagem de Nossa Senhora da Boa Viagem oferecida pelos pescadores portugueses aos habitantes da comunidade piscatória daquele porto.<sup>43</sup>

Como membro do episcopado português ou em sua representação, participa em diversos eventos político-eclesiais, como a canonização de São João de Brito, em Roma (maio de 1947),<sup>44</sup> profere a oração fúnebre da Rainha D. Amélia, aquando da chegada dos seus restos mortais a Lisboa (29 de novembro de 1951),<sup>45</sup> representa o Episcopado Português nas Comemorações do 4.º Centenário da Morte de São Francisco Xavier, em Pamplona (1952)<sup>46</sup> e é nomeado pela Sagrada Congregação Consistorial como diretor dos Capelães Portugueses para os Navegantes (1954).<sup>47</sup> No ano de 1955, é nomeado Diretor Nacional da Obra da Emigração em Portugal (18 de março).<sup>48</sup>

Pelo seu papel intelectual e religioso é reconhecido por organizações religiosas e civis recebendo o diploma de Irmão da Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade da Cidade

---

18 <sup>40</sup> A. C. L. SIMÕES, “Apóstolo numa cruzada – Acção Católica”, *Alvoradas* outubro-dezembro (1955),

<sup>41</sup> J. A. GUERREIRO, *D. Manuel Trindade Salgueiro no Arcebispado de Évora: 1955-1965*, XVII

<sup>42</sup> J. A. PERDIGÃO, “D. Manuel Trindade Salgueiro”, 48

<sup>43</sup> J. A. GUERREIRO, *D. Manuel Trindade Salgueiro no Arcebispado de Évora: 1955-1965*, XVII

<sup>44</sup> *Op. cit.*, XVII

<sup>45</sup> *Op. cit.*, XVIII

<sup>46</sup> *Op. cit.*, XVIII

<sup>47</sup> *Op. cit.*, XVIII

<sup>48</sup> *Op. cit.*, XIX

do Porto (15 de março de 1948);<sup>49</sup> sendo nomeado Grão-Prior da Ordem Equestre do Santo Sepulcro de Jerusalém (28 de fevereiro de 1951)<sup>50</sup> e sendo-lhe concedida a comenda da Ordem do Santo Sepulcro (9 de junho do mesmo ano).<sup>51</sup> É eleito académico de número da Academia das Ciências de Lisboa a 8 de abril de 1954, para a qual fora já eleito sócio correspondente a 11 de fevereiro de 1943<sup>52</sup> e onde pronuncia o elogio de São João de Deus no seu 4.º Centenário comemorado nessa Academia (1950).<sup>53</sup>

Depois de a 14 de março de 1949 ter sido elevado a Arcebispo de Mitilene *in Lesbo insula* e Vigário Geral do Patriarcado,<sup>54</sup> a sua nomeação a 20 de maio de 1955, para Arcebispo de Évora, vem confirmar o percurso de um homem<sup>55</sup> que pertenceu, no essencial, à geração dos Bispos que foram seminaristas durante a I República, que fizeram carreira na Cúria Diocesana ou no Seminário e que perfilaram na direção dos organismos da Ação Católica Portuguesa.<sup>56</sup> Esse percurso marcou o seu carácter, a sua ação e a sua relação com os homens e com Deus, assumindo-se como defensor da Fé, da Nação e da Igreja no plano nacional e internacional, corolário de um percurso humano e religioso íntegro do intelectual e crente Manuel Trindade Salgueiro, percurso que poderia conotá-lo com o nacional-tradicionalismo que se viva em Portugal e que, assim sendo, seria uma reação do próprio D. Manuel Trindade Salgueiro à descaracterização que o país e a relação com a Igreja sofreram nos tempos conturbados da I República.

---

<sup>49</sup> J. A. GUERREIRO, *D. Manuel Trindade Salgueiro no Arcebispado de Évora: 1955-1965*, XVII

<sup>50</sup> *Op. cit.*, XVIII

<sup>51</sup> *Op. cit.*, XVIII

<sup>52</sup> F. S. JORGE, “Memorandum”, 13

<sup>53</sup> J. A. GUERREIRO, *D. Manuel Trindade Salgueiro no Arcebispado de Évora: 1955-1965*, XVIII

<sup>54</sup> F. S. JORGE, “Memorandum”, 13

<sup>55</sup> SALGADO DE MATOS, Luís, “Os bispos portugueses: da Concordata ao 25 de Abril — alguns aspectos” *Análise Social*, vol. XXIX (125-126), 1994 (1.º-2.º), 319-383

<sup>56</sup> *Op. cit.*, 340-342

#### 4. A pena leve do escritor

A atividade de escritor, que desde cedo ocupou Manuel Trindade Salgueiro, leva a que da sua pena tenham saído várias obras da sua autoria ou por si prefaciadas ou traduzidas, de acordo com o que então vivia.

##### 4.1. Obras próprias

Fruto do seu cargo e da formação que ministra no Seminário de Coimbra, o Cónego Doutor Trindade Salgueiro publica o compêndio que serve de base às suas aulas de pregação e retórica, *Apontamentos de Oratória Sagrada* (1929).<sup>57</sup> Em 1931 escreve e são editados os folhetos *Um Livro Infeliz do Dr. Sílvio Lima* (“*Notas críticas ao livro do Sr. Cardeal Gonçalves Cerejeira «A Igreja e o Pensamento Contemporâneo»*”) e *Trágico Descarrilamento do Dr. Sílvio Lima*<sup>58</sup>, obras em defesa do eminente professor e então Cardeal-Patriarca de Lisboa e refutação das teses que se opunham ao pensamento desse autor, e compila uma série de artigos que tinha publicado no *Correio de Coimbra* com o título *Papel da Vontade na Educação sobre a educação da juventude*, em Coimbra (1933).<sup>59</sup>

Até 1940, redige e edita algumas obras, tais como *O Enigma Humano*, fruto de uma lição proferida na Biblioteca Geral da Universidade a 16 de fevereiro de 1935; *A inteligência no acto de fé*, para a revista *Estudos* (1937);<sup>60</sup> em 1938 surge a primeira edição de *Pureza e Sensualismo*, fruto das suas conferências na Sé Nova de Coimbra;<sup>61</sup> colabora no *In Memoriam* do Doutor Serras e Silva (1939).<sup>62</sup> Participa no Congresso do Mundo Português (1940), a propósito da atividade científica em Portugal, e profere a conferência subordinada ao título: “O conhecimento intelectual na filosofia de Frei João de São Tomás”, que passa para fascículo da

---

<sup>57</sup> J. A. GUERREIRO, *D. Manuel Trindade Salgueiro no Arcebispado de Évora: 1955-1965*, XIV

<sup>58</sup> *Op. cit.*, XIV

<sup>59</sup> *Op. cit.*, XIV

<sup>60</sup> *Op. cit.*, XV

<sup>61</sup> *Op. cit.*, XV

<sup>62</sup> *Op. cit.*, XV

revista *Biblos*, editada em Coimbra. Publicou, ainda, *Mensagem Cristã* (1945)<sup>63</sup> e *Pio XII e a Acção Católica* (1954).<sup>64</sup>

#### 4.2. Prefácios

Prefacia os livros *Inquietação*, de Maia Gabriel (1937);<sup>65</sup> *Cartas Abertas*, de Marinho da Silva (1939);<sup>66</sup> *A Igreja e os Problemas Sociais*, da Ação Católica Portuguesa (1942);<sup>67</sup> *Vinte anos de Coimbra*, de D. Manuel Gonçalves Cerejeira, com o título *Sementeira de Luz*; *Deus*, de Miguel Trigueiros (1943);<sup>68</sup> no décimo aniversário da Ação Católica Portuguesa, *Os problemas sociais à luz da fé*, com o texto “Irradiação do Amor de Deus” e nele é também publicada a homilia que proferiu na Missa de ação de graças pela primeira decenal da A. C. P. (1944); *Apostolado no próprio meio*, de Civardi (1945);<sup>69</sup> *Deus existe?*, de O’Brien; *Os problemas actuais à luz do Cristianismo*, da Ação Católica Portuguesa (1947);<sup>70</sup> *Fátima e a conversão do mundo*, do Pe. José Pedro da Silva (1950),<sup>71</sup> nesse mesmo ano, *Responsabilidades*, resenha dos estudos apresentados na concentração regional do sul da Liga Independente Católica; *O anjo das três loucuras*, do Pe. Moreira das Neves, sobre Sílvia Cardoso (1953);<sup>72</sup> *O homem que é Deus: a pessoa de Jesus*, de António de Azevedo Pires; *Luz do Infinito*, de Serafim Lopo, com poesia “sacra”; *Flores de Alma* (1954);<sup>73</sup> *A Mãe*, do Cardeal Mindszenty, (1955).<sup>74</sup> Ainda como Presidente da Junta Central da Ação Católica mas já Arcebispo de Évora, D. Manuel Trindade Salgueiro prefacia *Os teus problemas*, uma edição da Juventude Escolar Católica Feminina que, segundo o prefácio, tem a missão de iluminar e formar almas de

---

<sup>63</sup> J. A. GUERREIRO, *D. Manuel Trindade Salgueiro no Arcebispado de Évora: 1955-1965*, XVIII

<sup>64</sup> *Op. cit.*, XVIII

<sup>65</sup> *Op. cit.*, XV

<sup>66</sup> *Op. cit.*, XV

<sup>67</sup> *Op. cit.*, XVI

<sup>68</sup> *Op. cit.*, XVI

<sup>69</sup> *Op. cit.*, XVII

<sup>70</sup> *Op. cit.*, XVII

<sup>71</sup> *Op. cit.*, XVII-XVIII

<sup>72</sup> *Op. cit.*, XVIII

<sup>73</sup> *Op. cit.*, XVIII

<sup>74</sup> *Op. cit.*, XIX

educadoras, não só escolares, mas todas as mulheres que se preocupam com os graves problemas da educação.<sup>75</sup>

## **5. A Arquidiocese de Évora à chegada de D. Manuel Trindade Salgueiro**

Nomeado a 20 de maio de 1955 para metropolitano de Évora, D. Manuel Trindade Salgueiro sucede a um seu onomástico, D. Manuel Mendes da Conceição Santos, que falecera a 30 de março, depois de um longo episcopado de 34 anos à frente da Arquidiocese.

Vários são os elementos que se poderiam aqui utilizar para caracterizar a Arquidiocese de Évora no momento da chegada de D. Manuel. Foca-se apenas o cruzamento dos dados relativos à população e ao clero existente, no seu número, distribuição e ocupação.

### **5.1. A população**

Para o estudo e caracterização da população residente no território da Arquidiocese toma-se como referência o valor apresentado no *Recenseamento Geral da População de 1950*.<sup>76</sup> Uma vez que os limites da Arquidiocese não correspondem aos limites geográficos do distrito de Évora e tendo como base a lista de paróquias que pertencem à Arquidiocese, foram incluídas nestes dados as freguesias que se assumem como correspondentes às paróquias

---

<sup>75</sup> J. A. GUERREIRO, *D. Manuel Trindade Salgueiro no Arcebispado de Évora: 1955-1965*, XIX

<sup>76</sup> INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, *IX Recenseamento Geral da População no Continente e Ilhas adjacentes em 15 de Dezembro de 1950*, tomo I, 1952

elencando-se, assim, 119 freguesias, pertencentes aos distritos de Évora, Portalegre, Santarém e Setúbal.<sup>77</sup>

A população total residente é de 364.249 pessoas, sendo destas, 182.805 do sexo masculino e 181.444 do sexo feminino. Nesta população, 93,4% declaram-se católicos (340.276 pessoas), verificando-se, no universo das pessoas do sexo masculino, uma adesão de 92,2% à Fé católica (168.516 pessoas). Ainda de carácter geral foram contabilizados, no universo da população residente no território da Arquidiocese de Évora, um total de 139.847 casados, em que 0,2% (784 pessoas, referentes necessariamente a pessoas casadas apenas civilmente) se encontravam em situação de divórcio ou separação judicial.

Neste conjunto tão extenso a nível territorial, apenas em 20 freguesias o número de católicos está abaixo dos 90% (Alcáçovas, Aldeia Velha, Canha, Couço, Estremoz [Santa Maria], Igrejinha, Montemor-o-Novo [Nossa Senhora do Bispo], Nossa Senhora da Graça do Divor, Nossa Senhora de Machede, Portel, São Bento do Mato, São Manços, Samora Correia, Santa Justa, Santiago do Escoural, Santiago Maior, São Bento do Cortiço, Sousel e Vendas Novas), mas no universo masculino a estas 20 freguesias acrescem mais 6 (Bencatel, Estremoz [Santo André], Évora [São Mamede], Évora [Santo Antão], Montemor-o-Novo [Nossa Senhora da Vila] e Santo Estêvão). Situação de maior desafeção religiosa verifica-se em Couço (58,7% de católicos em 5.977 pessoas, 56,8% de homens católicos em 2.852 pessoas do

---

<sup>77</sup> Do distrito de Évora: Alandroal, Alcáçovas, Alqueva, Amieira, Arcos, Arraiolos, Bencatel, Borba (Nossa Senhora das Neves e São Bartolomeu), Brotas, Cabeção, Cabrela, Campo, Capelins, Ciladas, Corval, Estremoz (Santa Maria e Santo André), Évora (São Mamede, São Pedro, Santo Antão e Sé), Evoramonte, Gafanhoeira, Glória, Granja, Igrejinha, Juromenha, Lavre, Luz, Monsaraz, Monte do Trigo, Montemor-o-Novo (Nossa Senhora do Bispo e Nossa Senhora da Vila), Montoito, Mora, Mourão, Nossa Senhora da Boa Fé, Nossa Senhora da Graça do Divor, Nossa Senhora da Tourega, Nossa Senhora de Machede, Orada, Oriola, Pardais, Pavia, Portel, Redondo, Reguengos de Monsaraz, Rio de Moinhos, São Bartolomeu do Outeiro, São Bento do Mato, São Cristóvão, São Domingos de Ana Loura, São Lourenço de Mamporcão, São Manços, São Miguel de Machede, São Vicente do Pigeiro, Santa Susana, Santa Vitória do Ameixial, Santana, Santiago do Escoural, Santiago Maior, Santo Aleixo, Santo Amaro, Santo Estêvão, São Bento de Ana Loura, São Bento do Ameixial, São Bento do Cortiço, São Gregório, Terena, Torre de Coelheiros, Veiros, Vendas Novas, Vera Cruz de Marmelar, Viana do Alentejo, Vila Viçosa (Conceição e São Bartolomeu) e Vimieiro; do distrito de Portalegre: Alcôrego, Aldeia Velha, Assumar, Avis, Barbacena, Benavila, Campo Maior (Nossa Senhora da Expectação e São João Baptista), Cano, Casa Branca, Elvas (Ajuda, Salvador e Santo Ildefonso, Alcáçova, Assunção, Caia e São Pedro), Ervedal, Figueira e Barros, Fronteira, Galveias, Maranhão, Monforte, Montargil, São Brás e São Lourenço, São Saturnino, São Vicente e Ventosa, Santa Eulália, Santa Justa, Sousel, Terrugem, Vaiamonte, Valongo, Vila Boim e Vila Fernando; do distrito de Santarém: Benavente, Coruche, Couço, Samora Correia e Santo Estêvão; do distrito de Setúbal: Alcácer do Sal (Santa Maria do Castelo e Santiago), Canha e Torrão.

sexo masculino), Nossa Senhora da Graça do Divor (63,1% de católicos em 2.059 pessoas, 58,6% em 1.052 pessoas do sexo masculino) e Portel (51,2% de católicos em 3.840 pessoas, 48,6% em 1.855 pessoas do sexo masculino).

Estes dados não refletem a prática católica, pois não foram recolhidos pelos agentes pastorais nem visavam, em primeiro lugar, a aferição da prática religiosa da região.

## 5.2. O clero

Para o estudo e caracterização do clero da Arquidiocese de Évora aquando da chegada do novo arcebispo toma-se como referência o *Anuário Católico de Portugal* para 1953, o ano mais próximo que se encontra publicado.<sup>78</sup> Nesse *Anuário*, o clero é distribuído de acordo com as funções que exerce. Só será feita essa análise, deixando de parte as considerações acerca da proveniência do clero e da sua faixa etária ou formação.

De acordo com os dados do *Anuário*, em 1953 estão ordenados para o serviço religioso da Arquidiocese de Évora 138 padres. Destes 138 padres, 53,6% (74 padres) exercem a função de párocos, 5,1% (7 padres) a função de coadjutores, 37,7% (52 padres) não são párocos nem coadjutores e 3,6% (5 padres) encontra-se fora da Arquidiocese. Daqui se depreende que mais de metade do clero (81 num total de 138 padres) está junto à população local, exercendo o ministério da paroquialidade ou coadjuvando nesse ministério. Mais revelador é o facto de que os que exerciam a paroquialidade ou coadjuvavam estavam, na quase totalidade, dedicados em exclusivo às paróquias (92,6%, ou seja, 75 em 81 padres).

Dos 57 padres que não são párocos nem coadjutores, 5 são funcionários da Cúria (mas apenas um não acumula esse cargo com outros), 10 são membros do Cabido da Catedral (mas só 4 não acumulam esse cargo com outros), 18 são formadores ou professores no Seminário Maior (só 1 exerce apenas as funções de formador do Seminário Maior), 20 são formadores ou professores no Seminário Menor (só 1 exerce apenas as funções de professor do Seminário

---

<sup>78</sup> SECRETARIADO GERAL DO EPISCOPADO, *Anuário Católico de Portugal*, Lisboa, 1953

menor), 6 são assistentes da Ação Católica Portuguesa e 6 de outras instituições (e nenhum em exclusivo), 8 dedicam-se à assistência e direção de obras sociais (aqui é reveladora a importância deste setor, pois apenas 1 destes padres exerce outra função cumulativamente com esta) e 5 estão fora da arquidiocese (um deles membro do Cabido da Catedral).

### 5.3. Distribuição e ocupação do clero

Atendendo agora à população que carecia de assistência religiosa e ao clero dedicado a isso, pode concluir-se que, para a população total da Arquidiocese de Évora, composta por 364.249 pessoas, das quais 340.276 se diziam católicos, e um grupo de 74 párocos e 7 coadjutores, dedicados ao acompanhamento de proximidade nas 119 freguesias contabilizadas, verifica-se uma proporção de um pároco ou coadjutor para uma população de 4.497 pessoas e para 4.201 católicos; relativamente às freguesias, encontra-se uma razão de 2 párocos para 3 freguesias, sensivelmente.

Quando comparados com os dados nacionais e europeus de que dispomos,<sup>79</sup> podemos verificar que a distribuição do clero eborense pela população encontrava-se muito distante dos dados recolhidos para a média nacional e para vários países da Europa, sendo a situação em Évora muito díspar das outras realidades.

Região	Relação de um sacerdote pela população
<b>Évora</b>	1 pároco ou coadjutor / 4.497 habitantes
<b>PORTUGAL</b>	1 sacerdote / 1.773 habitantes
<b>ALEMANHA</b>	1 sacerdote / 1.568 habitantes
<b>ÁUSTRIA</b>	1 sacerdote / 1.000 habitantes
<b>BÉLGICA</b>	1 sacerdote / 878 habitantes
<b>ESPAÑA</b>	1 sacerdote / 1.264 habitantes
<b>HOLANDA</b>	1 sacerdote / 480 habitantes 1 pároco / 1.220 habitantes
<b>ITÁLIA</b>	1 sacerdote / 1.008 habitantes

<sup>79</sup> *Boletim de Informação Pastoral*, diretor: Manuel Franco Falcão, Ano I, número 2 (junho-julho), União Gráfica SARL, Lisboa, 1959, p. 26

<b>Região</b>	<b>Relação de um sacerdote pela população</b>
<b>IRLANDA</b>	1 sacerdote / 193 habitantes
<b>SUÍÇA</b>	1 sacerdote / 797 habitantes

*Tabela 1 - Relação do efetivo de sacerdotes com os habitantes*

Para além do trabalho de proximidade, verifica-se, ainda, a ocupação dos clérigos noutros âmbitos de ação, como sejam o trabalho nos Seminários (formação e lecionação), a assistência à Ação Católica Portuguesa e a outras associações ou instituições e a direção ou o acompanhamento de obras sociais, no Cabido da Catedral e nos serviços da Cúria Arquidiocesana. Assim, 15 são funcionários da Cúria ou membros do Cabido da Catedral, 38 são formadores ou professores nos Seminários Diocesanos, 20 são assistentes da Ação Católica Portuguesa ou de outras instituições e assistem ou dirigem obras sociais e 5 estão fora da arquidiocese.

Desta apresentação pode deduzir-se que, mesmo não sendo uma densa rede de clero que presta o auxílio e trabalha próximo das pessoas a que está dedicado – na missão tridentina de “cura de almas” e de formação e acompanhamento espiritual no seio das novas realidades pastorais –, esse cuidado é assegurado com um número de clérigos significativo mas relativamente diminuto, atendendo também à existência de uma população dispersa no vasto território que compõe a arquidiocese.

É este o panorama que, sem grandes oscilações, D. Manuel Trindade Salgueiro encontra à sua espera na Arquidiocese de Évora quando, a 16 de Outubro de 1955, entra solenemente para tomar posse da grei que lhe foi confiada.



## CAPÍTULO II

### A ação pastoral em Évora

Tendo sido nomeado a 20 de maio, D. Manuel Trindade Salgueiro toma posse por procuração a 15 de agosto do mesmo ano,<sup>80</sup> encontrando-se à data a assistir no Rio de Janeiro ao Congresso Eucarístico Internacional que teve lugar naquela cidade brasileira. Só vai entrar apoteoticamente na Arquidiocese a 16 de outubro de 1955,<sup>81</sup> proferindo na Sé de Évora a Carta Pastoral de entrada, em que apresenta o seu plano de ação à frente dos destinos da maior diocese do País. Nesse documento norteador da sua ação, apresenta as orientações e problemáticas que deseja enfrentar: a descristianização, o reduzido número de padres e a dificuldade para os colocar e sustentar e a valorização dos Seminários. Porém, a sua ação não se limita a estes três eixos fundamentais, pois será enriquecida com a dinâmica conciliar e com a vivência e começo da receção das diretrizes emanadas do II Concílio Ecuménico do Vaticano.

#### 1. A Carta Pastoral de entrada e o seu plano de ação pastoral

Diante das autoridades eclesiásticas, civis, judiciais e militares, D. Manuel Trindade Salgueiro sobe pela primeira vez ao polido púlpito da Sé de Évora a 16 de outubro para daí ler aos seus novos diocesanos a sua primeira Carta Pastoral. A presença de tantos e tão ilustres titulares de cargos públicos ou eclesiásticos denota a importância da Arquidiocese no plano nacional e eclesial. Os ministros da Marinha e Obras Públicas e subsecretários de Estado da Educação Nacional, Agricultura e Comércio e Indústria, os Reitores e diretores de estabelecimentos de ensino (de Coimbra e de Évora), direções nacionais ou distritais da Legião Portuguesa, da União Nacional e da Mocidade Portuguesa, as câmaras municipais da Arquidiocese,

---

<sup>80</sup> *A Defesa*, ano XXXIII (série semanal – 1687, série diária – 1085, 19/08/1955), p. 1

<sup>81</sup> *Op. cit.*, ano XXXIII (série diária – 1102, 18/10/1955), p. 1

os comandantes militares de Évora, Estremoz e Elvas, as forças de seguranças e os juizes, os bispos (Beja, coadjutor do Algarve e Priene, em representação do Cardeal-Patriarca de Lisboa) e representantes de vários cabidos (Lisboa, Burgos, Porto e Faro) são representativos da importância da Arquidiocese e da relevância da região eborense, assim como da influência da sua figura episcopal em certos círculos do poder político nacional.<sup>82</sup>

Esta Carta, organizada em quatro partes, dirige-se, como é a prática normal da época, ao seu Cabido, Clero, Fiéis e a todos quantos depois a lerem.

Começa D. Manuel por se assumir como sucessor de grandes e ilustres prelados, tendo consciência das responsabilidades que na hora assume. De D. Manuel Mendes da Conceição Santos pede a graça de ser portador de igual zelo e bondade; de D. Domingos Jardo, de D. Frei Manuel do Cenáculo Villas-Boas, de D. Frei Fortunato de S. Boaventura e de D. Augusto Eduardo Nunes pede o fulgor das letras e da palavra clara e concisa que seria timbre dos históricos antecessores; de D. Frei Patrício da Silva, de D. Frei Luís da Silva e de D. António Pereira Bilhano pede o coração generoso e caridoso; acima de tudo e de todos, pede um coração puro e uma alma ardente.<sup>83</sup> «Decididamente os Prelados de Évora entram na galeria dos Bispos de Portugal, como figuras do maior relevo. Gloriosa mas pesada herança a que Deus nos confiou.»<sup>84</sup> Depois elenca o que considera serem as glórias da cidade de Évora, passando em revista os monumentos e momentos que marcaram a história da cidade episcopal, para terminar esta primeira parte da Carta Pastoral com a análise aos labores do episcopado. É aqui que D. Manuel destaca a linhas de ação pastoral, depois de apresentar a forma como vê o episcopado, dizendo:

“Nem todos, é certo, passam pela feira atroz do martírio cruento, como sucedeu aos Apóstolos, nominalmente chamados pelo Mestre, e como sucede aos Bispos da Igreja do silêncio; mas todos têm de santificar-se e promover a santificação dos outros, percorrendo caminhos ensanguentados de Calvário. Nos labores quotidianos dum apostolado que não conhece nem permite tréguas; nas preocupações agudas de cada hora, trazendo na alma a agonia dos

---

<sup>82</sup> *A Defesa*, ano XXXIII (série diária – 1102, 18/10/1955), p. 3

<sup>83</sup> *Op. cit.*, ano XXXIII (série semanal – 1696, série diária – 1103, 21/10/1955), p. 1-2

<sup>84</sup> *Op. cit.*, ano XXXIII (série semanal – 1696, série diária – 1103, 21/10/1955), p. 2

perigos, de defecções e até de apostasias pungentes da Diocese; no dever de dar-se sem reservas e sem limites, consumindo a vida física para que não se apague a vida espiritual dos filhos que traz no coração; na angústia das terríveis, intermináveis solidões, feitas de incompreensão de uns, da contradição de outros, da ausência de muitos, que tinham obrigação de estar presentes; nessas horas de Getsémani, humanamente trágicas, divinamente fecundas e salvadoras, o Bispo crucifica a sua alma por amor de Jesus Cristo e por amor de todos, até daqueles que friamente o crucificam. Por caridade, «tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo sofre»<sup>85</sup>.<sup>86</sup>

Em seguida, o novo Arcebispo de Évora apresenta os que considera como: “estes e muitos outros problemas absorvem-nos já o espírito, fazem-nos pensar nas responsabilidades graves que pesam sobre os nossos frágeis ombros”<sup>87</sup> apontando as suas linhas de ação. A primeira que apresenta visa combater “a descristianização da Diocese”,<sup>88</sup> que acompanhada de “reduzido o número de sacerdotes para tarefa tão árdua”<sup>89</sup> despertam desde o primeiro momento as preocupações do Pastor. Outras linhas, de carácter mais material, são apontadas, porque “se de momento crescesse notavelmente o número das vocações, logo surgiria o grave problema da capacidade dos Seminários, que não comportam maior população”<sup>90</sup> e, ainda, “a dificuldade, por agora insuperável, de colocar decorosamente todos os sacerdotes de que precisa a Diocese, para ser eficazmente evangelizada”.<sup>91</sup>

Na segunda parte da Carta Pastoral, D. Manuel Trindade Salgueiro declara que “com serena confiança, abraçamos a cruz do nosso Pontificado, procurando traduzir na vida as palavras sagradas que tomámos, há quinze anos, como divisa das nossas armas de fé: *Gaudio sustinuit crucem* (Heb. 12, 2).”<sup>92</sup> Apoiado nesta confiança, apoia-se também em homens e mulheres, em primeiro lugar o Cabido, o clero arquidiocesano, os formadores dos Seminários, os seminaristas, os religiosos e religiosas, os leigos (encabeçados pela Ação Católica), todo o “bom povo alentejano”<sup>93</sup> e “todos aqueles de boa vontade, que se interessam pelos problemas

---

<sup>85</sup> 1 Cor. 13,7

<sup>86</sup> *A Defesa*, ano XXXIII (série semanal – 1696, série diária – 1103, 21/10/1955), p. 3

<sup>87</sup> *Op. cit.*, ano XXXIII (série semanal – 1696, série diária – 1103, 21/10/1955), p. 3

<sup>88</sup> *Op. cit.*, ano XXXIII (série semanal – 1696, série diária – 1103, 21/10/1955), p. 3

<sup>89</sup> *Op. cit.*, ano XXXIII (série semanal – 1696, série diária – 1103, 21/10/1955), p. 3

<sup>90</sup> *Op. cit.*, ano XXXIII (série semanal – 1696, série diária – 1103, 21/10/1955), p. 3

<sup>91</sup> *Op. cit.*, ano XXXIII (série semanal – 1696, série diária – 1103, 21/10/1955), p. 3

<sup>92</sup> *Op. cit.*, ano XXXIII (série semanal – 1696, série diária – 1103, 21/10/1955), p. 3

<sup>93</sup> *Op. cit.*, ano XXXIII (série semanal – 1696, série diária – 1103, 21/10/1955), p. 5

do espírito, e de modo particular com o auxílio das autoridades do Estado”.<sup>94</sup> Revela aqui o seu entendimento próprio acerca das relações da Igreja com o Estado, cujo apoio valoriza, na continuidade de um certo catolicismo nacional.<sup>95</sup>

A terceira parte da Carta Pastoral, dedicada ao desenvolvimento do tema da paternidade espiritual, será aprofundada em apartado próprio.

Concluindo, na quarta parte, D. Manuel Trindade Salgueiro saúda todos os que, estando presentes, conseguem alcançar o alto valor espiritual do momento:

“Perante esta impressionante manifestação religiosa, sentimos a necessidade de bendizer as grandezas e munificências do Senhor, que da própria poeira faz claridade, quando a doura o sol das alturas. Os homens valem sempre pouco, mas, quando por trás deles se oculta a silhueta adorável de Cristo, ao passarem por qualquer parte, quem realmente passa é Jesus de Nazaré. A Ele, sim, são devidas todas as honras e todas as glórias.”<sup>96</sup>

Aludindo à presença de Nosso Senhor Jesus Cristo e da Santa Igreja, evoca o Chefe visível da Igreja, o Santo Padre Pio XII e, nele, todos os Bispos da Cristandade, o venerando episcopado português e de modo particular o Cardeal-Patriarca de Lisboa, as autoridades civis e militares, o Cabido e todo o clero, os religiosos e religiosas, os seminaristas, os fiéis, de modo especial os membros da Ação Católica, mas também os que se encontram fora dessa Organização e os que se deslocaram de Lisboa, Coimbra e Ílhavo.<sup>97</sup>

“Não terminaremos esta página comovida, sem saudarmos os filhos da Diocese que vivem fora e talvez longe da Casa de Deus, que também é Casa deles. [/] Outrora, constituíram raça eleita de Cristo quase todos os habitantes desta Arquidiocese. Hoje, em proporção sombria, muitos deles não conhecem os caminhos santos da Igreja, e talvez mesmo alguns ignorem a nobreza divina da sua origem e a transcendência dos seus destinos eternos. [/] Mas, *in oculo Christi*, a todos fraternalmente saudamos – vivam embora em indiferença gelada, em cepticismo doloroso, ou até mesmo em febre encandecida de desespero amargo, de perseguição destruidora ou de revolução sangrenta. [/] Também eles são peregrinos na escalada tormentosa da vida, irmãos cujas preocupações e dores partilhamos, também para eles despontou há vinte

---

<sup>94</sup> *A Defesa*, Ano XXXIII (série semanal – 1696, série diária – 1103, 21/10/1955), p. 5

<sup>95</sup> Cf. FONTES, Paulo F. Oliveira – *Elites católicas em Portugal: o papel da Acção Católica (1940-1961)*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia (2011) 129

<sup>96</sup> *A Defesa*, Ano XXXIII, (série semanal – 1696, série diária – 1103, 21/10/1955), p. 7

<sup>97</sup> *Op. cit.*, Ano XXXIII, (série semanal – 1696, série diária – 1103, 21/10/1955), p. 7-8

séculos a radiosa esperança de Belém, também por eles correu no Calvário o sangue do Salvador.”<sup>98</sup>

E, após esta manifestação de abertura a todos os que habitam no território da sua Arquidiocese, mesmo que afastados da Igreja, termina, fazendo votos de que “quer dar-se sem reservas aos seus arquiocesanos, promete fazer da sua vida, curta ou longa, não importa, hóstia de imolação total, conta com o auxílio de todos, para que seja mais fecundo o sacrifício que o Senhor lhe pede”.<sup>99</sup> Com a retórica própria da época, exprime aqui o sentimento de algumas dificuldades pessoais e de saúde que antecipa, manifestando uma visão religiosa muito marcada pela dimensão sacrificial do seu próprio múnus episcopal, visão essa que complementará com a noção de que deverá ser o exercício da paternidade espiritual que deverá conduzir a sua ação pastoral como Bispo.

## **2. A Paternidade Espiritual – motor da ação pastoral**

A paternidade espiritual é apresentada por D. Manuel Trindade Salgueiro à luz de uma obra sua contemporânea (*L'Évêque*, de D. Émile Guerry, arcebispo de Cambrai – 1954), iniciando com uma abordagem doutrinal e, depois, vivencial.

Fundados no mandato apostólico, os bispos são hoje os sucessores dos apóstolos na tarefa de evangelização e governo das igrejas particulares, sob a autoridade do Romano Pontífice. Assumem, assim, a missão de mestres, legisladores, administradores e juizes na sua igreja particular. No entanto, essa missão tem como alma a paternidade espiritual em que Deus os constituiu a favor das suas dioceses, determinando, movendo, orientando e sobrenaturalizando as suas ações.<sup>100</sup>

---

<sup>98</sup> *A Defesa*, Ano XXXIII (série semanal – 1696, série diária – 1103, 21/10/1955), p. 8

<sup>99</sup> *Op. cit.*, Ano XXXIII (série semanal – 1696, série diária – 1103, 21/10/1955), p. 8

<sup>100</sup> *Op. cit.*, Ano XXXIII (série semanal – 1696, série diária – 1103, 21/10/1955), p. 6

Essa paternidade é caracterizada “pela bondade com que trata todos os seus padres e fiéis, pela caridade pastoral com que vive em seu coração as alegrias, dores, preocupações e perigos dos seus diocesanos, pela autoridade moral que o leva a fazer da sua vida «um serviço de amor», «dom total, entregue em abnegação, dedicação, espírito de sacrifício, amor paternal, sob a inspiração do Espírito que anima a família dos filhos de Deus»”.<sup>101</sup>

Porém, a paternidade divina do Bispo na sua igreja particular, deriva do mistério da própria Igreja, como Nosso Senhor a instituiu. Órgão social a que os homens devem pertencer, para se realizarem sobrenaturalmente, no tempo e na eternidade, a Igreja é essencialmente Cristo, presente na doutrina, nos sacramentos, na hierarquia – compreensão muito distanciada ainda da valorização da ideia de apostolado dos leigos, na senda da visão da Igreja como “corpo místico de Cristo”, tema da encíclica de Pio XII de 1943. “Crêem-se as verdades do Evangelho, porque são palavras de Cristo; operam os sacramentos, *ex opere operato*, porque neles se encerra a virtude infinita de Cristo; também a hierarquia é princípio de vida espiritual, porque participa da vida do próprio Cristo”.<sup>102</sup> Aos Apóstolos, continuados pelos Bispos, Cristo confia o poder de O prolongarem visivelmente até à consumação dos séculos; o Bispo, na Diocese, é a personalidade real, viva e efetiva de Jesus Cristo, sem o qual a Diocese seria morta, porque a vida da Diocese é Cristo.<sup>103</sup>

“Ao Bispo, presença real de Cristo na Igreja, foi-lhe dada a Diocese por mística Espo-  
sa, e assim, por obra da graça, todos os diocesanos são seus filhos espirituais”.<sup>104</sup> Esta filiação manifesta-se primeiramente nos padres, unidos pela comunhão de Fé e de ação no mesmo mistério de vida, para a santificação da Grei, participando intimamente da caridade pastoral do Bispo, pelas mãos de quem recebem os poderes que iluminam e glorificam todo o sacerdócio;<sup>105</sup> mas também se transmite essa vida sobrenatural a todos os fiéis, “pois onde está o Bis-

---

<sup>101</sup> GUERRY, *L'Évêque*, p. 59 in *A Defesa*, Ano XXXIII (série semanal – 1696, série diária – 1103, 21/10/1955), p. 6

<sup>102</sup> *A Defesa*, ano XXXIII (série semanal – 1696, série diária – 1103, 21/10/1955), p. 6

<sup>103</sup> *Op. cit.*, ano XXXIII (série semanal – 1696, série diária – 1103, 21/10/1955), p. 6

<sup>104</sup> *Op. cit.*, ano XXXIII (série semanal – 1696, série diária – 1103, 21/10/1955), p. 6

<sup>105</sup> *Op. cit.*, ano XXXIII (série semanal – 1696, série diária – 1103, 21/10/1955), p. 6

po está a Diocese, onde está a Diocese está a Igreja, e onde está a Igreja está Cristo, princípio de luz e de vida de todo «o homem que vem a este mundo». O Bispo é, pois, o Pai espiritual da Diocese, por [este] ser mística e realmente a presença de Nosso Senhor Jesus Cristo.”<sup>106</sup> Daqui se depreende a visão de Igreja que predomina na ação pastoral de D. Manuel Trindade Salgueiro: embora inspirada e contendo elementos da visão de Igreja como corpo místico de Cristo, que é consagrada por Pio XII, D. Manuel Trindade Salgueiro assenta a sua eclesiologia na relação sponsal, entre o Bispo e a Igreja (paralelo entre Cristo e a Igreja), de onde brotam os fiéis como filhos espirituais. Embora sendo uma eclesiologia hierárquica, não deixa de sublinhar a importância dos filhos, para os quais é a vida do Pai espiritual, que se entrega pela esposa e pelos filhos.

“Alma da Diocese, como Pai, Jesus Cristo, por título igual, está presente no Bispo, cuja missão, como no tempo dos velhos Patriarcas, antes do sacerdócio levítico, até sob o aspecto pontifical tem sua essência na paternidade espiritual, segundo a ordem de Melquisedech.”<sup>107</sup> Assim, também o bispo e o presbítero devem alimentar a sua paternidade espiritual. Daí que a noção de sacerdócio que D. Manuel Trindade Salgueiro perfilha é a de pai, o sacerdócio como entrega pelos filhos, o sacerdócio como oblação e como doação pela grei.

“Por mais linda que seja a doutrina, ficará sempre sem fruto, como a figueira estéril do Evangelho, se não se traduzir em vida”<sup>108</sup> e, assim, D. Manuel Trindade Salgueiro apresenta a vida do Pai espiritual da Diocese em relação à vida de Nosso Senhor. Os trinta e três anos de vida mortal do Mestre, com os seus problemas, são paradigma para o Bispo que se ocupa das questões temporais mas que “tem de pairar pela fé e pelo amor acima da terra”;<sup>109</sup> as relações sociais e familiares do Mestre, de modo eminente com Sua Mãe Santíssima, revelam ao Bispo que “para além dos laços da carne e do sangue, a lição mais forte era a da virtude”<sup>110</sup> porque nessas relações, se a alma se prende às pessoas e até às coisas, apenas a imensidade amorosa

---

<sup>106</sup> *A Defesa*, ano XXXIII (série semanal – 1696, série diária – 1103, 21/10/1955), p. 6

<sup>107</sup> *Op. cit.*, ano XXXIII (série semanal – 1696, série diária – 1103, 21/10/1955), p. 6

<sup>108</sup> *Op. cit.*, ano XXXIII (série semanal – 1696, série diária – 1103, 21/10/1955), p. 7

<sup>109</sup> *Op. cit.*, ano XXXIII (série semanal – 1696, série diária – 1103, 21/10/1955), p. 7

<sup>110</sup> *Op. cit.*, ano XXXIII (série semanal – 1696, série diária – 1103, 21/10/1955), p. 7

do Senhor enche os vazios que se abrem, nas separações ou afastamentos, pela generosidade da doação total.<sup>111</sup>

Então, “a paternidade espiritual do Bispo se debruça fundamentalmente sobre as necessidades morais dos seus filhos. Trá-los no coração, vive a sua vida, sente o mesmo prazer em sofrer por eles, de modo que o sacrifício perde o seu carácter agressivo, para ser apenas aspecto superior e agradável da missão que Deus lhe confiou”<sup>112</sup> o que não pode significar abandono, comodismo ou demissão mas firmeza na indulgência, penetração na compreensão, disciplina dentro das possibilidades de cada um, serenidade em todas as horas, confiança e paciência, até quando as deficiências se acumulam e, algumas vezes, força para reprimir abusos.<sup>113</sup> “Pertencendo aos filhos a vida do pai, logicamente lhes pertence tudo quanto o pai possa possuir”<sup>114</sup>, sendo exemplo acabado e a imitar por D. Manuel Trindade Salgueiro, o de D. Manuel Mendes da Conceição Santos, “que escreveu com o seu próprio sangue o seu acto de oblação plena, de vida, de reputação, de pretensões, de gostos, de direitos, para viver em Cristo, e para dar a Deus as almas que Deus lhe confiara, sobretudo as almas sacerdotais, todas, afinal, almas de filhos, pelo espírito e pela graça.”<sup>115</sup>

A espiritualidade da paternidade espiritual do Bispo para com os seus arquidiocesanos assume em D. Manuel Trindade Salgueiro uma força e significado ainda maior como motor da sua ação pastoral. Órfão de pai desde tenra idade, criado apenas pela sua mãe, o referencial masculino da sua educação só o vai encontrar no Seminário, em Coimbra, nos seus professores e superiores. Porém, na sua vida espiritual vai encontrar o seu papel como pai, na educação das gerações do Seminário de Coimbra, do C. A. D. C. ou da Faculdade de Letras, e de modo proeminente, no seu múnus episcopal e na direção da Ação Católica.

D. Manuel Trindade Salgueiro assume a paternidade espiritual como motor da sua ação pastoral e raiz do entendimento do seu papel episcopal, seja na relação com o comum

---

<sup>111</sup> *A Defesa*, ano XXXIII (série semanal – 1696, série diária – 1103, 21/10/1955), p. 7

<sup>112</sup> *Op. cit.*, ano XXXIII (série semanal – 1696, série diária – 1103, 21/10/1955), p. 7

<sup>113</sup> *Op. cit.*, ano XXXIII (série semanal – 1696, série diária – 1103, 21/10/1955), p. 7

<sup>114</sup> *Op. cit.*, ano XXXIII (série semanal – 1696, série diária – 1103, 21/10/1955), p. 7

<sup>115</sup> *Op. cit.*, ano XXXIII (série semanal – 1696, série diária – 1103, 21/10/1955), p. 7

dos fiéis, seja na relação com o seu presbitério. É ancorado nesta ideia de relação paternal que procura corrigir e levar à perfeição de forma concreta e convincente, através de uma pastoral de educação, de crescimento e de coerência daqueles que lhe são confiados. Como pai espiritual da Arquidiocese deseja assumir as suas debilidades e procura ser o primeiro exemplo na generosidade e na seriedade da vida cristã para que, atraídos por si, os seus filhos sigam as suas pisadas no caminho da verdade, que lhes aponta.

A visão da Arquidiocese que tem D. Manuel Trindade Salgueiro é a de um longo território descristianizado, esperançado nos Seminários e carecido de efetivos eclesiais. Porém, D. Manuel Trindade Salgueiro não se resigna ao conformismo e, mesmo com os condicionamentos que lhe vão toldando a ação pastoral, enfrenta com audácia e confiança os desafios que assume desde a primeira hora.

### **3. A Descristianização**

“Como bordão melancólico, afirma-se constantemente ser desolada a paisagem do Alentejo. Em sentido geográfico, haverá exagero na afirmação. Quem viu os vastos campos da planície ardente, recoberta dos trigais verdes que ondeiam ao sopro de vento brando, ou se do-  
bram e se quebram, como em agonia, sob as lufadas loucas dos tufões; quem os viu dourados, em messe promissora, à luz clara do sol fecundo; quem assistiu à azáfama febril da arada, da sementeira, da monda e da ceifa, o ritmo de canções dolentes, onde será lícito adivinhar reminiscências mouriscas; quem presenciou o desfile pitoresco de rebanhos numerosos, tristes e mansos, que na primavera se fartam da pastagem das ervas frescas e no estio e no outono mal encontram pábulo avaro no feno seco e duro; quem entrou no silêncio bucólico de suas estradas sem fim; quem sentiu a vida humana, inquieta e ansiosa, presa à vida estuante da natureza, que sustenta e enriquece, não pode falar de paisagem desolada. [/] Desolação pesada, há-a sim, na paisagem religiosa das almas. A Diocese de Évora, que noutros tempos foi fornalha do espírito a rebrilhar ao sol da fé, hoje, em muitas das suas freguesias, é como silencioso sepulcro, onde Cristo jaz ignorado e frio. E, nas circunstâncias que, condicionam a vida de certas regi-

ões e de muitos «montes», não se atina com clareza na maneira eficaz de se fazer a sementaria do Evangelho.”<sup>116</sup>

É desta forma que D. Manuel Trindade Salgueiro apresenta a primeira linha de ação que pretende desenvolver: o combate à descristianização da Arquidiocese. O tema da descristianização é tomado tendo no horizonte uma sociedade que fora cristã e que, dados os condicionamentos do liberalismo, republicanismo, ateísmo e laicismo, se arredou dos caminhos da Fé, pelo menos na sua expressão vivencial e pública, podendo resistir nas devoções ou superstições pessoais, necessitando de purificações e de voltar à prática pública da Fé católica e romana, expressa na adesão aos movimentos e na celebração dos sacramentos, primordialmente o Batismo, a Eucaristia e o Matrimónio.

Num artigo de 1960, contido no Boletim de Informação Pastoral,<sup>117</sup> Manuel Franco Falcão desenhava um mapa da descristianização assente em três eixos básicos (a prática dominical, os casamentos civis e a declaração de não religião) e seis eixos complementares (a adesão à Ação Católica Portuguesa, a criminalidade, a natalidade ilegítima, a ruralidade, a propriedade rústica e o proletariado agrícola). Nesse mapa, a Arquidiocese de Évora é, na sua quase totalidade, apresentada como “descristianizada” (o terceiro nível mais elevado em quatro possíveis) e, nas faixas sul e sudoeste e no ponto nordeste, é apresentada como “terra de missão” (o nível mais elevado).

A descristianização, como é apresentada nesse artigo e pode ser percecionada comumente, caracteriza-se por uma prática dominical que oscila entre os 5 e 15% da população, ou menos, nas dioceses do Sul, podendo este valor aumentar no que diz respeito à prática pascal; pelo elevado número de casamentos apenas civis e de mancebias, demonstrando uma “muito fraca integração das populações do sul na disciplina e na vida da Igreja”;<sup>118</sup> pela declaração de não religião, prestada nos Censos, que, embora reduzindo em relação a 1940 (onde atingiu os

---

<sup>116</sup> *A Defesa*, ano XXXIII (série semanal – 1696, série diária – 1103, 21/10/1955), p. 3

<sup>117</sup> *Boletim de Informação Pastoral*, diretor: Manuel Franco Falcão, Ano II, número 7 (março-abril-maio), União Gráfica SARL, Lisboa, 1960, p. 16-20

<sup>118</sup> *Op. cit.*, p. 16

6,9% da população) é admitida por 3% da população nacional, aparecendo o “sul revestidos de cores escuras, contrastando com o norte, limpo da mancha da irreligiosidade.”<sup>119</sup>

Diante deste panorama, revelado também na fraca adesão à Ação Católica Portuguesa,<sup>120</sup> D. Manuel Trindade Salgueiro lança mão das estruturas arquidiocesanas já existentes ou cria novas estruturas para combater a descristianização presente e levar à construção de uma nova sociedade, cristã e militante, através do apostolado dos leigos (na Ação Católica Portuguesa, nos Cursilhos de Cristandade, nas Conferências de São Vicente de Paulo e na Obra das Vocações Sacerdotais e Secretariado Diocesano da Catequese), dos acontecimentos religiosos públicos marcantes (as visitas pastorais, as peregrinações arquidiocesanas e as missões populares) e de uma nova geografia religiosa (no regresso da Cartuxa, na instalação da vida contemplativa e na ação dos religiosos e religiosas de vida ativa).

### **3.1. Apostolado dos leigos**

“Florescem já na Diocese as associações de piedade e de apostolado dos leigos. [/] Mais instante do que noutras Dioceses é em Évora esse apostolado, porque os sacerdotes, em tão reduzido número, não podem chegar a toda a parte, e há meios onde não conseguem penetrar. [/] Todavia, fossem legião e abrissem-se-lhes de par em par todas as portas, nem por isso os leigos ficariam dispensados de exercer acção apostólica, porque também eles, por sua «sacralidade», nascida no Sacramento do Baptismo e robustecida no Sacramento da Confirmação, são chamados a dilatar o reino de Deus, colaborando com a Igreja à qual pertencem, como filhos e soldados. [/] Essas associações, que generosamente combatem o bom combate, todas elas têm lugar especial no coração do Prelado. Beneméritas, por seu ardor apostólico, todas merecem reconhecimento e louvor.”<sup>121</sup>

#### **3.1.1. Ação Católica Portuguesa**

A Ação Católica Portuguesa foi instituída pelo Episcopado Português em 1933, sendo as suas Bases Orgânicas promulgadas a 16 de novembro, depois de uma carta recebida pelo

---

<sup>119</sup> *Boletim de Informação Pastoral*, diretor: Manuel Franco Falcão, Ano II, número 7 (março-abril-maio), União Gráfica SARL, Lisboa, 1960, p. 17

<sup>120</sup> No referido artigo, em cartograma próprio, apresenta-se para a Arquidiocese de Évora uma adesão de 2 a 5 associados da Ação Católica por mil habitantes. Cf. *Boletim de Informação Pastoral*, diretor: Manuel Franco Falcão, Ano II, número 7 (março-abril-maio), União Gráfica SARL, Lisboa, 1960, p. 18

<sup>121</sup> *A Defesa*, ano XXXIII (série semanal – 1696, série diária – 1103, 21/10/1955), p. 5

Cardeal Patriarca de Lisboa a 10 de novembro de 1933 da parte do Santo Padre Pio XI (carta *Ex Officios Litteris*). Constituída como instrumento adequado para impregnar cristãmente a sociedade, seria a forma prioritária do apostolado dos fiéis, sob a direção dos bispos, concorrendo para que a Igreja de Deus se dilatasse na sociedade, complementando, a seu modo, o ministério episcopal. A sua organização, que tinha como conceção o movimento total, considerava-se como corpo orgânico e hierarquicamente estruturado nos planos nacional, diocesano e paroquial ou local; essa organização apoiava-se, num primeiro momento, na estruturação de acordo com o modelo italiano (ação católica geral), em que os núcleos se agrupam por idade e sexo em quatro grandes organizações, com estatuto próprio (Liga dos Homens da Ação Católica – rebatizada nos anos 50 simplesmente como Liga Católica; Liga das Mulheres da Ação Católica – que passou a Liga da Ação Católica Feminina e, depois, a Liga Católica Feminina; Juventude Católica e Juventude Católica Feminina) mas, progressivamente, foi especializando-se dentro de cada uma das organizações, de acordo com o «meio social» e profissional (Agrário ou Rural; Escolar; Independente; Operário e Universitário) dando origem a vinte organismos especializados.<sup>122</sup>

Na Arquidiocese de Évora a Ação Católica deve ter sido instituída o mais rapidamente possível, posto que a decisão de estabelecer a Ação Católica Portuguesa foi uma iniciativa episcopal (mediante a indicação de Pio XI) e os prelados, nas respetivas dioceses, deviam assegurar a sua instituição e normal funcionamento. No jornal periódico arquidiocesano «A Defesa» encontram-se referências à nomeação do Assistente eclesiástico arquidiocesano (cônego Manuel Cebolas Folgado) e do secretário para a ação social católica (padre Francisco Maria da Silva) a 13 de janeiro de 1934;<sup>123</sup> à nomeação da Presidente arquidiocesana da Juventude Católica Feminina e, por sua indicação, das presidentes da Juventude Escolar Católica Feminina, da Juventude Operária Católica Femininas e das Benjamins, das presidentes da

---

<sup>122</sup> Cf. António MATOS FERREIRA e Paulo F. de Oliveira FONTES, “Acção Católica Portuguesa”, in Carlos AZEVEDO (Dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Círculo de Leitores, Lisboa, 2000, 1.ª edição, volume A-C, p. 10-12

<sup>123</sup> *A Defesa*, ano XI (número 566, 13/01/1934), p. 2

Juventude Católica Feminina de Évora, Arraiolos, Borba, Coruche e Elvas e das presidentes da Juventude Católica de Estremoz, Montemor-o-Novo, Mora, Viana do Alentejo e Vila Viçosa a 15 de junho de 1935;<sup>124</sup> e o juramento dos dirigentes arquidiocesanos da Ação Católica, no dia de Cristo Rei de 1937, mencionando alguns, como sejam os presidentes da Liga Operária Católica, da Juventude Escolar Católica e da Juventude Escolar Católica Feminina, da Juventude Católica Feminina e das Benjamins, entre outros.<sup>125</sup>

Quando em 1955 D. Manuel Trindade Salgueiro é nomeado e toma posse como Arcebispo de Évora tem um longo e profundo conhecimento da realidade nacional e diocesana da Ação Católica Portuguesa, pois entre 1941 e 1955 foi o Presidente da Junta Central, cargo que lhe valeu o contacto com os dirigentes e membros do movimento de apostolado laical.

#### **a. A estrutura arquidiocesana da Ação Católica**

A 18 de novembro de 1955, praticamente um mês depois da sua entrada solene em Évora, D. Manuel Trindade Salgueiro comunica através do semanário da Arquidiocese, em provisão, os membros dirigentes da Ação Católica arquidiocesana, permitindo assim saber quais as organizações e organismos que funcionavam ao nível diocesano. Assim, são nomeados “militantes devotados da Acção Católica, atendendo também aos méritos que os distinguem e aos relevantes serviços já prestados”.<sup>126</sup> Sem referência ao Presidente da Junta Arquidiocesana, é nomeado novo vice-presidente e as novas direções arquidiocesanas da Liga Católica (LC), da Juventude Católica (JC) e Juventude Católica Feminina (JCF) e de praticamente todos os organismos: Liga Agrária Católica (LAC) e Liga Agrária Católica Feminina (LACF), Liga Escolar Católica (LEC) e Liga Escolar Católica Feminina (LECF), Liga Independente Católica (LIC) e Liga Independente Católica Feminina (LICF), Liga Operária Católica (LOC) e Liga Operária Católica Feminina (LOCF), Juventude Agrária Católica (JAC) e Juventude Agrária Católica Feminina (JACF), Juventude Escolar Católica (JEC) e Juventude Escolar

---

<sup>124</sup> *A Defesa*, ano XIII (número 640, 15/06/1935), p. 3

<sup>125</sup> *Op. cit.*, ano XV (número 765, 06/11/1937), p. 1

<sup>126</sup> *Op. cit.*, ano XXXIII (série semanal – 1700, série diária - 1100, 18/11/1955), p. 1

Católica Feminina (JECF), Juventude Independente Católica (JIC) e Juventude Independente Católica Feminina (JICF), Juventude Operária Católica (JOC) e Juventude Operária Católica Feminina (JOCF); as direções das secções locais são nomeadas para os organismos da LEC e LECF, LIC e LICF, LOC e LOCF, JEC (para o Liceu Nacional de Évora) e JECF (para o Liceu Nacional de Évora, para o Magistério Primário e para o Colégio de Nossa Senhora do Carmo, na cidade de Évora), JIC e JICF, JOC e JOCF (para a paróquia da Sé e de São Mamede) e a responsável das Prés da JOCF.<sup>127</sup>

Neste elenco é de notar a ausência dos organismos do meio universitário, explicável pela inexistência de instituições de ensino superior universitário na Arquidiocese de Évora. Assim, o meio universitário só foi assumido na Ação Católica eborense em 1959,<sup>128</sup> sendo até aí a sua ausência suprida pelos organismos escolares, que atuavam nas escolas, colégios e liceus.

Durante os seus dez anos como diretor da Ação Católica na Arquidiocese de Évora, D. Manuel Trindade Salgueiro proveu, em cada ano, as direções arquidiocesanas e locais:

Ano	Nível arquidiocesano	Nível local
1956	Presidência da Junta Arquidiocesana e das LC e LCF, das JC e JCF. <sup>129</sup>	
1957	Presidência das LAC, LACF, LEC, LECF, LIC, LICF, LOC, LOCF, JAC, JACF, JEC, JECF, JICF, JOC e JOCF. <sup>130</sup>	Estremoz: LCF, LIC, LICF, LOCF, JCF, JIC e JOCF; Vendas Novas: Junta de Paróquia, LOC, LAC, LCF e JOC, Comissão Organizadora das LACF, LECF, LICF, LOCF, JOCF e Pré-JOCF; Borba: LICF e JOCF. <sup>131</sup>
1958	Assistente Eclesiástico e adjunto do Assistente Eclesiástico da Junta Arquidiocesana; Presidência e Vice-Presidência da Junta Arquidiocesana e das LC e LCF, JC e JCF, LACF, LEC e LECF, LIC e LICF, LOC e LOCF, JAC e JACF, JEC e JECF, JICF, JOC e JOCF. <sup>132</sup>	

<sup>127</sup> *A Defesa*, ano XXXIII (série semanal – 1700, série diária - 1100, 18/11/1955), p. 1-2

<sup>128</sup> *Op. cit.*, ano XXXVII (número 1898, 14/11/1959), p. 2.9

<sup>129</sup> *Op. cit.*, ano XXXIII (série semanal – 1700, série diária - 1100, 18/11/1955), p. 1-2

<sup>130</sup> *Op. cit.*, ano XXXV (número 1791, 02/11/1957), p. 1.10

<sup>131</sup> *Op. cit.*, ano XXXV (número 1791, 02/11/1957), p. 7

<sup>132</sup> *Op. cit.*, ano XXXVI (número 1843, 01/11/1958), p. 5

Ano	Nível arquidiocesano	Nível local
1959	Presidência da Junta Arquidiocesana e das LC e LCF, JC e JCF, LACF, LEC e LECF, LIC e LICF, LOC e LOCF, Liga Universitária Católica Feminina (LUCF), JAC e JAC, JEC e JECF, JICF, JOC e JOCF. <sup>133</sup>	Cabeção: LACF e JACF; Pavia: LAC e LACF, JAC e JACF. <sup>134</sup>
1960	Presidências das LEC, LIC, LOC, JEC e JOCF. <sup>135</sup>	Estremoz: LCF, JCF, LIC e LICF, LOCF, JICF e JOCF. <sup>136</sup>
1961	Presidências das LACF, LEC e LECF, LIC e LICF, LOC e LOCF, LUCF, JACF, JEC e JECF, JICF, JOC e JOCF. <sup>137</sup>	
1962	Assistente Eclesiástico da Junta Arquidiocesana; Presidência da Junta Arquidiocesana e das LC e LCF, JC e JCF. <sup>138</sup>	
1963	Presidências das LACF, LEC e LECF, LICF, LOC e LOCF, LUCF, JACF, JEC e JECF, JICF, JOC e JOCF. <sup>139</sup>	Elvas: JOC e JACF, Estremoz: LCF e LICF; Fonteira: JACF, Redondo: JOC e JOCF, São Bento do Cortiço: JACF; Sousel: JACF; Vendas Novas: LACF, LECF, LICF, LOCF e JOCF. <sup>140</sup>

Tabela 2 – Nomeações de direções das Organizações e organismos da Ação Católica.

Também no exercício da direção arquidiocesana da Ação Católica, o Prelado visitou e acompanhou o desenvolvimento e implantação deste movimento, estando perto e fomentando o seu crescimento. Para o ano de 1959 estão disponíveis mapas que nos permitem aferir a real adesão à Ação Católica no território português. Na Arquidiocese de Évora estamos a falar de uma população de 1646 pessoas – 114 na Liga Católica, 662 na Liga Católica Feminina, 182 na Juventude Católica, 535 na Juventude Católica Feminina, 13 na pré-Juventude Católica e 140 na pré-Juventude Católica Feminina. Então, e comparando os valores da população da Arquidiocese de Évora com os associados da Ação Católica podemos concluir que a percentagem de associados era de 0,45% da população total e de 0,47% da população católica; 0,17% de associados do sexo masculino em relação à população total e de 0,18% na população católica masculina; 0,72% de associados do sexo feminino em relação à população total e de 0,75% na população católica feminina, tendo como base os Censos de 1960. Estes dados

<sup>133</sup> *A Defesa*, ano XXXVII (número 1898, 14/11/1958), p. 2.9

<sup>134</sup> *Op. cit.*, ano XXXVII (número 1898, 14/11/1958), p. 8

<sup>135</sup> *Op. cit.*, ano XXXVIII (número 1950, 12/11/1959), p. 3.6

<sup>136</sup> *Op. cit.*, ano XXXVIII (número 1950, 12/11/1960), p. 6

<sup>137</sup> *Op. cit.*, ano XXXIX (número 2001, 04/11/1961), p. 3.4

<sup>138</sup> *Op. cit.*, ano XL (número 2053, 03/11/1962), p. 1.10

<sup>139</sup> *Op. cit.*, ano XLI (número 2105, 02/11/1963), p. 1.3

<sup>140</sup> *Op. cit.*, ano XLI (número 2102, 12/10/1963), p. 10

tomam ainda outros contornos quando nos apercebemos da sua distribuição por organismos e do número de secções de cada organismo.

Organismos masculinos			Organismos femininos		
	Associados	Secções		Associados	Secções
LAC	-	-	LACF	138	10
JAC	45	4	JACF	111	7
LEC	15	1	LECF	56	6
JEC	99	4	JECF	283	7
LIC	50	2	LICF	285	10
JIC	-	-	JICF	65	6
LOC	30	3	LOCF	183	9
JOC	51	5	JOCF	216	17
LUC	19	1	LUCF	-	-
JUC	-	-	JUCF	-	-
<b>Subtotal</b>	309	20	<b>Subtotal</b>	1337	72
<b>Total de associados – 1646</b>					
<b>Total de secções – 92</b>					

Tabela 3 – Associados e secções da Ação Católica na Arquidiocese de Évora em 1959<sup>141</sup>

Da tabela conclui-se que a Ação Católica na Arquidiocese de Évora era predominantemente feminina, quer no número de associados, quer no número de secções. É de notar ainda a ausência de organismos agrários masculinos adultos e juvenis universitários.

Na dinâmica de cristianização da sociedade, mística da Ação Católica, foram necessários impulsos e novas apostas que tomaram corpo na Arquidiocese de Évora através de peregrinações, sessões de estudos e cursos de iniciação teológica e à Fé.

Público-alvo	Data	Local	Disciplinas	Professores
Sacerdotes	12 a 14 de nov. 1962	Évora		Pe. Serrazina e Eng. Magalhães
Filiados	Nov. 1962 a abr. de 1963	Évora (185) Elvas (151)	Sagrada Escritura; Teologia Dogmática;	Cón. Dr. Sebastião Martins dos Reis;

<sup>141</sup> *Boletim de Informação Pastoral*, diretor: Manuel Franco Falcão, Ano I, número 5 (dezembro), União Gráfica SARL, Lisboa, 1959, p. 20

<b>Público-alvo</b>	<b>Data</b>	<b>Local</b>	<b>Disciplinas</b>	<b>Professores</b>
			Sociologia; Direito Canónico; Liturgia; História Eclesiástica; História da Igreja em Portugal; Teologia Moral	Cón. Dr. Henrique José Marques; Cón. Dr. José Pires Patacas; Pe. Júlio César Baptista; Pe. Serafím Tavares
Dirigentes	4 a 6 de out. 1963	Évora	A Ação Católica, movimento da Igreja; A missão dos Dirigentes; Função específica do Dirigente Diocesano; Colaboração apostólica	Mons. Dr. Sezinando de Oliveira Rosa e Pe. Aurélio Granada
Dirigentes e Filiados	26 e 27 de fev. 1964	Elvas (70)	O apostolado dos leigos na hora atual; A Ação Católica – expressão concreta desse apostolado como movimento da Igreja; A Ação Católica e a vida cristã nos nossos dias; Espiritualidade do filiado; A Ação Católica Portuguesa correspondendo ao pensamento da Igreja, aos ensinamentos dos Papas e às Diretrizes dos Bispos (organização e estrutura); Metodologia da Ação Católica e plano de ação	Mons. Dr. Sezinando de Oliveira Rosa e Pe. Aurélio Granada
Dirigentes e Filiados	3 a 5 de nov. 1964	Vendas Novas (100)	A Ação Católica como movimento da Igreja; Caraterísticas e organização própria da A. C. P.; A Ação Católica como movimento de massa – um escol ao serviço da massa; A personalidade do militante da A. Católica, a sua ação pessoal e com o grupo; As campanhas na A. Católica: objetivos, planificação e realização – a campanha do ano; Funcionamento de uma secção – o espírito de equipa, suas atividades.	Mons. Dr. Sezinando de Oliveira Rosa e Pe. Aurélio Granada
Dirigentes e Militantes	12 a 14 de nov. 1964	Évora	A Ação Católica no momento atual da Igreja, na palavra do Papa e no pensamento dos Padres Conciliares; Exigências do Mandato apostólico e deveres dos Dirigentes; As linhas mestras de uma ação apostólica autêntica; Atuação prática do Dirigente na sua missão própria;	Mons. Dr. Sezinando de Oliveira Rosa e Pe. Aurélio Granada

<b>Público-alvo</b>	<b>Data</b>	<b>Local</b>	<b>Disciplinas</b>	<b>Professores</b>
			Relações do Dirigente com a Hierarquia e, designadamente, com o respetivo Assistente; Campanha do Ano – a Família.	
Dirigentes e Filiados	23 e 24 de jan. 1965	Estremoz	A Ação Católica como movimento da Igreja; Caraterísticas e organização própria da A. C. P.; A Ação Católica como movimento da Massa – um escol ao serviço da Massa; A personalidade do militante da Ação Católica, a sua ação pessoal e com o grupo; As campanhas na A. Católica: objetivos, planificação e realização – a campanha do ano; Funcionamento de uma secção – o espírito de equipa, suas atividades.	Mons. Dr. Sezinando de Oliveira Rosa e Pe. Aurélio Granada

*Tabela 4 – Datas dos Cursos propostos pela Ação Católica na Arquidiocese de Évora<sup>142</sup>*

Os cursos, pode então afirmar-se, eram lecionados por membros do Secretariado Central da Ação Católica Portuguesa (com exceção para o curso de filiados entre novembro de 1962 e abril de 1963 que foi lecionado pelos professores do Seminário de Évora); o segundo curso não aborda temáticas estritamente ligadas à Ação Católica mas sim de formação de base para leigos; as temáticas posteriores prendiam-se com o aprofundamento da mística e do funcionamento da Ação Católica, sendo de notar que é abordada a personalidade militante da Ação Católica e as exigências do mandato apostólico.

Também graças ao auxílio de outras obras, que desenvolviam no cristão ou nas comunidades a mística da cristianização da sociedade, a Ação Católica desenvolveu e aproximou-se das realidades socio-eclisiais, permeabilizando de maneira mais eficaz o meio onde se encontrava.

<sup>142</sup> Cf. *A Defesa*, ano XL (número 2052, 27/10/1962, p. 10; número 2054, 10/11/1962, p. 4.9.10); ano XLI (número 2092, 03/08/1963, p. 8; número 2099, 21/09/1963, p. 2; numero 2119, 08/02/1964, p. 10; ano XLII (números 2154, 10/10/1964, p. 10; número 2157, 31/10/1964, p. 11; número 2158, 07/11/1964, p. 10; número 2167, 08/01/1965, p. 10; número 2168, 16/01/1965, p. 12)

## b. Os Cursilhos de Cristandade

Este movimento, de origem espanhola, foi oficialmente iniciado em 1949, em Palma de Maiorca (Espanha), tendo como objetivo principal levar os diocesanos de Palma de Maiorca a uma vivência do fundamental cristão. Alastrou a diferentes países a partir de 1953, baseando-se na teologia da Graça e a partir da apresentação teológica do conteúdo essencial do cristianismo, pela partilha vivencial e testemunhal, num estilo jubiloso de proclamação da esperança.<sup>143</sup> Os Cursilhos ou Cursos de Cristandade chegaram a Évora onde tiveram o seu primeiro encontro em Janeiro de 1962.<sup>144</sup>

Número	Tipo	Data	Local	Participantes
1.º	Homens	3 a 6 de janeiro de 1962	Évora	
2.º	Homens	21 a 24 de fevereiro de 1962	Elvas	43
3.º	Homens		Évora	43
4.º	Homens	Em julho de 1962	Évora	
5.º	Homens	Em setembro de 1962	Évora	
6.º	Homens	7 a 10 de novembro de 1962	Évora	45
1.º	Senhoras	21 a 24 de janeiro de 1963 <sup>145</sup>	Évora	45
8.º	Homens	23 a 26 de fevereiro de 1963		
14.º	Homens	31 de julho a 3 de agosto de 1963		
16.º	Homens	23 a 26 de outubro de 1963		
17.º	Homens	20 a 23 de novembro de 1963		
18.º	Homens	26 a 29 de dezembro de 1963		
	Senhoras	15 a 18 de janeiro de 1964	Elvas	
19.º	Homens	22 a 25 de janeiro de 1964	Elvas	

<sup>143</sup> Cf. Paulo F. de Oliveira FONTES, “Cursilhos de Cristandade”, in Carlos AZEVEDO (Dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Círculo de Leitores, Lisboa, 2000, 1.ª edição, volume C-I, p. 40-41

<sup>144</sup> *A Defesa*, ano XXXIX (número 2008, 29/12/1961), p. 1

<sup>145</sup> *Op. cit.*, ano XL (número 2060, 22/12/1962); suplemento «Vocações» – mensário da Obra das Vocações Sacerdotais da Arquidiocese de Évora, p. 4

Número	Tipo	Data	Local	Participantes
20.º	Homens	8 a 11 de fevereiro de 1964	Elvas	40
21.º	Homens	4 a 11 de março de 1964	Évora	
22.º	Homens	1 a 4 de abril de 1964	Évora	
23.º	Homens	29 de abril a 2 de maio de 1964	Vila Fernando	
24.º	Homens	27 a 30 de maio de 1964	Évora	
25.º	Homens	17 a 20 de junho de 1964	Évora	
26.º	Homens	22 a 25 de julho de 1964	Estremoz	
27.º	Homens	7 a 10 de outubro de 1964	Évora	
6.º	Senhoras	4 a 7 de novembro de 1964	Évora	
28.º	Homens	2 a 5 de dezembro de 1964	Évora	
7.º	Senhoras	6 a 9 de janeiro de 1965		
29.º	Homens	10 a 14 de fevereiro de 1965		
8.º	Senhoras	1 a 4 de março de 1965		
30.º	Homens	31 de março a 3 de abril de 1965		
9.º	Senhoras	12 a 15 de maio de 1965		
10.º	Senhoras	9 a 12 de junho de 1965		
31.º	Homens	23 a 26 de junho de 1965		
32.º	Homens	21 a 24 de julho de 1965	Vila Viçosa	

*Tabela 5 – Cursos de Cristandade realizados na Arquidiocese de Évora desde o seu surgimento até à morte de D. Manuel Trindade Salgueiro<sup>146</sup>*

Daqui se depreende o fulgor e entusiasmo de que se rodearam os Cursos de Cristandade desde que surgiram na Arquidiocese de Évora. Este novo tipo de movimento, embora inse-

<sup>146</sup> Cf. *A Defesa*, ano XXXIX (número 2014, 03/02/1962, p. 12); ano XL (número 2053, 03/11/1962, p. 3; número 2060, 22/12/1962, p. 4; número 2065, 26/01/1963, p. 4; número 2066, 02/02/1963, p. 10); ano XLI (número 2092, 03/08/1963, p. 8; número 2104, 26/10/1963, p. 10; número 2107, 23/11/1963, p. 10; número 2112, 21/12/1963, p. 12; número 2114, 11/01/1964, p. 10; número 2119, 08/02/1964, p. 4; número 2123, 07/03/1964, p. 10); ano XLII (número 2127, 04/04/1964, p. 9; número 2131, 02/05/1964, p. 1; número 2134, 23/05/1964, p. 1; número 2143, 18/07/1964, p. 8; número 2154, 03/10/1964, p. 10; número 2161, 28/11/1964, p. 9; número 2162, 05/12/1964, p. 10; número 2170, 30/01/1965, p. 2.10); ano XLIII (número 2184, 01/05/1965, p. 10)

rido dentro da organização da Ação Católica, onde foi recrutar os seus membros e dirigentes, dada a sua metodologia e “novidade” deu um novo impulso à tarefa de anúncio do Evangelho, principalmente aos homens, embora tenha sido alargado também às mulheres. É um movimento que se manifesta como maioritariamente masculino e que se centra nos meios urbanos. A caracterização dos membros que participaram nos Cursos de Cristandade não é fácil nem completamente certa, pois se para as mulheres é possível admitir a sua ligação à Obra das Vocações Sacerdotais, sendo dirigentes desse movimento, para os homens é de presumir a sua ligação à Ação Católica, e a sua vivência rural (grandes proprietários) e urbana (titulares de cargos públicos nacionais ou autárquicos).

Numa provisão de outubro de 1962, D. Manuel Trindade Salgueiro reconhece todos os benefícios que à Igreja, a Portugal e à Arquidiocese de Évora trouxe a Ação Católica, mas admite também o cansaço das estruturas arquidiocesanas, cansaço que afeta os movimentos que duram há algum tempo. Porém, D. Manuel Trindade Salgueiro coloca grandes esperanças em movimentos que, nascendo das fileiras da Ação Católica, lá foram recrutar os seus membros mais proeminentes e as suas forças motrizes. Enaltecendo os movimentos como os Cursos de Cristandade, D. Manuel Trindade Salgueiro tenta renovar a estrutura arquidiocesana da Ação Católica, com um novo assistente eclesiástico, com uma nova formação dos assistentes e dos filiados, mas determinando que as reuniões se realizem dentro dos tempos e momentos estabelecidos para a Ação Católica e que as reuniões que forem estabelecidas pelos outros movimentos sejam presididas pelo Prelado ou por um representante seu.<sup>147</sup> Assim, mantendo a estrutura arquidiocesana da Ação Católica e tentando dar-lhe um novo fulgor, D. Manuel Trindade Salgueiro reconhece a proeminência da Ação Católica mas também o surgimento e valor dos novos movimentos, dando-lhes a sua atenção e solícitude pastoral, acalentando o seu crescimento e fornecendo-lhes os meios e os apoios necessários para que se afirmem no panorama religioso da arquidiocese eborense.

---

<sup>147</sup> *A Defesa*, ano XL (número 2049, 06/10/1962), p. 12-11

### **3.1.2. Conferências de São Vicente de Paulo**

Iniciadas a 23 de abril de 1859 graças à vontade de sete estudantes, em França, tendo como líder Frederico de Ozanam, as Conferências de São Vicente de Paulo chegam a Portugal em 1859 e em 1931 estão já instaladas em praticamente todas as dioceses de Portugal. A sua origem deve-se ao contexto de aproximação dos católicos franceses às questões sociopolíticas e operárias, bem como ao ideal de santificação dos homens pela prática da caridade cristã e do seu envolvimento nas tarefas de reconciliação social (atitude bem ilustrada na prática das visitas aos pobres nos seus domicílios). A sua organização é confraternal, embora separada por sexo, e de base inteiramente laical mas com a presença e apoio de conselheiros eclesiais.

Neste trabalho, e dentro do apostolado dos leigos, decidiu-se pelo apartamento das Conferências de São Vicente de Paulo e o tratamento próprio e igual à Ação Católica. Embora sendo uma obra auxiliar da Ação Católica, dada a sua antiguidade, ação e duração depois da reforma da Ação Católica, opta-se por tratar individualmente as Conferências de São Vicente de Paulo. Esta escolha deve-se não só à intervenção social das Conferências de São Vicente de Paulo, que se deve dar a conhecer para o período compreendido neste trabalho, mas também pela militância e manifestação pública que provocaram nos seus membros, de forma eminente nas Jornadas Vicentinas, manifestação pública e grandiosa do ideário de Frederico de Ozanam nas terras da Arquidiocese de Évora.

Na Arquidiocese de Évora, e no período compreendido do pontificado de D. Manuel Trindade Salgueiro, as Conferências de São Vicente de Paulo são, em paralelo com a Ação Católica, o movimento que mais publicamente se manifesta por ações próprias. A Ação Católica, promovendo as suas peregrinações e nos dois momentos litúrgicos da sua celebração (no Pentecostes e na festa de Cristo Rei), marcava presença nas ruas, com os seus estandartes e com toda a propaganda que lhe estava associada. As Conferências de São Vicente de Paulo, apesar da sua presença junto das pessoas, dos meios sociais onde habitavam, marcava também a sua visibilidade com as Jornadas Vicentinas.

Assim, durante os dez anos em que esteve à frente da Arquidiocese de Évora, D. Manuel Trindade Salgueiro presidiu a cinco Jornadas Vicentinas, organizadas e levadas a efeito da seguinte forma:

<b>Data</b>	<b>Local</b>	<b>Participantes</b>	<b>Orador / Tema</b>
12 de abril de 1959	Vila Viçosa	200	Prof. Manuel Inácio Pestana “Um pouco de poesia e de amor, conciliador em S. Vicente de Paulo”
8 de maio de 1960	Montemor-o-Novo	300	Dr. Ernesto Portugal “Está viva ou morta a nossa Conferência?”
16 de abril de 1961	Elvas	350	Dr. Joaquim Valentim “O sentido da Caridade”
16 de dezembro de 1962	Évora	350	Dr. Ascensão Ramos “ A Sociedade de S. Vicente de Paulo como instrumento admirável da Providência”
24 de maio de 1964	Vila Viçosa	<i>Sem informação</i>	Prof. Dr. Guilherme Braga da Cruz “O Casamento e o seu conceito «in fieri» ou «in facto esse»”

*Tabela 6 – Data das Jornadas Vicentinas, local e orador das sessões de estudo*<sup>148</sup>

Estas Jornadas, que contavam em média com 300 vicentinos, organizavam-se de modo a que as manhãs fossem dedicadas ao estudo de temas ou problemáticas atuais e, depois da refeição e do convívio, a Jornada ficasse marcada por uma grande sessão solene, presidida pelo Arcebispo, e terminasse com a celebração da Eucaristia. As Jornadas Vicentinas eram também a Assembleia Geral arquidiocesana deste movimento, momento de partilha e de balanços para o ano que passava e de projeção para o ano que se avizinhava. Sendo a estrutura das Conferências de São Vicente de Paulo organizada por sexos, as Jornadas Vicentinas destinavam-se, num primeiro momento, aos membros masculinos, contudo, em 1964, as Jornadas foram mistas, acolhendo as Conferências masculinas e femininas.<sup>149</sup> Com o intuito de desen-

<sup>148</sup> Cf. *A Defesa*, ano XXXVII (número 1867, 18/04/1959, p. 1.3.6; ano XXXVIII (número 1924, 14/05/1960, p. 1.2.9); ano XXXIX (número 1972, 22/04/1961, p. 1.2.7.9); ano XL (número 2060, 22/12/1962, p. 1.3.4.5.9); ano XLII (número 2135, 30/05/1964, p. 1.5)

<sup>149</sup> *Op. cit.*, ano XLII (número 2135, 30/05/1964), p. 1.5

volver os laços entre as Conferências de São Vicente de Paulo, ao longo dos anos foram acolhidas nas Jornadas representantes das Conferências das dioceses do Algarve, Beja, Lisboa e Portalegre.<sup>150</sup>

Através das Jornadas Vicentinas podemos saber qual era a ajuda prestada pelas Conferências de São Vicente de Paulo em termos de estruturas e localidades ou regiões atingidas. Numa região tão carecida e tão dependente do trabalho (rural e braçal na sua maioria) são significativos os meios apresentados: visita domiciliária a todos os pobres (todas as Conferências), património dos pobres/casas para pobres (Arraiolos, Coruche, Reguengos de Monsaraz, Vila Viçosa, Montemor-o-Novo, Avis entre outras), farrapeiro (Elvas), roupeiro dos pobres (Vila Viçosa), pão de Santo António (em várias Conferências), sopa dos pobres (Cabeção), cantinas escolares (Vila Fernando entre outras), visitas a cadeias e hospitais (em várias Conferências), ceia de Natal nas prisões (Elvas), campanha dos ovos (Borba), hospital (Couço), grupo coral sacro (Arraiolos), Calvário (Arraiolos), infantários (Couço e Avis), centro materno-infantil (Vila Fernando) e conferências infantis (Évora, Arraiolos e Vila Viçosa), campanha pascal da desobriga para os homens e a visita diária ao Santíssimo Sacramento pelas intenções das Conferências e dos seus pobres.<sup>151</sup> Os dados recolhidos, na sua singularidade, demonstram a abrangência da ação das Conferências de São Vicente de Paulo, nos domínios social, religioso e sacramental.

Segundo os dados disponíveis para 1960, existiam na Arquidiocese de Évora 32 Conferências, com 293 membros ativos, 46 aspirantes, 675 subscritores, 22 entrados, 3 falecidos e 10 membros de honra (clero); foram visitadas 410 famílias, 5 pessoas foram asiladas pelas Conferências, 171 hospitalizados, 4 empregados, 3 batizados, 6 casamentos, 25 pobres falecidos com os Sacramentos, 18 catequisados e 14 pobres que voltaram à prática religiosa.<sup>152</sup> Os números, embora sendo expressivos, poderiam ser ainda mais abrangentes mas, tendo em li-

---

<sup>150</sup> Cf. *A Defesa*, ano XXXIX (número 1972, 22/04/1961, p. 1); ano XL (número 2060, 22/12/1962, p. 9); ano XLII (número 2135, 30/05/1962, p. 5)

<sup>151</sup> *Op. cit.*, ano XXXVIII (número 1924, 14/05/1960, p. 9); ano XLII (número 2135, 30/05/1964, p. 5)

<sup>152</sup> *Op. cit.*, ano XXXVIII (número 1924, 14/05/1960), p. 9

nha de consideração que os dados apresentados se referem às Conferências masculinas de São Vicente de Paulo, podemos evidenciar que a sua atuação no campo masculino era, ainda assim, significativa. Então, e comparando os valores da população da Arquidiocese de Évora com os associados das Conferências de São Vicente de Paulo, podemos concluir que a percentagem de membros ativos era de 0,16% da população masculina e de 0,17% da população masculina católica, de 0,57% de associados em relação à população masculina e de 0,60% na população masculina católica tendo como base os Censos de 1960.

### **3.1.3. Obra das Vocações Sacerdotais e Secretariado Diocesano da Catequese**

A Obra das Vocações Sacerdotais (O. V. S.) foi instituída por Pio XII a 4 de novembro de 1941 com o objetivo de “estimular os fiéis a favorecer, defender e auxiliar as Vocações Sacerdotais; divulgar o perfeito conhecimento da dignidade e necessidade do Sacerdócio Católico; e também chamar os fiéis de todo o mundo à comunhão de orações e exercícios de piedade”,<sup>153</sup> e foi instalada na Arquidiocese de Évora a partir de 16 de novembro de 1957, data da carta circular do Padre Filipe Marques de Figueiredo, que divulga ao clero da Arquidiocese o projeto dos estatutos da Obra para a Arquidiocese de Évora. Nessa missiva, o Padre Figueiredo solicita ao clero a leitura e propostas para os estatutos e a indicação de alguém que pudesse presidir à Obra paroquial, recordando que “a Obra das Vocações, não é mais uma obra. É uma Obra de todas as Obras. Conta com elas e colabora com todas.”<sup>154</sup>

Data de 26 de abril de 1958 a carta do Cardeal José Pizzardo, prefeito da Sagrada Congregação dos Seminários e Universidades, pela qual se institui e agrega a Obra das Vocações Sacerdotais de Évora à Obra Pontifícia das Vocações Sacerdotais<sup>155</sup> e de 30 de maio de 1960 a carta que reconhece a O. V. S. de Évora como filial da Obra Pontifícia das Vocações

---

<sup>153</sup> *Acta Apostolicae Sedis (AAS)* 33 (1941), volume VII, número 13 in *Estatutos da Obra das Vocações Sacerdotais – Arquidiocese de Évora*, Gráfica Eborense, Évora, 1957, p. 3-4

<sup>154</sup> *Carta circular do Padre Filipe Marques de Figueiredo* in *Estatutos da Obra das Vocações Sacerdotais – Arquidiocese de Évora*, Gráfica Eborense, Évora, 1957

<sup>155</sup> *A Defesa*, ano XXXVI (número 1823, 14/06/1958), p. 5

Sacerdotais.<sup>156</sup> A O.V.S. assume-se eminentemente ativa, propondo-se a estimular os fiéis pois “o povo cristão anda demasiado esquecido ou ignora profundamente a sua vocação de filhos de Deus e da Igreja; desconhece quase por completo que, em certo sentido, também é Sacerdote, pelo carácter baptismal (...) e se desconhece a sua própria grandeza, como há-de conhecer as infinitas riquezas e o profundo significado do Sacerdócio Hierárquico?” e “por isso é necessário estimulá-lo para: favorecer – criando clima e condições à vocação; defender – desfazendo preconceitos, erros, críticas e entraves; auxiliar – amparando e possibilitando, pelos laços da caridade espiritual e temporal, as vocações sacerdotais; esclarecer e mobilizar.”<sup>157</sup>

O Secretariado Diocesano da Catequese, de cuja ausência se lamenta o Padre Figueiredo na missiva a propósito da Obra das Vocações Sacerdotais (“enquanto não for possível dispormos dum Secretariado de informação e fornecedor de material catequístico actualizado, com uma boa filmoteca para venda e aluguer de filmes, limitamo-nos a atender pedidos para colaborar na formação de catequistas, por meio de cursos, retiros, conferências, ou outros meios que V. Rev.<sup>a</sup> achar mais práticos e oportunos”<sup>158</sup>) foi fundado em outubro de 1958, por D. Manuel Trindade Salgueiro, tendo como finalidade promover a formação de catequistas em toda a Arquidiocese através de cursos em Évora, nas vigararias e nas paróquias; fornecer aos párocos todo o material didático para as catequese; orientar a doutrina cristã nas escolas e outros locais de ensino; organizar festas catequéticas no plano arquidiocesano; colaborar nas festas vicariais e paroquiais e colaborar na formação da pedagogia catequética das alunas da Escola do Magistério Primário.<sup>159</sup> Os cursos deveriam formar as catequistas doutrinária e pedagogicamente, não descurando o aspeto espiritual, e acordar no espírito dos cristãos mais esclarecidos a magnitude e urgência do problema catequético, em ordem ao recrutamento de

---

<sup>156</sup> *A Defesa*, ano XXXVIII (número 1949, 12/11/1960); suplemento «Vocações» – mensário da Obra das Vocações Sacerdotais da Arquidiocese de Évora, p. 1

<sup>157</sup> *Op. cit.*, ano XXXVI (número 1823, 14/06/1958), p. 5.8

<sup>158</sup> *Carta circular do Padre Filipe Marques de Figueiredo in Estatutos da Obra das Vocações Sacerdotais – Arquidiocese de Évora*, Gráfica Eborense, Évora, 1957

<sup>159</sup> Cf. *A Defesa*, ano XXXVII (número 1893, 10/10/1959), p. 2

mais catequistas e contaram, nas primeiras edições, com um curso de iniciação catequética em Évora (50 lições) e dez cursos intensivos de catequese (12 lições) desenvolvido em Évora (100 participantes), Elvas (70 participantes), Montemor-o-Novo (50 participantes), Alcácer do Sal (50 participantes), Mora (40 participantes), Redondo (35 participantes), Arraiolos (30 participantes), Vendas Novas (30 participantes), Galveias (20 participantes) e Sousel (10 participantes).<sup>160</sup> Este Secretariado deparou-se com vários problemas aos quais se foi tentando dar resposta ao longo do pontificado de D. Manuel Trindade Salgueiro, como sejam a falta de catequistas e de formação, a necessidade de catequese organizada em todas as paróquias da Arquidiocese, a urgência de prolongar o trabalho dos párocos juntos das catequistas, a vivência angustiada mas esperançosa do clero com o problema da catequese, a utilização ainda reduzida dos Catecismos Nacionais e outros materiais do género, a mentalidade variada dos fiéis de acordo com a sua formação, sendo que existia um ambiente favorável à catequese e à função catequética nos meios mais bem formados.<sup>161</sup>

Através destes dois organismos D. Manuel Trindade Salgueiro pretendeu que o apostolado dos leigos fosse efetivo e alcançasse um objetivo comum, o crescimento e esclarecimento da Fé dos arquidiocesanos: por um lado, a oração e o ambiente propício ao florescimento e perseverança de vocações para a vida sacerdotal naturais da Arquidiocese, por outro lado, o crescimento na Fé desde a infância, criando uma mentalidade esclarecida e militante, desde os bancos da catequese até às fileiras da Ação Católica, disponíveis não só para a militância pública mas também para o ingresso na carreira eclesial. A O. V. S., confiada a sua direção às fileiras femininas da Ação Católica, estabeleceu-se como corrente de oração e de práticas devocionais em favor dos Seminários, alimentando desde a sua fundação na Arquidiocese o ideal de um presbitério alentejano, bem formado e fortalecido; o Secretariado Diocesano da Catequese, confiando a catequese às religiosas ou membros da Ação Católica, assumiu a tarefa clara do combate à descristianização, através do esclarecimento e acompanha-

---

<sup>160</sup> Cf. *A Defesa*, ano XXXVII (número 1893, 10/10/1959), p. 2

<sup>161</sup> *Op. cit.*, ano XXXVII (número 1893, 10/10/1959), p. 2

mento desde a infância, lembrando e assumindo o papel também junto das famílias e nas paróquias de criar arautos da Fé católica, para o regresso à sociedade cristianizada, embora com os meios reduzidos (primeiramente os meios humanos) de que ambas as Obras dispunham.

Assim, através destas duas obras, D. Manuel Trindade Salgueiro assume o papel da hierarquia no combate à descristianização mas, entendendo o papel dos leigos e assumindo os princípios da Ação Católica, apercebe-se que apenas com o trabalho e apostolado dos leigos a cristianização da Arquidiocese poderia ser bem-sucedida. Com a estrutura e militantes da Ação Católica no meio social onde se inseriam, com os Cursos de Cristandade e o seu desejo de instaurar um cristianismo “viril”, com as Conferências de São Vicente de Paulo e a sua cristianização pelo exemplo, com a Obra das Vocações Sacerdotais e a sua corrente de oração pelas vocações e santificação da sociedade e com o Secretariado Diocesano da Catequese e a sua missão de ensinar os conteúdos da Fé desde a infância, D. Manuel Trindade Salgueiro procurou a colaboração essencial dos leigos para repovoar o ambiente religioso da Arquidiocese de Évora e devolver o fulgor de tempos idos à prática cristã do seu rebanho.

### **3.2. Dinâmicas religiosas no espaço público**

Atento ao panorama religioso da Arquidiocese e tendo em conta a sua formação académica e eclesiástica, D. Manuel Trindade Salgueiro aplica na sua ação pastoral de recristianização da Arquidiocese um tipo de catequização pela imagem, pela propaganda, pela adesão de massas. Com isto pretende dizer-se que o Arcebispo de Évora, reconhecendo a dificuldade de adesão à militância oficial nos movimentos da Igreja, tenta que a manifestação pública da Fé e a adesão a essa Fé se faça através de grandes momentos, momentos de aproximação das massas rurais ou urbanas, socialmente mais elevadas ou mais simples, momentos de peregrinação, de penitência e de catequese. Segundo esta ordem de ideias, D. Manuel Trindade Salgueiro vale-se das suas visitas pastorais e pessoais, das peregrinações arquidiocesanas a Vila

Viçosa ou a Fátima e das missões populares para, no contacto próximo das realidades sociais onde se encontra ou no fervor das devoções marianas, exortar o seu rebanho a que adira, de coração e de alma, à Fé que lhe é apresentada, regressando à prática cristã, voltando à cristandade que se encontra desfeita.

### **3.2.1. Visitas pastorais e pessoais**

Nos dez anos do seu pontificado, D. Manuel Trindade Salgueiro visitou praticamente todas as paróquias da sua vasta Arquidiocese. Esta afirmação, embora se possa admitir como sendo óbvia e necessária ao seu ministério episcopal, deve ter em conta alguns condicionaismos: a Arquidiocese de Évora é a maior de todas as dioceses portuguesas na sua extensão geográfica – depois da reorganização geográfica de 1957 ficou com 13.547 km<sup>2</sup> –, sendo as vias de comunicação reduzidas e os transportes pouco rápidos; a Arquidiocese contava cerca de 177 paróquias, número relativamente elevado; D. Manuel Trindade Salgueiro esteve retido várias vezes fora da Arquidiocese por períodos relativamente alargados, devido a razões diversas. Por motivos de doença (de modo particular as crises cardíacas<sup>162</sup>), esteve ausente da sua Arquidiocese entre 20 e 30 de novembro de 1956, 10 de dezembro de 1956 e 7 de março de 1957, 10 de março e 12 de abril de 1957, 17 de fevereiro e 9 de maio de 1962, 27 de julho e 28 de setembro de 1963, 14 de agosto e a data da morte, a 20 de setembro de 1965; por períodos de férias, esteve ausente nos meses de agosto ou de setembro, quando ativo na Arquidiocese; e pela participação em eventos eclesiais ou civis, ausentou-se várias vezes para outros pontos do país ou para o estrangeiro. Dados estes condicionaismos, a presença de D. Manuel Trindade Salgueiro foi, pois, marcante e assídua, estando ligada a momentos comemorativos das comunidades locais, a eventos nacionais comemorados nas localidades da sua Arquidiocese e ainda a grandes obras por ele impulsionadas ou inauguradas. O quadro apresentado resume a informação recolhida.

---

<sup>162</sup> Cf. *A Defesa*, ano XXXV (número 1788, 12/10/1957, p. 5.7); ano XXXIX (número 2016, 17/02/1962, p. 1); ano XL (número 2028, 12/05/1962, p. 1); ano XLI (número 2091, 27/07/1963, p. 1; número 2100, 28/09/1963, p. 1; ano XLIII (número 2199, 14/08/1965, p. 1; número 2203, 20/09/1965, p. 1)

<b>Data</b>	<b>Local</b>	<b>Motivo</b>
20 de novembro de 1955	Lavre	Visita pastoral
18 de dezembro de 1955	Elvas	Visita pastoral
2 de janeiro de 1956	Monte Trigo	Visita pessoal
14 de janeiro de 1956	Elvas	Comemorações municipais
15 de janeiro de 1956	Represa	Visita pastoral
17 de janeiro de 1956	Arraiolos	Inauguração de casas dos pobres
29 de janeiro de 1956	Coruche	Visita pastoral
19 de fevereiro de 1956	São Miguel de Machede	Inauguração de Casa do Povo
1 de março de 1956	Terrugem	Visita pessoal
Março de 1956	Redondo	Visita pessoal
15 de março de 1956	Estremoz	Visita pastoral
26 de abril de 1956	Santa Eulália	Visita pastoral
29 de abril de 1956	Montemor-o-Novo	Visita pastoral
6 de maio de 1956	São Bento do Mato	Visita pastoral
13 de maio de 1956	Campo Maior	Visita pastoral
21 de maio de 1956	Monforte	Inauguração do novo hospital
26 e 27 de maio de 1956	Alandroal	Visita pastoral
3 de junho de 1956	Arraiolos	Visita pastoral
9 e 10 de junho de 1956	Viana do Alentejo	Visita pastoral
23 e 24 de junho de 1956	Montargil	Visita pastoral
1 de julho de 1956	Bencatel	Visita pastoral
1 e 2 de julho de 1956	Vila Viçosa	Visita pastoral
Julho de 1956	Vendas Novas	Visita pessoal
11 de agosto de 1956	São Pedro de Portel	Visita pastoral
20 a 22 de outubro de 1956	Mora	Visita pastoral
10 de novembro de 1956	Santo António do Couço	Visita pastoral
25 de novembro de 1956	Reguengos de Monsaraz	Visita pastoral
1 de dezembro de 1956	Campo Maior	Visita pastoral
1 de dezembro de 1956	Elvas	Visita pessoal
7 de julho de 1957	Farinha Branca (Montargil)	Inauguração da igreja
27 de julho de 1957	Vila Viçosa	Visita pessoal
25 de agosto de 1957	Porto Alto (Samora Correia)	Bênção da primeira pedra da igreja
13 de outubro de 1957	São Marcos do Campo	Inauguração da nova Igreja
20 e 21 de outubro de 1957	Borba	Visita pastoral
5 de novembro de 1957	Coruche	Visita pessoal
10 de novembro de 1957	Benavila	Visita pastoral
23 a 25 de novembro de 1957	Elvas	Visita pessoal
20 de janeiro de 1958	Vendas Novas	Visita pessoal
8 de março de 1958	Montemor-o-Novo	Comemoração S. João de Deus

<b>Data</b>	<b>Local</b>	<b>Motivo</b>
28 de abril de 1958	Elvas	Inauguração de casas dos pobres
1 de maio de 1958	Campo Maior	Visita à comunidade monástica
11 de maio de 1958	Cano	Visita pastoral
18 de maio de 1958	Avis	Visita pastoral
15 de junho de 1958	Vendas Novas	Inauguração da nova igreja
21 e 22 de junho de 1958	Redondo	Visita pastoral
17 de agosto de 1958	Benavente	Bênção da nova Igreja
20 de setembro de 1958	Galveias	Visita pessoal
18 de outubro de 1958	Torrão	Visita pastoral
1 de novembro de 1958	Montargil	Visita pessoal
23 de novembro de 1958	Coruche	Inauguração da nova Igreja
30 de novembro de 1958	Vila Boim	Visita pastoral
14 de dezembro de 1958	Monte Trigo	Inauguração da Obra Social
22 de dezembro de 1958	Estremoz	Comemorações centenárias
25 de janeiro de 1959	Reguengos de Monsaraz	Visita pessoal
10 de fevereiro de 1959	Pegões	Visita pessoal
26 de fevereiro a 1 de março de 1959	Elvas	Visita pessoal (Retiro)
1 de março de 1959	Campo Maior	Visita pessoal
9 de março de 1959	Vendas Novas	Inauguração de nova Igreja
19 de abril de 1959	Portel	Visita pastoral
2 e 3 de maio de 1959	Cabeção	Visita pastoral
15 e 16 de maio de 1959	Santo Isidro de Pegões	Visita pastoral
Maio de 1959	Montargil	Inauguração da barragem
Maio de 1959	Maranhão	Inauguração da barragem
31 de maio de 1959	Ciborro	Inauguração de nova Igreja
8 de agosto de 1959	Galveias	Visita pessoal
29 de novembro de 1959	Mourão	Visita pastoral
31 de janeiro de 1960	Coruche	Visita pastoral
20 de fevereiro de 1960	Tourega (Évora)	Visita pessoal
29 de maio de 1960	Portel	Inauguração de casas de pobres
10 de junho de 1960	Ouguela (Campo Maior)	Visita pastoral
15 de junho de 1960	Vera Cruz (Portel)	Visita pastoral
3 de julho de 1960	Galveias	Visita pessoal
27 de agosto de 1960	Elvas	Visita pessoal
23 de outubro de 1960	São Manços (Évora)	Inauguração de nova Igreja
7 de maio de 1961	Elvas	Inauguração da escola técnica
14 de maio de 1961	Montemor-o-Novo	Visita pessoal
18 de junho de 1961	Alcáçovas	Visita pastoral
28 de outubro de 1961	Coruche	Inauguração de lar de idoso

<b>Data</b>	<b>Local</b>	<b>Motivo</b>
14 de janeiro de 1962	Galveias	Visita pastoral
28 de janeiro de 1962	Montargil	Visita pastoral
27 de janeiro de 1963	Samora Correia	Inauguração de casas de pobres
19 de maio de 1963	Campo Maior	Visita pessoal
22 de julho de 1963	Vila Fernando	Visita pessoal
19 de abril de 1964	Campo Maior	Visita pessoal
28 de junho de 1964	Coruche	Inauguração de casas de pobres
Dezembro de 1964	Assumar	Visita pessoal
29 de maio de 1965	Elvas	Visita pastoral
Junho de 1965	Campo Maior	Visita à comunidade monástica

Tabela 7 – Data, localidade e motivo das visitas de D. Manuel Trindade Salgueiro na Arquidiocese de Évora<sup>163</sup>

Algumas destas visitas (a Elvas em dezembro de 1955, a Estremoz em março de 1956 e a Montemor-o-Novo em abril de 1956), dada a importância ou simbolismo dos locais a ser visitados, foram antecedidas de cartas, anúncios formais da intenção de visitar e os motivos pelos quais os visita. Na primeira dessas cartas, D. Manuel Trindade Salgueiro aponta como motivos da sua visita a Elvas o facto de esta ser uma das cidades mais importantes do país,

<sup>163</sup> Cf. *A Defesa*, ano XXXIII (série semanal – 1701, série diária – 1112, 25/11/1955, p. 1.2; série semanal – 1705, série diária – 1118, 23/12/1955, p. 1.4.9.12; série semanal – 1707, série diária – 1121, 06/01/1956, p. 6; série diária – 1124, 17/01/1956, p. 1; série semanal – 1709, série diária – 1125, 20/01/1956, p. 1.6; série diária 1128, 31/01/1956, p. 1.6.3; série diária – 1134, 21/02/1956, p. 1.4; série diária – 1138, 06/03/1956, p. 3); ano XXXIV (série diária – 1147, 14/04/1956, p. 1.4.8; série semanal – 1724, série diária – 1150, 04/05/1956, p. 1.8; série diária – 1151, 08/05/1956, p. 1.4; série diária – 1153, 15/05/1956, p. 1.3.4; série semanal – 1728, série diária – 1156, 01/06/1956; série semanal – 1729, série diária – 1158, 08/06/1956, p. 6; série semanal – 1730, série diária – 1160, 15/06/1956, p. 1.4; série diária – 1164, 06/07/1956, p. 1.4; série semanal – 1733, série diária – 1166, 03/07/1956, p. 1.3.4; série semanal – 1738, série diária – 1176, 21/08/1956, p. 2; série semanal – 1748, série diária – 1195, 26/10/1956, p. 1.2.4; série semanal – 1752, série diária – 1202, 23/11/1956, p. 3; série semanal 1753, série diária – 1204, 30/11/1956, p. 1.2.5); ano XXXV (número 1774, 06/07/1957, p. 1; número 1775, 13/07/1957, p. 1.9; número 1778, 03/08/1957, p. 1.7; número 1782, 31/08/1957, p. 8.5; número 1788, 12/10/1957, p. 1.5.7.8; número 1789, 19/10/1957, p. 3; número 1790, 26/10/1957, p. 8.4; número 1792, 09/11/1957, p. 1; número 1793, 16/11/1957, p. 1.10; número 1795, 30/11/1957, p. 1.7; número 1803, 25/01/1958, p. 1; número 1809, 08/03/1958, p. 3); ano XXXVI (número 1817, 03/05/1958, p. 5.8.9; número 1818, 10/05/1958, p. 4; número 1823, 14/06/1958, p. 3; número 1824, 21/06/1958, p. 1.7; número 1832, 16/08/1958, p. 1.5; número 1838, 27/09/1958, p. 1.3.7; número 1841, 18/10/1958, p. 1.6; número 1843, 01/11/1958, p. 9; número 1846, 22/11/1958, p. 5; número 1850, 20/12/1958, p. 1.16; número 1851, 27/12/1958, p. 1.7; número 1856, 31/01/1959, p. 1.7; número 1859, 21/02/1959, p. 8.9; número 1860, 28/02/1959, p. 1.7; número 1861, 07/03/1959, p. 9); ano XXXVII (número 1867, 25/04/1959, p. 1.4; número 1868, 02/05/1959, p. 1.10; número 1872, 30/05/1959, p. 1.3.7.9; número 1885, 15/08/1959, p. 1.4; número 1901, 05/12/1959, p. 1.5; número 1909, 30/01/1960, p. 1; número 1913, 27/02/1960, p. 4); ano XXXVIII (número 1927, 04/06/1960, p. 1.3.10; número 1930, 25/06/1960, p. 3; número 1932, 09/07/1960, p. 1.7; número 1940, 03/09/1960, p. 2; número 1948, 29/10/1960, p. 4.7); 2066 (02/02, p. 3.7); ano XXXIX (número 1976, 13/05/1961, p. 1.2.4.7; número 1982, 24/06/1961, p. 3; número 2000, 28/10/1961, p. 8; número 2011, 13/01/1962, p. 1.10; número 2013, 27/01/1962, p. 1.2); ano XL (número 2081, 18/05/1963, p. 1); ano XLI (número 2089, 13/07/1963, p. 1.4.5.6); ano XLII (número 2129, 18/04/1964, p. 11; número 2139, 27/06/1964, p. 1; número 2164, 19/12/1964, p. 1.10; ano XLIII (número 2187, 29/05/1965, p. 1.3; número 2188, 05/06/1965, p. 7)

entre as mais leais, enaltecendo a sua tradição patriótica e a sua devoção religiosa; “ao entrar pela primeira vez na linda Cidade que por sua importância é a segunda da Arquidiocese, somos tomados de emoção e, saudando os seus habitantes, com o júbilo de Pai que se encontra com seus Filhos, recordamos em prece humilde todos os que passaram na terra e vivem nos esplendores de Deus, todos os que ajudaram a fazer esta terra acolhedora, hospitaleira e fidalga.”<sup>164</sup> A visita a Estremoz é motivada pela sua importância histórica, geográfica e religiosa, expressa nos inúmeros conventos e igrejas, desejando reavivar a devoção à Rainha Santa Isabel, sendo Estremoz uma “evocação gloriosa da Pátria e da Igreja”, embora “todas as terras da Diocese têm seu lugar próprio no coração do Prelado”.<sup>165</sup> Se as duas anteriores cartas foram dirigidas às cidades da Arquidiocese de Évora, a última que merece uma missiva antes da visita é a terra de São João de Deus, Montemor-o-Novo. Enaltecendo as suas tradições históricas, D. Manuel Trindade Salgueiro dirige-se a Montemor-o-Novo principalmente porque “desde há quatro séculos, leva ao longe e ao largo o seu nome, é principalmente a fama das virtudes heroicas de S. João de Deus, que em Montemor-o-Novo nasceu e viveu os primeiros anos da sua vida” e, portanto, “ao fazer a sua primeira visita oficial a Montemor-o-Novo, o Arcebispo de Évora suplica fervorosamente a S. João de Deus que do Senhor consiga uma larga, luminosa bênção para a terra onde nasceu, e que essa bênção se estenda, fecunda, a toda a Arquidiocese – a sua Diocese.”<sup>166</sup>

Os dados apresentados não têm em consideração as inúmeras visitas que fez, para a celebração de sacramentos ou outras festividades, a entidades e organismos na cidade de Évora. Daqui se pode concluir que a presença de D. Manuel Trindade Salgueiro foi mais assídua e regular nos primeiros anos do seu pontificado, anos de conhecimento e contacto com as populações locais e com as elites dessas povoações, e que, com o passar do tempo e com os laços já criados, as visitas pastorais deixam de ser tão intensas, passando a ter uma presença pontual ou apenas simbólica nos eventos mais marcantes. As visitas pessoais são a forma do Arcebis-

---

<sup>164</sup> *A Defesa*, ano XXXIII (série semanal – 1704, série diária – 1117, 16/12/1955), p. 1

<sup>165</sup> *Op. cit.*, ano XXXIV (série semanal – 1726, série diária – 1146, 13/04/1956), p. 1

<sup>166</sup> *Op. cit.*, ano XXXIV (série semanal – 1723, série diária – 1149, 27/04/1956), p. 1

po de Évora acompanhar ou acalentar projetos que lhe eram queridos, como sejam o Colégio Diocesano em Campo Maior, o estabelecimento da Ação Católica fortalecida em Elvas ou os contactos próximos com os grandes lavradores ou industriais.

### **3.2.2. Peregrinações arquidiocesanas**

Na sua ação pastoral de recristianização da Arquidiocese de Évora, D. Manuel Trindade Salgueiro procura valorizar e potenciar os santuários marianos existentes na Arquidiocese, como sejam o de Vila Viçosa (Nossa Senhora da Conceição), Viana do Alentejo (Nossa Senhora d'Aires), Azaruja (Nossa Senhora do Carmo), Brotas (Nossa Senhora das Brotas), Mourão (Nossa Senhora das Candeias) mas também o altar do mundo, o Santuário de Fátima, para estimular as peregrinações arquidiocesanas e, através do espírito de penitência e de louvor que estas criam no crente ou no peregrino, aproximar o seu rebanho da Fé cristã. De entre os santuários arquidiocesanos assume a grandeza que lhe era já própria o de Nossa Senhora da Conceição, a cujo templo convoca D. Manuel Trindade Salgueiro várias peregrinações arquidiocesanas, assumindo a sua chefia e chamando para o solar da Padroeira todos os arquidiocesanos, crianças, jovens, adultos e idosos, homens e mulheres, para render homenagem à sua Senhora.

Herdeiro, porém, de uma tradição de peregrinações alentejanas, a primeira peregrinação a que preside é ao Santuário de Nossa Senhora d'Aires, em Viana do Alentejo, a 6 de maio de 1956, acompanhado pelo vigário geral da Arquidiocese e secretários, tendo participado nessa peregrinação também D. José do Patrocínio Dias (bispo de Beja), com o seu vigário geral e secretários.<sup>167</sup>

---

<sup>167</sup> *A Defesa*, ano XXXIV (série diária – 1151, 08/05/1956), p. 1.4

### a. Santuário de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa

As grandes peregrinações arquidiocesanas a Vila Viçosa iniciam-se a partir de 1958, num primeiro momento pela mão da Ação Católica, que organiza para o dia 1 de junho de 1958 uma peregrinação a que deveriam aderir todos os filiados (com um pagamento de 30\$00 por inscrição)<sup>168</sup> e no fim da qual, tendo sido presidida por D. Manuel Trindade Salgueiro, é desafiada a que “se organizem peregrinações periódicas ao Solar da Padroeira que é glória e honra da Arquidiocese eborense”.<sup>169</sup> É com este desafio que D. Manuel Trindade Salgueiro lança na Arquidiocese de Évora o período das grandes peregrinações arquidiocesanas ao Santuário de Nossa Senhora da Conceição em Vila Viçosa.

Em 1959, comemorando os 25 anos da Ação Católica Portuguesa, é organizada novamente uma peregrinação arquidiocesana, presidida pelo Arcebispo de Évora, que a 7 de junho congrega no Santuário de Vila Viçosa peregrinos vindos de vários pontos da Arquidiocese, como sejam Évora, Samora Correia, Veiros, Portel, Coruche, Alandroal, Terrugem, São Romão, Mourão, Vila Boim, Elvas, Mora, Cabeção, Reguengos de Monsaraz e Fronteira, sendo contabilizadas, no total das celebrações, cerca de 730 comunhões.<sup>170</sup>

O ano de 1960 marcava o início das grandes concentrações convocadas por D. Manuel Trindade Salgueiro.<sup>171</sup> Nesse ano, dezenas de peregrinos acorreram ao Santuário, a pé, de Évora, Estremoz ou outras localidades, “em reparação pelos ultrajes feitos ao Santo Nome de Deus”, apelando no final da peregrinação a que “a Diocese inteira esteja aqui, com os seus padres, os seus seminaristas e os seus fiéis, mesmo com dor e sacrificio”.<sup>172</sup>

No ano seguinte, D. Manuel Trindade Salgueiro exorta toda a Arquidiocese à peregrinação do dia 28 de maio de 1961, e diante do mar de gente de cerca de 30.000 peregrinos exclama que “poucas vezes se terá feito uma manifestação de amor como esta”.<sup>173</sup> E nesse

---

<sup>168</sup> *A Defesa*, ano XXXVI (número 1818, 10/05/1958), p. 1.10

<sup>169</sup> *Op. cit.*, ano XXXVI (número 1822, 07/06/1958), p. 4

<sup>170</sup> *Op. cit.*, ano XXXVII (número 1874, 13/06/1959), p. 1.7.6

<sup>171</sup> *Op. cit.*, ano XXXVIII (número 1916, 19/03/1960), p. 1.10

<sup>172</sup> *Op. cit.*, ano XXXVIII (número 1922, 30/04/1960), p. 1.3

<sup>173</sup> *Op. cit.*, ano XXXIX (número 1979, 03/06/1961), p. 2

mesmo ano, a 10 de junho, reúne-se com as crianças da Arquidiocese, numa peregrinação de crianças, manifestando a capacidade de convocação massiva entre todos os setores da sociedade.<sup>174</sup>

Em 1962, e apesar da ausência do Arcebispo de Évora (dada a ocorrência de uma crise cardíaca) a peregrinação é liderada por D. José Joaquim Ribeiro (bispo auxiliar de Évora) e que recorda D. Manuel Trindade Salgueiro e as suas intenções: “Estamos aqui reunidos ao nosso Venerando Prelado, presente entre nós pela sua dolorosa ausência, tendo no coração como patena diocesana as intenções do Pastor da grei eborense: a saúde do Pastor, o incremento da vida religiosa em todos os sectores da vida nesta arquidiocese, o fomento das vocações e a santificação dos sacerdotes e as obras dos nossos Seminários, o salto de ressurgimento na acção apostólica dos nossos homens responsáveis.”<sup>175</sup> Ainda nesse ano de 1962 e durante a participação do Arcebispo e do bispo auxiliar no Concílio Ecuménico Vaticano II, é organizada pelos estudantes alentejanos uma peregrinação a pé, uma marcha de penitência a Vila Viçosa (entre os dias 6 e 8 de dezembro) e, depois, de Vila Viçosa a Fátima (entre os dias 8 e 13 de dezembro).<sup>176</sup>

Para o ano de 1963, a provisão “Rainha, Mãe e Padroeira” lança aos arquidiocesanos três intenções especiais a ter em conta no momento da peregrinação: o Concílio ecuménico, a recristianização do Alentejo e a construção dos Seminários.<sup>177</sup> Nessa jornada dos dias 4 e 5 de maio, D. Manuel Trindade Salgueiro, acompanhado de representantes de todos os concelhos da Arquidiocese, do Cabido, do clero, dos Seminários Maior e Menor e dos religiosos e religiosas, clama que “é triste ter fome, é tão triste sentir a fome dos seus filhos e nada ter que lhes dar... Que todos tenham aquele mínimo indispensável, até mesmo para manter a dignidade humana”<sup>178</sup> e à multidão que assistia, dentre a qual se contaram cerca de 1500 comu- nhões, “lamentando o arrefecimento na fé do povo alentejano, disse ainda o Senhor Arcebispo

---

<sup>174</sup> *A Defesa*, ano XXXIX (número 1979, 03/06/1961), p. 1.8

<sup>175</sup> *Op. cit.*, ano XL (número 2028, 12/05/1962), p. 2

<sup>176</sup> *Op. cit.*, ano XL (número 2053, 03/11/1962), p. 3

<sup>177</sup> *Op. cit.*, ano XL (número 2074, 30/03/1962), p. 1

<sup>178</sup> *Op. cit.*, ano XL (número 2080, 11/05/1963), p. 4

daqueles que vivem alheios à realidade: «Estão debaixo das estrelas e não vêm as estrelas, estão sob o signo de Deus e não vêm a Deus, estão debaixo da vossa misericórdia e não vêm a nossa misericórdia».<sup>179</sup>

Em 1964 a peregrinação decorreu nos dias 2 e 3 de maio, sendo presidida por D. Manuel Trindade Salgueiro, contando com cerca de 3000 comunhões e uma grande participação de cursistas e peregrinos a pé.<sup>180</sup>

A última peregrinação arquidiocesana a Vila Viçosa presidida por D. Manuel Trindade Salgueiro realizou-se a 9 de maio de 1965, último grande ato público presidido pelo então Arcebispo de Évora, com mais de 3000 comunhões. Nessa jornada de Fé, D. Manuel Trindade Salgueiro faz, sem o saber, o balanço do seu pontificado, lembrando os que estão longe, os que se afastaram e permanecem fora do rebanho:

“Longe do Evangelho, como conseguirão os homens viver a lei do Evangelho, que, aproximando os homens de Deus, os aproxima uns dos outros, em espírito autêntico de fraternidade? Horas de dor, são horas vossas, Senhora e Mãe, pois tudo conseguis do Coração do Vosso Filho. Por isso, Vos rezamos confiadamente. (...) Recordamo-Vos a situação da nossa Arquidiocese que, depois de ter sido fornalha de fé, caiu em profunda letargia religiosa, da qual só lentamente vai despertando; chamamos a Vossa atenção para os nossos Seminários, para os nossos institutos, para as nossas obras de piedade e apostolado e até para os que não sentem as preocupações da vida cristã, pobres irmãos arredios, que desconhecem a grandeza divina da sua origem e a altura suprema do seu destino.”<sup>181</sup>

### **b. Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima**

A Arquidiocese de Évora participa, por chamada do seu Pastor, nas peregrinações de penitência realizadas ao Santuário de Fátima. Dados os acontecimentos na Hungria, o episcopo português convoca para 18 de novembro de 1956 uma peregrinação nacional, na qual D.

---

<sup>179</sup> *A Defesa*, ano XL (número 2080, 11/05/1963), p. 4

<sup>180</sup> *Op. cit.*, ano XLII (número 2123, 09/05/1964), p. 1.4.7.8

<sup>181</sup> *Op. cit.*, ano XLII (número 2185, 15/05/1964), p. 3

Manuel Trindade Salgueiro não toma parte por estar nos Açores para a sagração episcopal de D. José Pedro da Silva, seu sucessor na liderança da Ação Católica Portuguesa.<sup>182</sup>

No ano do 40.º aniversário das aparições de Nossa Senhora na Cova da Iria e da ordenação episcopal do Papa Pio XII (1957), o episcopado português convoca todos os portugueses a uma peregrinação de louvor a 13 de maio. Nessa peregrinação, a Arquidiocese de Évora, sobre a qual sopraram “por muitos anos, ventos maus, de propaganda destruidora e de escândalos dolorosos, cujos efeitos ainda tremendamente se sentem. [/] Sopram furiosamente, em rajadas de ciclone, mas não conseguiram apagar a devoção a Nossa Senhora. (...) O que já nos foi dado ver e ouvir, até em terras descristianizadas, revela a devoção, a fé, o amor a Nossa Senhora”<sup>183</sup>, faz-se presente não só fisicamente mas também espiritualmente, pedindo D. Manuel Trindade Salgueiro a colaboração dos párocos e capelães para fomentar nas comunidades a necessidade de participar ou rezar pelos frutos dessa peregrinação.<sup>184</sup>

A última peregrinação convocada por D. Manuel Trindade Salgueiro a Fátima tem lugar em outubro de 1960. “Considerando as perturbações que pesam sobre o mundo e que num momento podem transformar-se em guerra apocalíptica, da qual ninguém sairia vencedor”<sup>185</sup>, o episcopado português convoca uma peregrinação de penitência na qual participam o Arcebispo e o bispo auxiliar de Évora, bem como as comunidades que se organizarem e se deslocarem à Cova da Iria. Nessa peregrinação “temos de expiar os pecados do mundo, nos quais se inserem os nossos próprios pecados. Rezando e sofrendo por outros, em actos meritórios de solidariedade humana e cristã, também por nós rezamos e sofremos.”<sup>186</sup>

Assim, participando em atos conjuntos de todas as dioceses portuguesas, a Arquidiocese de Évora não deixa de marcar presença e de se mobilizar, em primeiro lugar pela voz do Arcebispo, para se congregar junto da Virgem Maria, no seu santuário em Fátima. Porém, a

---

<sup>182</sup> J. A. GUERREIRO, *D. Manuel Trindade Salgueiro no Arcebispado de Évora: 1955-1965*, Junta Distrital de Évora, Évora, 1966, p. 131-132

<sup>183</sup> *Op. cit.*, p. 134

<sup>184</sup> *Op. cit.*, p. 133-169

<sup>185</sup> *Op. cit.*, p. 136

<sup>186</sup> *Op. cit.*, p. 137

mobilização das peregrinações a Fátima não é feita de forma tão intensa e extensa como a das peregrinações arquidiocesanas a Vila Viçosa, por vários motivos: o facto das peregrinações serem organizadas nacionalmente, não serem fáceis os transportes e alojamentos para Fátima, apenas os estratos mais elevados da sociedade alentejana poderiam suportar uma viagem e estadia fora, entre outros. Portanto, a grande forma de congregar as populações rurais será através das peregrinações a Vila Viçosa, não deixando nunca D. Manuel Trindade Salgueiro de apelar à presença e à deslocação a Fátima, sabendo no entanto que tal não seria verdadeiramente útil na tarefa de recristianização das pessoas e da sua Arquidiocese.

### 3.2.3. Missões populares

As missões populares na Arquidiocese de Évora acompanharam não só as visitas pastorais de D. Manuel Trindade Salgueiro como antecederam ou decorreram em simultâneo com jornadas eucarísticas vicariais ou com acontecimentos locais relevantes. Porém, a mais marcante de todas as missões populares foi a realizada em março de 1963 na cidade de Évora.

Com data de 2 de fevereiro de 1963, D. Manuel Trindade Salgueiro apresenta à Arquidiocese a provisão em que determina a Santa Missão de Évora, entre os dias 3 e 17 de março desse ano. Nesse documento são apontados como motivos para a Missão de Évora: a renovação das mentalidades e a recristianização da cidade episcopal e do seu termo.<sup>187</sup> Como escreve D. Manuel Trindade Salgueiro “andam os homens descuidosos das grandes verdades e arreios da Santa Madre Igreja, e até, por orgulho ou loucura perversa, atentarão contra ela em campanhas insidiosas, ou com palavras desvairadas, blasfemos impropérios, e perseguição de sangue”<sup>188</sup> e este cenário não estará só longe de Évora, porque “nos países em que reina a paz e as consciências possuem o direito de ser livres, constitui minguada minoria o número daqueles que olham para o céu, de coração puro e generoso”.<sup>189</sup> Neste cenário, e como preparação para a Santa Missão de Évora, D. Manuel Trindade Salgueiro diz contar com o trabalho abne-

---

<sup>187</sup> *A Defesa*, ano XL (número 2060, 09/02/1963), p. 1

<sup>188</sup> *Op. cit.*, ano XL (número 2060, 09/02/1963), p. 1

<sup>189</sup> *Op. cit.*, ano XL (número 2060, 09/02/1963), p. 1

gado do clero e com a “numerosa legião de leigos corajosos e disciplinados”<sup>190</sup> da Ação Católica, dos Cursos de Cristandade e das Conferências de São Vicente de Paulo, entre outros. Mas se esta legião existia, também é verdade que existiam ainda “manchas largas e densas de incredulidade e de indiferença em grande área da Arquidiocese”<sup>191</sup> às quais era necessário chegar. Contava assim D. Manuel Trindade Salgueiro com pregadores (capuchinhos, lazaristas, jesuítas, salesianos, carmelitas calçados, espiritanos, dominicanos, franciscanos, do Sagrado Coração, do Preciosíssimo Sangue, do Coração de Maria, redentoristas e de S. João de Deus<sup>192</sup>) e religiosas (missionárias do Espírito Santo, hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus, da Apresentação de Maria, servas de Jesus, servas da Santa Igreja, doroteias, de S. José de Cluny, dominicanas portuguesas, franciscanas hospitaleiras portuguesas, franciscanas missionárias de Maria, filhas de Maria Auxiliadora, filhas da Caridade de S. Vicente de Paulo, servas da Sagrada Família, franciscanas de Nossa Senhora das Vitórias e concecionistas da Beata Beatriz da Silva<sup>193</sup>), com a colaboração dos ouvintes e de todos os arquidiocesanos, que deveriam rezar pelos bons frutos da Santa Missão de Évora.<sup>194</sup>

A Santa Missão de Évora decorrendo entre os dias 3 e 17 de março, teve o seu ponto alto no encerramento, uma Missa campal na praça de Geraldo, em Évora. Depois de quinze dias de missionação (através da pregação e dos sacramentos – Batismo, Matrimónio e Confissão) o balanço foi avançado pelo próprio D. Manuel Trindade Salgueiro, que disse:

“A Santa Missão vai terminar depois de 15 dias de iluminação para os espíritos que se dispuseram a aceitar a verdade. Hora bendita esta da Santa Missão que permitiu a muitos aprender a rezar, a outros, recordar as orações aprendidas ao colo das mães, e também caudal imenso de sacramentos. Esta missão foi ainda, acima de tudo, hora de doutrinação, hora de oração e hora de sacramentos. É preciso que a Santa Missão continue para todos, pois somos caminheiros do Além onde nos espera outra vida para a qual é necessário estarmos preparados. Rezaí sempre, nas horas boas e nas horas atribuladas, porque nas nossas almas deve haver

---

<sup>190</sup> *A Defesa*, ano XL (número 2060, 09/02/1963), p. 1

<sup>191</sup> *Op. cit.*, ano XL (número 2060, 09/02/1963), p. 3

<sup>192</sup> *Op. cit.*, ano XL (número 2073, 23/03/1963), p. 2

<sup>193</sup> *Op. cit.*, ano XL (número 2073, 23/03/1963), p. 2

<sup>194</sup> *Op. cit.*, ano XL (número 2060, 09/02/1963), p. 3

sempre um sacrário a mostrar aos outros a imagem de Cristo, pois cada um de nós deve ser apóstolo em toda a parte, na família, nas ruas, nos meios de trabalhos.”<sup>195</sup>

A Santa Missão de Évora foi, então, o evento que maior visibilidade e proximidade provocou na Arquidiocese, mormente na cidade de Évora, pois a cada missionário foi confiado um bairro, no qual esteve presente e que missionou, levando ao anúncio do Evangelho, em muitos casos, pela primeira vez. No entanto, muitos foram os que ficaram de fora, evidentemente o resto da Arquidiocese onde não houve nenhum evento do género, pois apenas existiam pregações espontâneas e mais breves, normalmente na semana que antecedia a visita do Prelado e nas jornadas eucarísticas, mas sem grande eco na imprensa religiosa da Arquidiocese.

As dinâmicas religiosas no espaço público foram então momentos de apelo para o sagrado, na medida em que visibilizaram a experiência religiosa que se manifestava, procurando assim pelo exemplo levar à recristianização da sociedade eborense.

### **3.3. Nova geografia religiosa**

Na tarefa da recristianização da Arquidiocese de Évora, D. Manuel Trindade Salgueiro contou com a especial colaboração dos institutos religiosos, masculinos e femininos, de vida ativa ou contemplativa. No seu pontificado D. Manuel Trindade Salgueiro assistiu ao regresso dos monges cartuxos para a sua Cartuxa, ao estabelecimento de novos ou ao regresso de antigos institutos à sua Arquidiocese e à dedicação a novos ramos de ação pastoral por parte dos religiosos e, no seu pontificado e nas suas iniciativas apostólicas, contou sempre com a oração e sacrifício da vida contemplativa presente na Arquidiocese.

#### **3.3.1. O regresso dos Cartuxos**

A Cartuxa de Évora foi instalada a pedido do Arcebispo D. Teotónio de Bragança, que conseguiu da ordem sete monges fundadores da Cartuxa de *Scala Coeli*, instalados provisori-

---

<sup>195</sup> *A Defesa*, ano XL (número 2073, 23/03/1963), p. 2

amente no paço real em 1587, donde dirigiram as obras de construção do mosteiro. Em 1598 as obras concluíram e a Cartuxa foi aberta. Com o decreto de Joaquim António de Aguiar, de 1834, a Cartuxa foi extinta e os seus moradores foram expulsos. O edifício da Cartuxa foi, mais tarde, reedificado pelo seu proprietário, o Eng.º Vasco Maria Eugénio de Almeida, conde de Vil'Alva, que o legou à Fundação Eugénio de Almeida. A 14 de setembro de 1960 a Cartuxa voltou a ter vida, com o regresso dos Cartuxos a Portugal e à Arquidiocese de Évora.<sup>196</sup>

A 12 de setembro de 1960 os sete cartuxos destinados à Cartuxa de *Scala Coeli* encontram-se no Santuário de Fátima com o Arcebispo de Évora D. Manuel Trindade Salgueiro. Nesse encontro, receberam do Prelado a sua bênção, sendo depois, dia 13, acompanhados ao longo da viagem até Évora por D. José Joaquim Ribeiro, bispo auxiliar de Évora, sendo aguardados à entrada da Cartuxa por Vasco Maria Eugénio de Almeida e a sua esposa e por familiares de Frei Miguel, um eborense cartuxo e conhecido pintor. A entrada faz-se já nas primeiras vésperas da Exaltação da Santa Cruz, a 14 de Setembro, voltando o sino da Cartuxa a tocar para as matinas. Sinos que não mais deixaram de se ouvir na cidade de Évora, à meia-noite.<sup>197</sup>

Pese embora as circunstâncias especiais em que ocorre (no contexto de ida para férias) o encontro entre D. Manuel Trindade Salgueiro e os Cartuxos revestiu-se de vital importância. O regresso da Cartuxa seria muito desejado por Vasco Maria Eugénio de Almeida, mas não o seria menos por D. Manuel Trindade Salgueiro. No entanto, como a reabertura da Cartuxa foi um projeto pessoal de Vasco Maria Eugénio de Almeida, o papel de D. Manuel Trindade Salgueiro deverá ter sido apenas institucional e de contactos com a Grande Cartuxa. O papel de D. Manuel Trindade Salgueiro e o seu envolvimento pessoal na reabertura da Cartuxa, bem como em todos os projetos por ele empreendidos, só pode ser devidamente comprovado

---

<sup>196</sup> Cf. Antão LOPEZ, "Cartuxos", in Carlos AZEVEDO (Dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Círculo de Leitores, Lisboa, 2000, 1.ª edição, volume A-C, p. 300

<sup>197</sup> *A Defesa*, ano XXXVIII (número 1942, 17/09/1960), p. 8

quando os arquivos que lhe dizem respeito forem tratados e estiverem disponíveis para consulta. Até lá, e da imprensa da época, apenas poderemos conjecturar sobre o seu papel.

As visitas de D. Manuel Trindade Salgueiro à Cartuxa de Évora são feitas com regularidade e sempre que alguma entidade oficial se desloca à cidade e mostra interesse em visitar a Cartuxa. Assim, a 4 de março de 1961, D. Manuel Trindade Salgueiro acompanha o Núncio Apostólico em Portugal, D. Giovanni Panico, que faz a entrega de um círio benzido pelo Papa João XXIII;<sup>198</sup> a 22 de dezembro de 1962 há notícia da visita do Arcebispo de Botucatu, D. Frei Henrique Golland de Trindade, acompanhado do Arcebispo de Évora, D. Manuel Trindade Salgueiro<sup>199</sup> e no mês de março de 1965, D. Manuel Trindade Salgueiro acompanha o Contra-Almirante Américo Tomás, Presidente da República, os ministros do Interior, das Obras Públicas e da Justiça e os secretário de Estado da Agricultura e subsecretário de Estado da Presidência numa visita à Cartuxa de *Scala Coeli*.<sup>200</sup>

A Cartuxa de Évora foi, desde a sua reabertura, um foco de espiritualidade não só na cidade de Évora mas em toda a Arquidiocese. Local de penitência e oração, seria também local onde o Arcebispo de Évora confiara as suas intenções, de modo particular a recristianização da Arquidiocese, o Clero e os Seminários.

### **3.3.2. A ação dos religiosos e religiosas de vida ativa**

Se o impulso da Cartuxa de Évora, a sua reconstrução e reabertura, permitiram uma nova paisagem religiosa na Arquidiocese de Évora, papel importante e com o merecido destaque deve ser também dado aos vários institutos religiosos, masculinos e femininos, de vida ativa a funcionar na Arquidiocese. Dizem-se institutos religiosos de vida ativa em diferenciação dos de vida contemplativa; os religiosos de vida ativa vivem os conselhos evangélicos de pobreza, castidade e obediência no mundo onde estão inseridos e para onde são enviados, na sociedade concreta que os rodeia, desempenhando variados tipos de apostolado pela palavra e

---

<sup>198</sup> *A Defesa*, ano XXXVIII (número 1967, 11/03/1961), p. 1.2

<sup>199</sup> *Op. cit.*, ano XL (número 2060, 22/12/1962), p. 13

<sup>200</sup> *Op. cit.*, ano XLIII (número 2179, 03/04/1964), p. 3

pelo exemplo enquanto os religiosos de vida contemplativa vivem os conselhos evangélicos na solidão e penitência das casas onde professam. Assim, os religiosos realizam no mundo a presença viva e atuante de Cristo, nos vários meios e através do apostolado concreto onde se inserem, através da sua ação assistencial, educativa, litúrgica, catequética ou sacramental.

Quando chega a Évora, D. Manuel Trindade Salgueiro encontra várias congregações e institutos religiosos dedicados às atividades assistencial e educativa ou com a sua Casa-mãe ou conventos, em vários pontos da Arquidiocese e de variadas formas. Segundo o *Anuário Católico de Portugal* para 1953, sabe-se que existia no Alandroal o Asilo de Anciãos e o Hospital da Misericórdia, ao cuidado das Irmãs do Amor de Deus; em Alcácer do Sal o Hospital da Misericórdia, ao cuidado das Irmãs de S. Vicente de Paulo; em Arraiolos o Hospital da Misericórdia, ao cuidado das Irmãs Josefino-Trinitárias; em Borba o Patronato, dirigido pelas Filhas das Dores de Maria Imaculada; em Campo Maior o Hospital da Misericórdia, ao cuidado das Franciscanas Hospitaleiras e o Convento de Santo António, de Irmãs Concecionistas da Beata Beatriz da Silva; em Coruche o Infantário ou Creche, sob a direção das Irmãs Missionárias Reparadoras; em Elvas o Asilo da Infância, sob a direção das Servas da Santa Igreja, o Colégio para Meninas, dirigido pelas Irmãs Teresianas, a Creche ou Infantário, sob a direção das Irmãs Concecionistas ao Serviço dos Pobres, o Hospital da Misericórdia, ao cuidado das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras e a Pia União das Irmãs Concecionistas da Beata Beatriz ao Serviço dos Pobres, com a sua Casa-Mãe; em Estremoz o Asilo da Infância, ao cuidado das Irmãs Teresianas Dominicanas e o Hospital da Misericórdia, ao cuidado das Irmãs Terceiras Carmelitas; em Évora o Asilo da Infância, ao cuidado das Irmãs Terceiras Franciscanas, a Casa Pia Feminina, ao cuidado das Irmãs Salesianas, a Casa de Preservação do Convento do Calvário, sob a direção das Irmãs Adoradoras, o Colégio de Nossa Senhora do Carmo, também denominado Colégio Luso-Inglês, dirigido pelas Irmãs Doroteias, o Hospital da Misericórdia, ao cuidado das Irmãs Terceiras Franciscanas, o Oratório Festivo de S. José, dirigido por Padres Salesianos e o Patronato da Nossa Senhora da Conceição, no Monte

Brito, ao cuidado das Servas de Jesus; em Fronteira o Asilo e Infantário, ao cuidado de Irmãs Concecionistas ao Serviço dos Pobres; em Montemor-o-Novo o Hospital Infantil de S. João de Deus, dirigido por Irmãos de S. João de Deus; em Vendas Novas o Hospital da Misericórdia, ao cuidado das Irmãs de S. Vicente de Paulo e o Oratório Festivo Beato Domingos Sávio, dirigido por Padres Salesianos; em Portel o Hospital da Misericórdia, ao cuidado de Irmãs Franciscanas de Calais; em Redondo o Orfanato, dirigido por Irmãs Terceiras Franciscanas; em Reguengos de Monsaraz o Hospital da Misericórdia, ao cuidado de Irmãs da Assunção; em Samora Correia a Creche Padre Tobias, sob a direção das Servas da Santa Igreja; em Viana do Alentejo a Creche e Casa de Trabalho, dirigido por Escravas da Santíssima Eucaristia e o Hospital da Misericórdia, ao cuidado de Irmãs Terceiras Franciscanas Hospitaleiras e em Vila Viçosa o Asilo de Anciãos, ao cuidado de Irmãs Hospitaleiras, o Asilo de Infância, ao cuidado de Irmãs do Amor de Deus e o Hospital da Misericórdia, ao cuidado de Irmãs Terceiras Franciscanas.<sup>201</sup>

A presença dos institutos é predominantemente feminina (apenas dois institutos masculinos – Irmãos de São João de Deus e Salesianos) e assistencial, em ambiente hospitalar, infantil ou geriátrico (exceção são: o Colégio para Meninas em Elvas; a Casa Pia Feminina, a Casa de Preservação do Convento do Calvário e o Colégio de Nossa Senhora do Carmo em Évora; os Patronatos de Borba e do Monte Brito e os Oratórios Festivos de S. José em Évora e do Beato Domingos Sávio em Vendas Novas). Existem na Arquidiocese o convento de Santo António para as Irmãs Concecionistas da Beata Beatriz da Silva, em Campo Maior, a Casa-Mãe da Pia União das Irmãs Concecionistas da Beata Beatriz ao Serviço dos Pobres em Elvas e a Casa-Mãe da Pia União das Servas da Santa Igreja em Évora.<sup>202</sup>

Da leitura dos *Anuários Católicos de Portugal* para os anos de 1957 e 1968 pode constatar-se o encerramento dos Patronatos de Borba e do Monte Brito mas também que são confiadas novas obras de assistência a institutos já presentes (às Irmãs Concecionistas ao serviço

---

<sup>201</sup> SECRETARIADO GERAL DO EPISCOPADO, *Anuário Católico de Portugal*, Lisboa, 1953, p. 274-276

<sup>202</sup> *Op. cit.*, p. 275

dos Pobres são confiados o Hospital da Misericórdia de Sousel e o Recolhimento das Órfãs de Barbacena, às Terceiras Carmelitas é confiado o Hospital paroquial do Couço, às Irmãs Josefinas da Santíssima Trindade é confiado o Hospital da Misericórdia de Mora e às Irmãs Franciscanas de Calais é confiado o Hospital do Sagrado Coração de Jesus em Montargil) bem como a abertura de novos institutos e de novas valências assistenciais (as Franciscanas Missionárias de Maria com um asilo em Montemor-o-Novo, as Franciscanas de Nossa Senhora das Vitórias com um asilo em Assumar, as Irmãs de S. José de Cluny no Patronato de Galveias e as Irmãs da Sagrada Família com o Hospital da Misericórdia de Monforte e com o asilo da Infância desvalida em Veiros) ou educativas (o regresso da Companhia de Jesus a Évora).<sup>203</sup>

Embora mantendo o foco sobre a ação assistencial, o alargamento das valências educativas (ampliação ou construção de colégios, como por exemplo o Colégio de Nossa Senhora do Carmo em Évora, o Colégio Luso-Britânico em Elvas e as escolas dos Oratórios de S. José em Évora e do Beato Domingos Sávio em Vendas Novas) são sinal de uma preocupação por parte dos religiosos, corroborada e apoiada pela presença e bênção do Prelado, de tornar a presença religiosa constante na vida das pessoas, passando apenas dos momentos mais fragilizados (o berço e o leito de morte) para um acompanhamento permanente e fundamental na educação das pessoas. Assim, a geografia religiosa da Arquidiocese de Évora altera-se, alarga-se, sendo determinante a presença dos religiosos no processo de recristianização da Arquidiocese.

Exemplo fulcral é a chamada dos membros da Companhia de Jesus para organizar e dirigir o primeiro estabelecimento de ensino superior em Évora desde a supressão da Universidade de Évora, no século XVIII. Criado por vontade do Engenheiro Vasco Maria Eugénio de Almeida e mantido pela Fundação Eugénio de Almeida, o Instituto de Estudos Superiores de Évora assume-se como uma escola superior, “onde se professarão estudos da maior rele-

---

<sup>203</sup> Cf. SECRETARIADO GERAL DO EPISCOPADO, *Anuário Católico de Portugal*, Lisboa, 1953, p. 274-276; SECRETARIADO GERAL DO EPISCOPADO, *Anuário Católico de Portugal*, Lisboa, 1957, p. 275-276; SECRETARIADO DE INFORMAÇÃO RELIGIOSA, *Anuário Católico de Portugal*, Lisboa, 1968, p. 146-147

vância prática”<sup>204</sup> e que pretendia “formar técnicos competentes, em dois ramos dos mais apaixonantes da vida actual”,<sup>205</sup> sendo acarinhado e reconhecido pelo Estado e pela Igreja, e de forma proeminente pelo Prelado. Em documento datado de 31 de junho de 1964, D. Manuel Trindade Salgueiro anuncia a toda a Arquidiocese a abertura, em outubro, do Instituto de Estudos Superiores de Évora, com duas secções: ciências económicas (Economia) e ciências sociais (Sociologia). O sucesso da instituição merecia, desde o início, o crédito de D. Manuel Trindade Salgueiro pois:

“o Instituto é criado e mantido pela Fundação Eugénio de Almeida, e dirigido pela Companhia de Jesus. Esta simples informação nos diz da sua solidez financeira, porque a referida Fundação repousa sobre a munificência dos Senhores Condes de Vilalva (a quem Évora fica a dever novo e assinalado serviço, porventura o maior serviço, dentre tantos que a esta cidade têm prestado), e da seriedade e profundidade dos estudos, porque a reconhecida competência dos Padres da Companhia de Jesus lhes assegurará o alto nível científico de que precisam, para merecerem de direito e de facto a designação de Estudos Superiores.”<sup>206</sup>

Sem ser o embrião da Universidade em Évora nem da Universidade Católica Portuguesa, o Instituto seria um sinal de esperança para todos os que desejavam o “progresso de Évora, principalmente nos domínios da cultura intelectual, da economia e da sociologia, (...) em certo modo e medida, reparação da ferida que se abriu com a extinção da sua Universidade em 1759, e nunca totalmente se fechou”.<sup>207</sup> Daqui se verifica o regresso em glória a Évora da Companhia de Jesus, momento de reparação pela expulsão do século XVIII e que iria iniciar o processo cultural e académico da cidade museu, pela mão dos institutos religiosos.

A presença dos religiosos e religiosas de vida ativa na Arquidiocese de Évora desenvolve-se, assim, de forma integrada, desde os orfanatos, creches e infantários, até aos hospitais e asilos de anciãos, passando pelos estudos gerais ou superiores. A geografia religiosa na Arquidiocese de Évora torna-se, então, mais alargada, presente em mais pontos da Arquidiocese, presença que se efetiva no acompanhamento permanente das pessoas, presença que se

---

<sup>204</sup> J. A. GUERREIRO, *D. Manuel Trindade Salgueiro no Arcebispado de Évora: 1955-1965*, p. 212

<sup>205</sup> *Op. cit.*, p. 212

<sup>206</sup> *Op. cit.*, p. 211

<sup>207</sup> *Op. cit.*, p. 213

quer que seja sinal da palavra e dos gestos de Jesus Cristo, testemunho de Fé e força motriz para o processo de recristianização.

### 3.3.3. A vida contemplativa

Depois de abordado o caso particular da Cartuxa de Évora e da ação dos religiosos e religiosas de vida ativa, cabe uma abordagem sobre a vida contemplativa na Arquidiocese de Évora. Longe do vigor monacal e contemplativo dos séculos anteriores – a Arquidiocese de Évora tinha no tempo do Cardeal D. Henrique 53 mosteiros masculinos e 20 femininos<sup>208</sup> – o cenário encontrado por D. Manuel Mendes da Conceição Santos fora desolador: a lei de 1834 fechara os noviciados dos conventos e mosteiros femininos e decretara o encerramento dessas casas com a morte da última religiosa e encerrara as casas religiosas masculinas; a implantação da República e a apropriação dos edifícios deixados pelos religiosos deixara sem património material a Arquidiocese ou as casas religiosas e, assim, em 1921 não havia nenhuma congregação religiosa na extensa Arquidiocese de Évora. Quando morre D. Manuel Mendes da Conceição Santos, em 1955, já estavam instaladas na Arquidiocese 32 casas de religiosos e religiosas em 23 diferentes institutos.<sup>209</sup>

Em relação à vida contemplativa, à entrada de D. Manuel Trindade Salgueiro apenas existia uma casa religiosa desse ramo, em Campo Maior, as filhas da Beata Beatriz da Silva, as Irmãs Franciscanas Concecionistas da Beata Beatriz da Silva, com residência no Convento de Santo António. Esse instituto religioso, fundado por Beatriz da Silva, foi reconhecido pelas bulas de Inocêncio VIII em 1489 e de Júlio II em 1511, esta última reconhecendo o instituto como nova congregação religiosa, com o poder de fundar mosteiros. No século XVII a sua presença iniciou-se e alastrou-se em Portugal mas, com a lei de 1834, todos os mosteiros franciscanos concecionistas desapareceram. Em 1942, pela mão de D. Manuel Mendes da Concei-

---

<sup>208</sup> Cf. Joaquim Chorão LAVAJO, “Évora”, in Carlos AZEVEDO (Dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Círculo de Leitores, Lisboa, 2000, 1.ª edição, volume C-I, p. 218

<sup>209</sup> *Op. cit.*, p. 218-219

ção Santos a congregação instala-se em Campo Maior, terra natal da fundadora, com uma comunidade de cinco monjas, vindas de Vilafranca del Bierzo.<sup>210</sup>

D. Manuel Trindade Salgueiro deslocou-se poucas vezes ao Mosteiro de Campo Maior, mas nunca deixou de acompanhar a vida do mosteiro, as suas profissões, o seu crescimento mas também o falecimento das irmãs, encontrando na oração das irmãs e com as irmãs forças para a missão que lhe estava confiada.<sup>211</sup> Assim, a vida contemplativa de Campo Maior, complementada depois com a Cartuxa de Évora, tornaram-se os dois pulmões, purificadores do ar descristianizado e motores de uma vida mais cristã, de uma sociedade recristianizada. Pela oração e pela penitência constante, à imitação da Virgem Maria, Imaculada Conceição, as monjas de Campo Maior tornaram-se como um oásis no deserto de oração da Arquidiocese de Évora, oásis a que D. Manuel Trindade Salgueiro recorria com frequência, para a assistência pastoral mas também para os momentos de discernimento, pessoal e pastoral, e de oração.

Do que ficou dito pode concluir-se que a presença dos religiosos, desde logo os de vida ativa, constituiu uma mais-valia na ação pastoral e na ajuda no processo de recristianização da Arquidiocese de Évora, da qual se valeu o Arcebispo de Évora D. Manuel Trindade Salgueiro. No entanto, o auxílio prestado pela oração e penitência dos contemplativos, que sempre encontrou em Campo Maior e que foi reforçado com a chegada dos cartuxos a Évora, foi também um poderoso apoio para a tarefa de recristianização da Arquidiocese, encontrando-se aí um oásis de oração, sendo a geografia religiosa da Arquidiocese de Évora configurada com a renovação das comunidades, com o surgimento e florescimento dos institutos e com a constante presença de vida religiosa na Arquidiocese.

---

<sup>210</sup> Cf. Maria do Pilar S. A. VIEIRA, “Monjas Concepcionistas Franciscanas”, in Carlos AZEVEDO (Dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Círculo de Leitores, Lisboa, 2000, 1.ª edição, volume A-C, p. 405

<sup>211</sup> Segundo dados disponibilizados por Sor Maria dos Anjos, D. Manuel Trindade Salgueiro deslocou-se ao Mosteiro de Campo Maior em duas datas, para presidir ao Capítulo Eletivo da Comunidade, a 24 de abril de 1958 e a 19 de maio de 1961

#### 4. Os Seminários

“Todavia, se de momento crescesse notavelmente o número das vocações, logo surgiria o grave problema da capacidade dos Seminários, que não comportam maior população. Mesmo para a população actual, há deficiências que urge remediar. Profundas obras de restauro e de actualização realizou audaciosamente o Senhor Dom Manuel Mendes da Conceição Santos no Seminário Maior. Apesar disso, esta Casa de formação eclesiástica carece ainda de requisitos pedagógicos que se impõem, para total aproveitamento dos alunos. [/] O Seminário de preparatórios está ainda em piores condições, não possuindo sequer a unidade de instalações, que é fundamental em casas desta natureza. No entanto, dão-se graças a Deus por ter inspirado a generosidade das pessoas beneméritas que tornaram possível a sua existência e, com dedicação impressionante, o têm melhorado.”<sup>212</sup>

Uma das linhas de ação que desde a sua chegada a Évora D. Manuel Trindade Salgueiro procurou desenvolver foi a capacitação dos Seminários, dos edifícios e também dos formadores e da formação, Menor e Maior. Sem esta capacitação em vão seria o trabalho em prol da recristianização da Arquidiocese. E sem esta capacitação permaneceria sem resposta uma outra linha de ação que adiante desenvolveremos, o reduzido número de sacerdotes.

Herdeiro dos grandes edifícios do Real Colégio da Purificação de Évora (edifício que acolhia o Seminário Maior) e do convento das Chagas (edifício que acolhia o Seminário Menor), D. Manuel Trindade Salgueiro é também herdeiro de edifícios que necessitavam de obras urgentes, de equipamentos novos e de espaço que não dispunham. Assim, desde a sua chegada ergue um plano de construções e de obras de reparação nos edifícios dos Seminários, obras de grande envergadura e para as quais tem que contar com a generosidade dos fiéis, mas também uma obra de renovação das equipas dos Seminários, para criar nos seus seminaristas um espírito novo, uma nova visão do mundo e da sociedade de onde vêm e para onde vão ser enviados.

---

<sup>212</sup> *A Defesa*, ano XXXIII (série semanal – 1696, série diária – 1103, 21/10/1955), p. 3

#### 4.1. O Seminário Menor

De forma a dar resposta ao elevado número de vocações que acorriam ao Seminário de Évora, D. Manuel Mendes da Conceição Santos instituiu o Seminário Menor de S. José, sedado no antigo Convento das Chagas em Vila Viçosa cedido pelo rei D. Manuel II e, posteriormente, pela rainha-mãe D. Amélia e pela Casa de Bragança, para aí instalar os alunos do curso de preparatórios, a partir do ano letivo de 1934-1935, mantendo-se no Seminário de Évora os alunos de Filosofia e de Teologia.<sup>213</sup> Dado o aumento do número de candidatos ao sacerdócio que acorriam ao Seminário Menor de S. José, no ano letivo de 1950-1951 foi alugado e abriu para acolher os alunos do primeiro ano de preparatórios, o antigo Convento dos Eremitas de Santo Agostinho, em Vila Viçosa.<sup>214</sup>

No pontificado de D. Manuel Trindade Salgueiro várias são as obras empreendidas para melhorar e adaptar os edifícios às novas exigências quer humanas, quer académicas. No edifício do Convento das Chagas, que necessitava de obras orçamentadas em 2.000 contos, a Casa de Bragança (sua proprietária) não pôde ou não quis realizar as obras e D. Manuel Trindade Salgueiro não assume o encargo das obras necessárias, pelo que insta à realização de obras e aquisição do edifício do Convento dos Agostinhos para instalar nesse edifício o Seminário Menor de S. José. Assim, conseguida a cedência do Convento dos Agostinhos à Arquidiocese de Évora em 1963, D. Manuel Trindade Salgueiro autoriza e acompanha de perto as obras de beneficiação nos dormitórios, nas capelas, nos quartos, nas salas de estudo, nos refeitórios, na cozinha, nas instalações sanitárias e na residência para as religiosas (que assumiram a cozinha do Seminário Menor) realizadas nesse ano. Por concluir ficou o novo ginásio, que se destinava a acolher os alunos do 1.º ano de Humanidades que se mantinham no Convento das Chagas. Todas estas obras orçaram em cerca de 2.000 contos e tornaram o Convento dos

---

<sup>213</sup> J. C. LAVAJO, “A formação do clero eborense séculos – XVIII-XX” *Eborensia* 49 (2015) 112-113

<sup>214</sup> *Op. cit.*, 113-114

Agostinhos e o Seminário Menor que nele funcionava num dos melhores Seminários menores de Portugal.<sup>215</sup>

#### 4.2. O Seminário Maior

O Real Colégio da Purificação, edifício quinhentista, fundado para Seminário de Párocos em 1577, fora alvo de obras de restauro e reabilitação nas décadas de 40 e 50 do século XX, no pontificado de D. Manuel Mendes da Conceição Santos. Entre 1948 e 1952 “foram demolidos os muros que, interligando as pilastras do tramo central dos claustros, o haviam convertido num corredor fechado a estabelecer a ligação direta da portaria com a Capela de Nossa Senhora da Purificação”;<sup>216</sup> “a colunata toscana situada a norte do piso superior dos claustros, que havia sido entaipada para aí ser estabelecida uma sala de estudo, foi restituída à traça original com a libertação dos muros, propiciando o ar e a luz necessários para a leitura, a reflexão e também o repouso das longas horas de trabalho intelectual”;<sup>217</sup> “os quartos foram então dotados de água corrente; as salas de aulas, com a junção de algumas delas, tornaram-se mais amplas e mais acolhedoras; as salas dos atos e de leitura converteram-se em espaços de recolhimento e cultura; os serviços higiénicos foram modernizados; (...) as capelas foram restauradas”.<sup>218</sup> Também a biblioteca foi transferida para as dependências da imprensa da antiga Universidade e a Quinta de Santo António, comprada por D. Manuel Mendes da Conceição Santos para suprir a falta de espaço nos Seminários arquidiocesanos, passou a ser explorada agropecuariamente.<sup>219</sup>

No pontificado de D. Manuel Trindade Salgueiro, dada a saída da Casa Pia do edifício da Universidade de Évora em 1959, o Arcebispo de Évora promove e defende publicamente a promessa feita pelo ministro Arantes de Oliveira, segundo o qual a Igreja do Espírito Santo, o

---

<sup>215</sup> *A Defesa*, ano XLIII (número 2215, 15/12/1965), suplemento «Página dos Seminários», número 219, p. 1.2

<sup>216</sup> J. C. LAVAJO, “A formação do clero eborense séculos – XVIII-XX” *Eborensia* 49 (2015) 113

<sup>217</sup> *Op. cit.*, 113

<sup>218</sup> *Op. cit.*, 113

<sup>219</sup> *Op. cit.*, 113

edifício do «Conventinho» que tinha servido de noviciado da Companhia de Jesus, o ginásio construído para a Casa Pia e os recreios e campos anexos da Universidade de Évora, seriam destinados ao Seminário Maior para a sua possível ampliação. Esta pretensão foi enfrentada pelos anseios do Liceu Nacional de Évora que também funcionava no edifício da antiga Universidade de Évora e desejava ampliar o seu espaço disponível. Graças ao movimento antecipado de D. Manuel Mendes da Conceição Santos (que nos seus últimos anos de vida previa já a saída da Casa Pia para o Mosteiro de São Bento de Cástris), que também se debateu pela devolução dos edifícios do noviciado da Companhia de Jesus à Igreja, as instalações foram devolvidas à Arquidiocese, também devido à intervenção pessoal do então Ministro das Obras Públicas, Arantes de Oliveira, considerado amigo dos Seminários, por ser amigo pessoal de D. Manuel Trindade Salgueiro.<sup>220</sup>

No entanto, os edifícios cedidos pelo Estado careciam de algumas obras de restauro e reabilitação. Assim aconteceu com o edifício do «Conventinho», que recebeu o magnífico pórtico do antigo Convento de S. Domingos e que se encontrava bastante soterrado, destinado a acolher os alunos de Filosofia, para aliviar a população seminarística no edifício da Purificação, que passava assim a contar apenas com os alunos de Teologia. Porém, a ameaça de ruína do Convento das Chagas fez passar os alunos do 2.º ano de Humanidades para o Seminário Menor nos Agostinhos e os alunos dos 4.º e 5.º anos passaram para o edifício do «Conventinho». Com esta transferência, voltaram para o Seminário da Purificação os filósofos, juntando-se assim aos teólogos. Com o regresso dos filósofos, os espaços tornaram-se novamente exíguos, havendo casos em que os quartos de um só seminarista abrigavam três seminaristas; mantinha-se a necessidade de quartos para hóspedes, de instalações próprias para as religiosas e criados que colaboravam no Seminário Maior, de garagens e de recreios de inverno. Como a ampliação para o «Conventinho» não conseguiu dar resposta ao problema da capacidade dos Seminários foi necessária a construção do novo pavilhão encostado ao Seminá-

---

<sup>220</sup> *A Defesa*, ano XLIII (número 2215, 15/12/1965), suplemento «Página dos Seminários», número 219, p. 2

rio da Purificação: encarregado o arquiteto João Raúl da Veiga Neves David de elaborar o projeto, constava de quatro pisos para serem instalados os recreios de inverno, as garagens, as instalações para as religiosas e os criados e trinta e dois quartos.<sup>221</sup>

“Talqualmente o Cardeal D. Henrique chamava ao Seminário da Purificação o «seu benjamim», por ter sido a última obra que começou em Évora, deixando-a aliás inacabada por ter subido ao trono e falecido pouco tempo depois, também o novo pavilhão da Purificação ficará na história do nosso Seminário como «o benjamim do Senhor D. Manuel Trindade Salgueiro» e a sua coroa de glória na obra, que desde o princípio do seu pontificado se propôs realizar: a continuação do plano de beneficiação e ampliação dos nossos Seminários Arquidiocesanos, iniciado por outro ínclito Présule, que foi o seu Venerando Antecessor, D. Manuel Mendes da Conceição Santos.”<sup>222</sup>

Para suportar os custos de tantas e tão elevadas obras, cerca de 7.000 contos, D. Manuel Trindade Salgueiro, não querendo pedir aos arquidiocesanos esforço económico tão elevado, já desgastados por vários anos agrícolas desfavoráveis, vendeu ao Estado a Herdade da Mitra, onde estava já instalada a Escola de Regentes Agrícolas (sonho e desejo já acalentado por D. Manuel Mendes da Conceição Santos), destinando-se os subsídios dessa venda para um fundo de obras para os Seminários arquidiocesanos.<sup>223</sup>

Assim, o aumento no número de seminaristas do Seminário Maior e a capacitação dos Seminários passou, também, pela ampliação de espaços: a construção de um novo pavilhão de quatro pisos encostado ao edifício henriquino, do lado sudeste; a construção de um novo ginásio, substituindo o herdado da Casa Pia e o arranjo dos campos de jogo adjacentes que foram cedidos pelo Estado à Arquidiocese aquando da transferência da Casa Pia para o Mosteiro de São Bento de Cástris, sendo que estas obras de melhoria foram posteriormente inauguradas por D. David de Sousa.<sup>224</sup>

---

p. 2.4 <sup>221</sup> *A Defesa*, ano XLIII (número 2215, 15/12/1965), suplemento «Página dos Seminários», número 219,

p. 4 <sup>222</sup> *Op. cit.*, ano XLIII (número 2215, 15/12/1965), suplemento «Página dos Seminários», número 219,

p. 4 <sup>223</sup> *Op. cit.*, ano XLIII (número 2215, 15/12/1965), suplemento «Página dos Seminários», número 219,

<sup>224</sup> J. C. LAVAJO, “A formação do clero eborense séculos – XVIII-XX” *Eborensia* 49 (2015) 114

### 4.3. Indicadores

Os dados de que dispomos<sup>225</sup> e ainda os dispersos pela imprensa arquidiocesana (através de «A Defesa» e dos suplementos *Página dos Seminários e Vocações*) permite-nos traçar um quadro onde podemos observar o número de ingressos no Seminário Menor, a filtragem para o Seminário Maior e, por fim, o maior tirocínio para as ordenações e acesso à carreira eclesiástica. Daí se conclui que o elevado número de acessos ao ensino seminarístico menor não é sinónimo de um aumento notável de ordenações, pois os que acedem ao ensino seminarístico maior já são um contingente menor, fruto do discernimento pessoal, do alcance dos estudos básicos ou da exigência para aceder ao nível seguinte. Porém, o acesso ao ensino seminarístico maior não era garantia da ordenação, pois o processo de discernimento e a dureza do regime de ensino levava ainda a uma filtragem em relação aos que acediam à carreira eclesiástica, pela ordenação. Assim, os valores dos ordenados são reveladores do processo de tirocínio exigente, do discernimento pessoal que se ia fazendo ou dos objetivos a alcançar por quem ingressava na vida seminarística.

Ano letivo	1.º ano de Preparatórios	1.º ano de Filosofia	1.º ano de Teologia	Ordenações
1955-1956	50	13	9	6
1956-1957	58	7	3	3
1957-1958	51	10	9	2
1958-1959	43	10	7	6
1959-1960	46	8	4	2
1960-1961	39	12	7	6
1961-1962	38	14	3	6
1962-1963	42	9	2	3
1963-1964	41	11	9	3
1964-1965	50	14	6	2
1965-1966	40	16	5	2

Tabela 8 – Número de seminaristas e ordenados por ano letivo entre 1955 e 1966

<sup>225</sup> Cf. *Boletim de Informação Pastoral*, diretor: Manuel Franco Falcão, Ano XI, número 63-64 (junho-julho-agosto), Secretariado de Informação Religiosa, Lisboa, 1969, p. 48

Os dados anteriores aos apresentados na tabela 8 (no período de 1930 a 1952),<sup>226</sup> quando comparados com os totais nacionais, dão-nos uma ideia do quadro que sucede encontrando os seguintes valores:

		Évora	Portugal	Média em diocese por ano
<b>1.º ano de Preparatórios</b>	<i>Total</i>	818	14.942	42,71
	<i>Média anual</i>	37,18	679,18	
<b>1.º ano de Filosofia</b>	<i>Total</i>	286	5.326	15,71
	<i>Média anual</i>	13,62	242,00	
<b>1.º ano de Teologia</b>	<i>Total</i>	163	3.577	10,64
	<i>Média anual</i>	8,15	162,59	
<b>Ordenações</b>	<i>Total</i>	108	2.526	7,58
	<i>Média anual</i>	5,40	114,81	

Tabela 9 - Total e média anual em Évora e em Portugal entre 1930 e 1952

Assim, verifica-se que os dados para Évora se encontram sempre abaixo da média nacional, sendo que a Arquidiocese de Évora é das mais extensas geograficamente, com um grande volume de entradas mas com uma grande diferença entre os que entram para o Seminário Menor e aqueles que acedem à ordenação eclesiástica.

Os 39 ordenados nos dez anos de pontificado de D. Manuel Trindade Salgueiro são fruto do contingente que ingressou ainda no tempo do seu antecessor, provenientes de diversas regiões e dioceses, como se pode verificar pelos dados que dispomos<sup>227</sup> para os ordenados:

Local de origem	Número de ordenados	Percentagem
<b>Aveiro</b>	7	17,96%
<b>Braga</b>	2	5,13%
<b>Évora</b>	5	12,82%
<b>Guarda</b>	13	33,33%
<b>Lamego</b>	2	5,13%
<b>Lisboa</b>	1	2,56%

<sup>226</sup> Cf. *Boletim de Informação Pastoral*, diretor: Manuel Franco Falcão, Ano XI, número 63-64 (junho-julho-agosto), Secretariado de Informação Religiosa, Lisboa, 1969, p. 53

<sup>227</sup> *A Defesa*, ano XLIII (número 2215, 15/12/1965), suplemento «Vocações», número 45, p. 2

<b>Local de origem</b>	<b>Número de ordenados</b>	<b>Porcentagem</b>
<b>Portalegre</b>	3	7,69%
<b>Porto</b>	4	10,26%
<b>Vila Real</b>	1	2,56%
<b>Viseu</b>	1	2,56%

*Tabela 10 – Local de origem, número de ordenados e percentagem, para o período de 1956 a 1965*

Podemos então concluir que os que ingressavam nos Seminários Menor e Maior seriam destas mesmas regiões, podendo até ser provenientes de outras regiões do país. Embora sendo uma população numerosa e variada, e apesar de viver em três equipamentos distintos que criavam barreiras ao nível etário, essa população alimentava um sentimento de pertença e de grupo, sentimento que se mantém em muitos, mesmo depois de abandonar a vida seminárstica. Daí a importância que adquire a Liga dos Antigos Seminaristas de Évora (L.A.S.E.), criada como movimento agregador dos antigos seminaristas, movimento visível de estima e cuidado pelos Seminários, que para além das concentrações aquando da «Festa da Casa», a 2 de fevereiro, dia da padroeira do Seminário (Nossa Senhora da Purificação), assume também a criação e manutenção de bolsas de estudos para seminaristas pobres ou que se notabilizavam pela sua inteligência.

A L.A.S.E. foi sonhada ainda durante o pontificado de D. Manuel Mendes da Conceição Santos, expressa pelo sr. Cândido Aparício Pereira em carta ao Reitor dos Seminários, mas esse sonho dissipou-se com a morte inesperada do então Arcebispo. Porém, a iniciativa foi sendo alimentada e quando chegou à Arquidiocese de Évora D. Manuel Trindade Salgueiro deparou-se com essa iniciativa, inédita em Portugal, para os antigos seminaristas, tendo presidido à primeira aparição pública da L.A.S.E. a 3 de fevereiro de 1956, o dia da «Romagem de Saudade e Gratidão», nome dado à congregação dos antigos seminaristas em Évora, iniciativa que se repetiria ano após ano, entre Évora e Vila Viçosa. Por decreto de 13 de março de 1960 D. Manuel Trindade Salgueiro aprova os Estatutos da L.A.S.E., instituindo o dia 3 de fevereiro como o «dia do antigo Seminarista de Vila Viçosa e de Évora» e por decreto de

18 de janeiro de 1961, o Arcebispo concede a ereção canónica à L.A.S.E., “considerando que bem merece prova de particular estima e precisa de consolidar a sua existência dentro da Igreja e perante o Estado” e assim se institui a primeira associação do género em Portugal, associação que lhe merece a presença e o incentivo constantes.<sup>228</sup>

#### 4.4. A formação

O percurso formativo dos Seminários era dividido, não só fisicamente mas também academicamente em duas fases: o Seminário Menor, onde era lecionado o curso de Preparatórios, com a duração de cinco anos, e o Seminário Maior, onde era lecionado o curso Filosófico-Teológico, com a duração de sete anos. No Seminário Menor os alunos estavam separados em dois edifícios, primeiramente em Vila Viçosa (no Convento dos Agostinhos onde eram lecionados e residiam os alunos dos 1.º e 2.º anos de Preparatórios e no Convento das Chagas onde eram lecionados e residiam os alunos dos 3.º ao 5.º anos de Preparatórios) e, posteriormente, separados entre Vila Viçosa e Évora (para o Convento dos Agostinhos eram transferidos os alunos dos 1.º ao 3.º anos de Preparatórios e para Évora eram transferidos os alunos dos 4.º e 5.º anos de Preparatórios, passando a residir no edifício do «Conventinho»); o Seminário Maior, com os alunos do curso Filosófico-Teológico, estava instalado no Seminário de Nossa Senhora da Purificação.

O curso seminarístico, embora não dependa a sua organização do Prelado diocesano, verifica no pontificado de D. Manuel Trindade Salgueiro uma diminuição no número de disciplinas. Segundo os dados de que dispomos<sup>229</sup> no ano de 1953 eram lecionadas no Seminário Maior 38 disciplinas, em 1957 eram lecionadas 34 disciplinas e em 1968 eram lecionadas 44 disciplinas. Para o ano de 1957, durante o pontificado de D. Manuel Trindade Salgueiro em Évora, aparece como disciplina original (não aparece em 1953 nem surgirá em 1968) a Histó-

---

<sup>228</sup> *A Defesa*, ano XLIII (número 2215, 15/12/1965), suplemento «Página dos Seminários», número 219, p. 3

<sup>229</sup> Cf. SECRETARIADO GERAL DO EPISCOPADO, *Anuário Católico de Portugal*, Lisboa, 1953, p. 271; SECRETARIADO GERAL DO EPISCOPADO, *Anuário Católico de Portugal*, Lisboa, 1957, p. 267; SECRETARIADO DE INFORMAÇÃO RELIGIOSA, *Anuário Católico de Portugal*, Lisboa, 1968, p. 137

ria da Arte e inicia-se a lecionação de Religião (aparecerá também em 1968); nesse ano de 1957 não há registo da lecionação de Lógica, Crítica, Ética, Cosmologia, Sociologia nem Moral Fundamental (disciplinas lecionadas em 1953 e que surgem também em 1968, com exceção da Lógica).

A formação académica englobava as matérias comuns aos estabelecimentos públicos do género para o Seminário Menor, conferindo o grau do curso de Preparatórios por provas prestadas nas escolas públicas, e as matérias filosófico-teológicas para o Seminário Maior, conferindo os graus que eram assumidos pelo Liceu Nacional de Évora. Assim, o papel dos Seminários assumia-se na formação integral de homens que, conforme a vontade de Deus e o seu anseio pessoal, podiam entrar na carreira eclesiástica e prosseguir estudos teológicos ou sociais, ou então formar homens aptos para o exercício de funções públicas, que poderiam entrar pela carreira académica ou diretamente no mundo do trabalho, nunca deixando de parte a formação adquirida nos bancos das salas de aula dos Seminários, formação essa que os impelia também à militância pública, ao menos através da L.A.S.E.

#### **4.5. A «Semana dos Seminários»**

Os Seminários assumem-se como uma das preocupações máximas de D. Manuel Trindade Salgueiro, que vê neles o futuro da Arquidiocese, e pelos quais trabalha arduamente, não chegando a ver todos os frutos desse trabalho, mas vendo a instalação do Seminário Menor de S. José no Convento dos Agostinhos, a adaptação do edifício do «Conventinho» anexo ao da antiga Universidade e o início das obras do novo ginásio e do novo pavilhão para os teólogos em Évora. Nas suas pastorais que convocavam a «Semana dos Seminários» perpassam muitos dos seus anseios e desejos para os Seminários.

A «Semana dos Seminários» é herdada do modelo do seu antecessor D. Manuel Mendes da Conceição Santos e, durante o pontificado de D. Manuel Trindade Salgueiro realiza-se

todos os anos (exceto em 1962, dada a doença do Prelado), em épocas diferentes mas sempre no mesmo espírito:<sup>230</sup>

Ano	Data
1956	6 a 13 de maio
1957	19 a 26 de maio
1958	4 a 11 de maio
1959	Início de novembro
1960	22 a 29 de maio
1961	30 de abril a 7 de maio
1963	5 a 12 de maio
1964	3 a 10 de maio
1965	2 a 9 de maio

*Tabela 11 - Data das «Semanas dos Seminários» na Arquidiocese de Évora entre 1956 e 1965*

As «Semanas dos Seminários» assumem-se como momentos de pregação sobre a importância social e eclesial dos Seminários, a recolher fundos para os Seminários e para apresentar as contas relativas ao ano transato e propor os valores para o ano vigente.

Acerca da importância dos Seminários, diz D. Manuel Trindade Salgueiro que “sem Seminário, a Diocese fica, pelo menos, mutilada” e reconhece que os Seminários são “fontes de vida espiritual em áridas charnecas de almas, [que] deviam ser considerados, por todos, serviços beneméritos de utilidade pública”;<sup>231</sup> “os Seminários representam também valores sociais de primeira grandeza (...) Os Seminários são altas escolas de formação (...) casos numerosos de alunos que, tendo frequentado o Seminário, não vieram a ordenar-se, mas foram depois grandes figuras em sectores variados de actividades públicas, exactamente porque o Seminário lhes franqueou as portas da vida”;<sup>232</sup> “como em poucos ou em nenhum outro estabelecimento de ensino e educação, é larga e sólida a formação que recebem os alunos: preparação intelectual, artística e cultural; estruturação moral e religiosa, em ordem ao apostola-

<sup>230</sup> J. A. GUERREIRO, *D. Manuel Trindade Salgueiro no Arcebispado de Évora: 1955-1965*, p. 73

<sup>231</sup> *Op. cit.*, p. 75

<sup>232</sup> *Op. cit.*, p. 81

do; adaptação aos problemas sociais, no meio dos quais hão-de passar a vida”;<sup>233</sup> para “tornar conhecido o grande desconhecido [o Seminário], criar à sua volta justo ambiente de simpatia e de benevolência, garantir-lhe possibilidades materiais de exercer as suas funções, acender e robustecer nas famílias o ideal do sacerdócio, para que os pais sintam a santa alegria de dar os seus filhos a Deus, e os seus filhos a sublimidade da missão sacerdotal”;<sup>234</sup> “os Seminários constituem a grande esperança e a realização maravilhosa em cada dia, da recristianização da nossa Diocese”;<sup>235</sup> e, por fim, apela a que “a pastoral das vocações, que na Semana dos Seminários vai ser vivida em grande estilo, tem de exercer-se de maneira habitual em todas as actividades religiosas – na família, nas secções da Acção Católica, nas reuniões dos Cursos de Cristandade, nos encontros dos Grupos de Casais e das Conferências Vicentinas, sempre e em toda a parte”.<sup>236</sup>

Também a propósito da «Semana dos Seminários», e sempre em simultâneo, decorre o peditório para os Seminários no dia 2 de novembro, prática que ainda hoje se mantém. Estas iniciativas, de carácter catequético e de apelo à contribuição para a sustentação e dinamização dos Seminários, revestem-se de grande envolvimento arquidiocesano, com a participação dos seminaristas em visitas às paróquias, com grande movimentação e adesão do clero e dos membros da Ação Católica, dos Cursos de Cristandade, das Conferências de S. Vicente de Paulo e outras.

Assim, a capacidade física dos Seminários, bem como a necessidade de novos elementos para os Seminários e a sua formação, objetivos traçados através das convocatórias arquidiocesanas para as Semanas dos Seminários, foram um dos campos de ação pastoral de D. Manuel Trindade Salgueiro, campo de ação prioritário e que sempre foi assumido pelo Arcebispo de Évora. O recrutamento de novos efetivos para a população seminarística e para a carreira eclesiástica permitiriam uma séria e renovada campanha de recristianização. Para que

---

<sup>233</sup> J. A. GUERREIRO, *D. Manuel Trindade Salgueiro no Arcebispado de Évora: 1955-1965*, p. 87

<sup>234</sup> *Op. cit.*, p. 89

<sup>235</sup> *Op. cit.*, p. 97

<sup>236</sup> *Op. cit.*, p. 109

os novos efetivos tivessem condições para se formar eram necessários espaços adequados e uma formação séria e assumida. Para que surgissem novos efetivos era necessária uma consciencialização da população, de forma que no seio das famílias despontassem esses elementos. Se o clero não se renovasse não seria possível uma autêntica recristianização da Arquidiocese, problema e campo de ação assumido desde a primeira hora por D. Manuel Trindade Salgueiro e que de seguida se estuda.

## 5. O pessoal eclesiástico e dificuldades na sua colocação e sustentação

“Por outro lado, é reduzido o número de sacerdotes para tarefa tão árdua. Mais do que nunca ressoam em nosso coração as palavras do divino Mestre: «A messe é grande, mas são poucos os obreiros»<sup>237</sup>. [/] Nem se vê a possibilidade imediata de aumentar grandemente esse número. No clima religioso da vida alentejana, são raras as vocações eclesiásticas, que surgem e vingam na região. Mais de trinta anos foi arcebispo de Évora o nosso venerando Antecessor, e em tão largo lapso de tempo poucos foram os sacerdotes do Alentejo que teve a consolação de ordenar. Felizmente, com regularidade vêm de outras Dioceses rapazes generosos que povoam o Seminário, chegando muitos deles às honras do sacerdócio. Sem esse esforço providencial, seria já de morte esta desolação religiosa. (...) Mas, fossem numerosas as vocações e tivessem os seminários em condições de albergar convenientemente maior população de almas, ficaria ainda a dificuldade, por agora insuperável, de colocar decorosamente todos os sacerdotes de que precisa a Diocese, para ser eficazmente evangelizada. Porque, sendo tantas as freguesias sem pastor, na realidade muitas delas não estão em condições de possuí-lo. Haverá de criar-se ambiente propício para que todos os paroquianos compreendam que têm o dever grave de sustentar o seu pároco, conforme determina a Escritura e a Santa Igreja ordena. [/] Para se criar esta mentalidade, afinal simples problema de justiça, impõe-se aturada e sacrificada evangelização, com os magros recursos actuais. Como haja de fazer-se tal evangelização, é segredo que Deus inspirará.”<sup>238</sup>

O problema do reduzido número do clero e das dificuldades em sustentá-lo decorosamente nas paróquias foi também uma das linhas de ação pastoral de D. Manuel Trindade Salgueiro nos dez anos do seu pontificado em Évora. Neste apartado serão tratados os indicado-

---

<sup>237</sup> Lc 10,2

<sup>238</sup> *A Defesa*, ano XXXIII (série semanal – 1696, série diária – 1103, 21/10/1955), p. 3

res do número de eclesiásticos, as nomeações efetuadas por D. Manuel Trindade Salgueiro, a composição do Cabido da Basílica Metropolitana de Évora, os vigários gerais da Arquidiocese e os bispos auxiliares de D. Manuel Trindade Salgueiro.

Através dos indicadores apontados pretende delinear-se a necessidade de clero existente na Arquidiocese de Évora, o percurso que os eclesiásticos da Arquidiocese percorriam, bem como as figuras proeminentes entre o clero da Arquidiocese de Évora. Também se pretende aferir de que forma D. Manuel Trindade Salgueiro foi dando atenção e resposta ao problema da falta de clero secular, à necessidade de prover as paróquias de pároco e a forma de sustentar o clero na sua Arquidiocese.

### 5.1. Indicadores quantitativos: reduzido número de clero

Com os dados disponíveis<sup>239</sup> elaborou-se uma tabela que permite avaliar a evolução do número de eclesiásticos e da paroquialidade para o período entre 1931 e 1996, incluindo assim o período do pontificado de D. Manuel Trindade Salgueiro.

	Clero	Párocos e Coadjuutores
1931	76	53
		69,7%
1932	79	56
		70,9%
1941	105	66
		62,9%
1947	122	77
		63,1%

<sup>239</sup> Cf. SECRETARIADO GERAL DO EPISCOPADO, *Anuário Católico de Portugal*, Lisboa, 1931 (p. 187-194), 1932 (p. 292-269), 1941 (p. 231-248), 1947 (p. 231-237), 1953 (p. 269-280) e 1957 (p. 264-276); SECRETARIADO DE INFORMAÇÃO RELIGIOSA, *Anuário Católico de Portugal*, Lisboa, 1968 (p. 135-148) e 1975 (p. 117-128); Joaquim Chorão LAVAJO, “Évora”, in Carlos AZEVEDO (Dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Círculo de Leitores, Lisboa, 2000, 1.ª edição, volume C-I, p. 214

	<b>Clero</b>	<b>Párcos e Coadjutores</b>
<b>1953</b>	138	81
		58,7%
<b>1957</b>	158	91
		57,2%
<b>1965</b>	150	82
		54,7%
<b>1968</b>	160	94
		58,8%
<b>1975</b>	139	77
		55,4%
<b>1996</b>	119	* Sem dados

Tabela 12 – Clero da Arquidiocese de Évora, número de párcos e coadjutores e percentagem

Para o período entre 1955 e 1965 são ordenados 39 novos presbíteros para um total de 179 paróquias. Segundo os dados dos *Anuários Católicos de Portugal*,<sup>240</sup> em 1953 estão ao serviço da Arquidiocese de Évora 138 presbíteros, em 1957 estão 159 presbíteros, em 1965 estão 150 presbíteros (para os quais não estão disponibilizadas, na totalidade, as atividades pastorais exercidas na Arquidiocese)<sup>241</sup> e em 1968 estão ao serviço da Arquidiocese de Évora 160 presbíteros.

<sup>240</sup> Cf. SECRETARIADO GERAL DO EPISCOPADO, *Anuário Católico de Portugal*, Lisboa, 1953, p. 269-280; SECRETARIADO GERAL DO EPISCOPADO, *Anuário Católico de Portugal*, Lisboa, 1957, p. 264-276; SECRETARIADO DE INFORMAÇÃO RELIGIOSA, *Anuário Católico de Portugal*, Lisboa, 1968, p. 135-148

<sup>241</sup> *A Defesa*, ano XLIII (número 2215, 15/12/1965), suplemento «Vocações», número 45, p. 1.2.3; *A Defesa*, ano XLIII (número 2205, 02/10/1965, p. 12.11; número 2215, 15/12/1965, p. 5.18)

	1953		1957		1965		1968	
<b>Clero</b>	138		159		150		160	
<b>Párocos e Coadjuutores</b>	81	58,7%	91	57,2%	82	54,7%	94	58,8%
<b>Cúria</b>	5	3,6%	11	6,9%			27	16,9%
<b>Cabido</b>	10	7,2%	10	6,3%	12	8,0%	12	7,5%
<b>Seminários</b>	38	27,5%	37	23,3%			39	24,4%
<b>Fora da Arquidiocese</b>	5	3,6%	16	10,1%	18	12,0%	25	15,6%
<b>De fora / religiosos</b>			16	10,1%	3	2,0%		

*Tabela 13 – Total do clero e a sua ocupação*

Da leitura das tabelas pode concluir-se que, num primeiro momento, há um aumento do número de párocos, em relação ao total mas que, a partir de 1953, se verifica um decréscimo da percentagem de párocos e coadjutores; pode ainda concluir-se que, mesmo assim, cerca de metade do clero estava dedicado à paroquialidade e cerca de 25% está dedicado à formação nos Seminários Menor e Maior, e que o número de funcionários da Cúria e do Cabido tende a aumentar no período descrito entre 1953 e 1968. Assim, o clero está na sua maioria dedicado ao contacto próximo com as paróquias mas, atendendo ao número elevado de paróquias o número de párocos e coadjutores nunca cobre na totalidade esse valor. Desta forma, conclui-se que, no período analisado, o reduzido número de clero, face ao número de paróquias, não supre todas as necessidades, tendendo até a decrescer e, embora havendo um número elevado de ordenações, este fica sempre aquém da malha paroquial a prover.

## **5.2. Nomeações**

Por norma geral, os sacerdotes recém-ordenados destinar-se-iam, num primeiro momento, à formação no Seminário Menor. Do Seminário Menor poderiam passar ao Seminário Maior ou à paroquialidade, iniciando esse percurso como coadjutores em paróquias como a Sé de Évora, Coruche ou Campo Maior; no seu percurso poderiam ainda partir para alguma Universidade estrangeira (romana ou outra) ou nacional, onde cursariam alguma das disciplinas

teológicas, pastorais ou humanísticas;<sup>242</sup> regressados das formações universitárias eram destinados ao Seminário Maior, para formadores, e daí para o Seminário Menor ou maior como responsáveis da formação; caso não partissem para alguma Universidade, poderiam ser chamados para algum serviço específico (imprensa, colégios, Seminários, capelanias ou assistência eclesiástica) ou assumir a paroquialidade, de meios pequenos, passando depois para meios urbanos. Como corolário de uma vida de serviço exemplar, de virtudes pastorais ou de carisma pessoal, o canonicato era atribuído e, quem sabe, o nome seria indicado para o monsenhorado ou para o sólio episcopal.<sup>243</sup>

A título de exemplo, e pelo seu carisma pessoal, tomaremos dois perfis como exemplo daquilo que aqui se explicou: D. José Joaquim Ribeiro e Monsenhor José Filipe Mendeiros.

### **5.2.1. D. José Joaquim Ribeiro**

Nasce a 4 de Fevereiro de 1918, em Degolados, Campo Maior, e “frequentou o Seminário de Évora, onde se distinguiu, perante mestres e companheiros, pela sua inteligência, capacidade de trabalho e carácter”<sup>244</sup> sendo ordenado presbítero em junho de 1940. Depois da ordenação é destinado ao Seminário Menor de Vila Viçosa, onde exerce os cargos de prefeito e de professor, sendo depois nomeado para prefeito, professor e diretor espiritual do Seminário Maior em Évora. É dinâmico organizador do Congresso Eucarístico arquidiocesano de 1949 e da peregrinação arquidiocesana a Vila Viçosa em 1954, com o cónego Francisco Maria da Silva (depois eleito bispo auxiliar e arcebispo de Braga). Durante o tempo como formador em Évora, percorre os Seminários de Espanha e França para contactar outras formas de ensino e vida comunitária. Do Seminário de Évora regressa para o Seminário de Vila Viçosa, como vice-reitor da instituição, sendo nomeado cónego da Basílica Metropolitana em maio de

---

<sup>242</sup> *A Defesa*, ano XLIII (número 2215, 15/12/1965), p. 18

<sup>243</sup> *Op. cit.*, ano XXXIV (série semanal 1745, série diária 1189, 05/10/1957, p. 1.6); ano XXXV (número 1790; 26/10/1958, p. 1.5); ano XXXVI (número 1843, 01/11/1959, p. 3); ano XXXVIII (número 1948, 29/10/1960, p. 1.4); ano XXXIX (número 1993, 09/09/1961, p. 1.4); ano XL (número 2046, 15/09/1962, p. 8); ano XLI (número 2108, 23/11/1963, p. 1.3); XLII (número 2150, 12/09/1964, p. 1.3); ano XLIII (número 2201, 04/09/1965, p. 10)

<sup>244</sup> *Op. cit.*, ano XXXV (número 1797, 14/12/1957), p. 1

1957. É eleito bispo de Egeia e auxiliar de Évora a 7 de dezembro de 1957,<sup>245</sup> ordenado a 27 de abril de 1958 na Sé de Évora, tendo como sagrante o Arcebispo de Évora, D. Manuel Trindade Salgueiro, e consagrantes o bispo do Algarve, D. Francisco Rendeiro, e o bispo auxiliar de Braga, D. Francisco Maria da Silva.<sup>246</sup> Em 1965 D. José Joaquim Ribeiro é nomeado Coadjutor de Díli e, posteriormente, Bispo de Díli.

### 5.2.2. Monsenhor Doutor José Filipe Mendeiros

Monsenhor José Filipe Mendeiros nasce a 16 de março de 1911 em Santo André, Estremoz, frequenta o Seminário de Évora, é ordenado presbítero e enviado a estudar em Roma, na Universidade Gregoriana, regressa à Arquidiocese de Évora em 1934, onde, a partir dessa data, exerce vários cargos: professor e Reitor dos Seminários de Évora; professor do Magistério Primário, do Liceu Nacional e do Colégio de Nossa Senhora do Carmo, em Évora; professor e diretor do Colégio Nun'Álvares, da Arquidiocese de Évora, em Évora; diretor do seminário arquidiocesano «A Defesa»; presidente do Tribunal Metropolitano, Pró Vigário-Geral e Vigário Capitular da Arquidiocese de Évora; prelado doméstico do Santo Padre, cónego e tesoureiro-mor do Cabido da Basílica Metropolitana de Évora; professor e diretor da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa; presidente da Comissão Arquidiocesana de Arte Sacra; presidente da Direção da Fundação António da Conceição Vaquinhas, em Assumar; vice-presidente da Fundação Francisco Velez do Peso, em Assumar; vogal da Santa Casa da Misericórdia de Évora e procurador à Assembleia Corporativa como representante da Igreja Católica (entre 1965 e 1973).<sup>247</sup>

Destas duas sucintas apresentações pode concluir-se que o percurso pessoal pode influenciar a decisão de confiar cargos de maior importância. O chamado «cursus honorum»

---

<sup>245</sup> *A Defesa*, ano XXXV (número 1797, 14/12/1957), p. 1.2

<sup>246</sup> *Op. cit.*, ano XXXVI (número 1817, 03/05/1958), p. 1.2.10

<sup>247</sup> Cf. *Curriculum de José Filipe Mendeiros*, in [http://app.parlamento.pt/PublicacoesOnLine/OsProcuradoresdaCamaraCorporativa%5Chtml/pdf/m/mendeiros\\_jose\\_filipe\\_mendeiros.pdf](http://app.parlamento.pt/PublicacoesOnLine/OsProcuradoresdaCamaraCorporativa%5Chtml/pdf/m/mendeiros_jose_filipe_mendeiros.pdf), consultado a 29 de março de 2016 às 16h24, [http://www.uevora.pt/universidade/honoris\\_causa/Jose-Filipe-Mendeiros-1911-2000](http://www.uevora.pt/universidade/honoris_causa/Jose-Filipe-Mendeiros-1911-2000) consultado a 29 de março de 2016 às 16h25 e *A Defesa*, ano XXXIX (número 2000, 28/10/1961), p. 2

delineado acima pode ser desenhado de forma a potenciar perfis mais valiosos, captar e desenvolver as personalidades mais promissoras, criando assim uma elite eclesiástica, capaz de conduzir as massas, criar mentalidades e estabelecer pontes entre o sagrado e o profano.

### 5.3. O Cabido da Basílica Metropolitana

A instituição do Cabido da Catedral de Évora data de 24 de abril de 1200, sendo seu instituidor o bispo D. Paio, segundo o modelo de Santa Cruz de Coimbra, e contava com três dignidades (deão, chantre e tesoureiro) e 18 cónegos. Com as alterações que sofreu ao longo dos tempos e com a reforma feita por D. Manuel Mendes da Conceição Santos em 1952, à chegada de D. Manuel Trindade Salgueiro o Cabido contava com 10 cónegos e com as dignidades de deão, chantre, tesoureiro-mor e arcediogo, seis lugares de beneficiados e quatro de capelães cantores e, ainda, as dignidades (apenas como titulares) de arcediagos de Lavre e de Oriola.<sup>248</sup>

Desde a primeira hora em Évora, D. Manuel Trindade Salgueiro conta com a colaboração do Cabido que apresenta assim:

“Sabemos que podemos contar com a dedicação sem reservas do ilustríssimo e reverendíssimo Cabido desta Sacrossanta Basílica Metropolitana. Senado do Bispo por disposição do direito, como no passado, além das funções litúrgicas que os sagrados cânones lhe impõem, ele dará ao seu Prelado as luzes do seu conselho, fornecer-lhe-á as informações da sua experiência, e não deixará de caridosamente lhe apontar as deficiências que notar. Mais do que senado oficial, o Cabido é cenáculo de almas, constituídas em funções de responsabilidade, para bem da Diocese.”<sup>249</sup>

E essa colaboração efetiva-se, pois “embora pobre no número do seu clero, a Arquidiocese de Évora é rica das qualidades humanas e sobrenaturais dos padres que a servem, a começar no nosso Reverendíssimo Cabido”<sup>250</sup> e, para o qual, durante o seu pontificado, D. Manuel Trindade Salgueiro nomeia, por duas vezes, novos membros, a 8 de maio de 1957 (cinco

---

<sup>248</sup> Joaquim Chorão LAVAJO, “Évora”, in Carlos AZEVEDO (Dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Círculo de Leitores, Lisboa, 2000, 1.ª edição, volume C-I, p. 212-213

<sup>249</sup> *A Defesa*, ano XXXIII (série semanal – 1696, série diária – 1103, 21/10/1955), p. 4

<sup>250</sup> *Op. cit.*, ano XXXIII (série semanal – 1696, série diária – 1103, 21/10/1955), p. 8

cónegos e dois beneficiados)<sup>251</sup> e a 24 de fevereiro de 1961 (três cónegos e dois beneficiados),<sup>252</sup> indicando também três cónegos para suprir as dignidades em falta (indica para Chantre o Cónego Dr. Jerónimo de Alcântara Guerreiro, para Tesoureiro-mor o Cónego Monsenhor Dr. José Filipe Mendeiros e para Arcediago o Cónego Monsenhor Dr. João Luís de Carvalho).<sup>253</sup>

Do que fica dito e acedendo aos dados disponibilizados podem apresentar-se os nomes e dignidades dos capitulares de Évora, sendo perceptível a evolução possível dentro da corporação dos cónegos. Nos dez anos do pontificado de D. Manuel Trindade Salgueiro é assim composto o Cabido da Basílica Metropolitana de Évora:

- a) Permanece como Deão o Cónego Joaquim Maria Rosa Palma;
- b) Em 1955 compõem o Cabido o Cónego Dr. Francisco Maria da Silva, Cón. Dr. José Filipe Mendeiros, Cónego Dr. João Luís de Carvalho, Cónego Joaquim Vicente da Costa, Cónego Dr. Sebastião Martins dos Reis, Cónego Dr. José Maria Sardo, Cónego Dr. Jerónimo de Alcântara Guerreiro e o Cónego honorário Joaquim da Silva Cerca;
- c) Em 1957, para suprir as vagas (o Cónego Dr. Francisco Maria da Silva fora eleito Bispo de Telmissus e auxiliar de Braga) são nomeados para o Cabido os Cónegos José Joaquim Ribeiro, Dr. José Augusto Alegria, Joaquim Cristóvão, Dr. Henrique José Marques e Francisco Farinha; e os Beneficiado Manuel António Fernandes e Manuel da Silva Salvador;<sup>254</sup>
- d) Em 1961 ascendem a Chantre o Cónego Dr. Jerónimo de Alcântara Guerreiro, a Tesoureiro-Mor o Cónego Mons. Dr. José Filipe Mendeiros e a Arcediago o Cónego Mons. Dr. João Luís de Carvalho;<sup>255</sup>

---

<sup>251</sup> *A Defesa*, ano XXXV (número 1788, 12/10/1957), p. 5

<sup>252</sup> *Op. cit.*, ano XLIII (número especial, 20/09/1965), p. 3

<sup>253</sup> *Op. cit.*, ano XXXIX (número 2000, 28/10/1961), p. 1.2

<sup>254</sup> *Op. cit.*, ano XXXV (número 1788, 12/10/1957), p. 5

<sup>255</sup> *Op. cit.*, ano XXXIX (número 2000, 28/10/1961), p. 1.2

- e) Em 1962, para suprir as vagas (o Cónego José Joaquim Ribeiro fora eleito Bispo de Egeia e auxiliar de Évora e o lugar dos cónegos elevados às dignidades) são nomeados para o Cabido os Cónegos Manuel da Silva Salvador, Dr. José Pires Patacas e Dr. Lourenço Chorão Lavajo; e os Beneficiados Manuel Joaquim de Sousa e Filipe Marques de Figueiredo.<sup>256</sup>

À data da morte de D. Manuel Trindade Salgueiro, o Cabido é composto pelos: Deão Joaquim Maria Rosa Palma; Chantre Dr. Jerónimo de Alcântara Guerreiro, Chanceler da Cúria Arquiepiscopal e professor do Seminário Maior; Tesoureiro-Mor Mons. Dr. José Filipe Mendeiros; Arcediago Mons. Dr. João Luís de Carvalho, pároco de S. Mamede; Cónego Joaquim Vicente da Costa, pároco da Sé; Cónego Dr. José Maria Sardo, professor do Seminário Maior e do Liceu Nacional de Évora; Cónego Dr. Sebastião Martins dos Reis, professor do Seminário Maior e da Escola de Enfermagem de S. João de Deus em Évora; Cónego Dr. José Augusto Alegria, professor do Seminário Maior e da Escola Industrial de Évora; Cónego Dr. Henrique José Marques Tavares, professor de Institutos Universitários e do Seminário Maior; Cónego Manuel da Silva Salvador, cerimoniário da Sé e pároco de S. Pedro; Cónego Lourenço Chorão Lavajo, vice-Reitor do Seminário Maior; Cónego Dr. José Pires Patacas, vice-Chanceler da Cúria Arquiepiscopal e professor do Seminário Maior; Beneficiado Pe. Manuel António Fernandes, pároco de Benavente e Diretor do Externato daquela vila; Beneficiado Pe. Manuel Joaquim de Sousa, assistente arquiocesano da J.O.C. e gerente da Gráfica Eborense; Beneficiado Pe. Filipe Marques de Figueiredo, diretor espiritual arquiocesano dos Cursos de Crisandade; Cónegos honorários Joaquim Augusto da Silva Cerca, pároco da Sé de Elvas, e Francisco Farinha, pároco de Campo Maior.<sup>257</sup>

---

<sup>256</sup> *A Defesa*, ano XL (número 2026, 28/04/1962, p. 8; número 2034, 23/06/1962, p. 2); ano XLI (número 2085, 15/06/1963, p. 10; número 2106, 09/11/1963, p. 10; ano XLIII (número especial, 20/09/1965, p. 3)

<sup>257</sup> *Op. cit.*, ano XLIII (número 2215, 15/12/1965), p. 5

## 5.4. Os Vigários-Gerais

No pontificado de D. Manuel Trindade Salgueiro o lugar de Vigário-Geral é, na maior parte do tempo, ocupado pelo seu bispo auxiliar (seu homem de confiança e, como diz D. Manuel Trindade Salgueiro, o missionário número um na evangelização da Arquidiocese). Assim, entre 1955 e 1965, D. José Joaquim Ribeiro ocupa o lugar de Vigário-Geral a partir de maio de 1958 e até 1965. A figura do Vigário-Geral, segunda figura na organização administrativa da diocese, é assim desempenhada pelo seu mais próximo colaborador mas, na Arquidiocese de Évora, para além do Vigário-Geral da Arquidiocese encontra-se também a figura do Vigário-Geral para Elvas, cargo já provido e confirmado quando D. Manuel Trindade Salgueiro chega a Évora mas que, após a morte do titular, fica vacante até ao desaparecimento dessa estrutura administrativa, fruto da reforma conciliar do Vaticano II.

### 5.4.1. Da Arquidiocese

O primeiro titular do cargo de Vigário-Geral da Arquidiocese é o Cónego Dr. Francisco Maria da Silva, que já desempenhara esse cargo no pontificado de D. Manuel Mendes da Conceição Santos, nomeado pelas Cartas-Patentes datadas de 24 de novembro de 1955. Nesse documento, D. Manuel Trindade Salgueiro reconhece no nomeado as qualidades e virtudes para o exercício desse ofício, enaltecendo “os dons de fé, zelo, inteligência, cultura, espírito de sacrifício e experiência (...), intenso, generoso e fecundo espírito apostólico”.<sup>258</sup> Porém, em 1956 o Cónego Dr. Francisco Maria da Silva é eleito Bispo de Telmissus e auxiliar do Arcebispo Primaz de Braga, tendo a ordenação ocorrido em março de 1957. É de notar que durante o período entre a nomeação e a ordenação episcopal, D. Francisco Maria da Silva permanece em Évora, dada a ausência, por doença, do Arcebispo D. Manuel Trindade Salgueiro.

---

<sup>258</sup> J. A. GUERREIRO, *D. Manuel Trindade Salgueiro no Arcebispado de Évora: 1955-1965*, p. 55-56

No final de 1957 a Santa Sé concede ao Arcebispo de Évora um auxiliar, D. José Joaquim Ribeiro, natural da Arquidiocese e nela exercendo o seu múnus sacerdotal. Assim, a partir de 15 de maio de 1958 o Vigário-Geral da Arquidiocese é o Bispo auxiliar.<sup>259</sup> Durante os sete anos em que exerce esse ofício, D. José Joaquim Ribeiro “sacrificadamente partilhou da cruz do nosso Pontificado, trazendo-nos a riqueza do seu zelo, o seu conhecimento perfeito da Arquidiocese e das almas, e a generosidade da sua dedicação. Missionário, pelo estado religioso da Arquidiocese e por imperativo do seu fervor ardente, fez-se caminheiro de Deus, percorrendo todas as estradas, visitando todas as paróquias, aproximando-se de todos os Sacerdotes”<sup>260</sup> como dele diz D. Manuel Trindade Salgueiro, ao anunciar a sua partida para Díli, como Bispo coadjutor daquela diocese ultramarina.

O ofício de Vigário-Geral é, a partir de 1962, partilhado com o Pró Vigário-Geral, cargo desempenhado a partir dessa data pelo Cónego Mons. Dr. José Filipe Mendeiros, figura eminente de entre o clero eborense, ao mesmo tempo Reitor dos Seminários Arquidiocesanos e diretor do jornal «A Defesa».<sup>261</sup> Com a criação deste ofício, a missão do Vigário-Geral é esvaziada do seu múnus administrativo, passando essa competência para o Pró Vigário-Geral, mantendo apenas o seu sentido representativo e o seu poder administrativo.

#### **5.4.2. De Elvas**

Na Arquidiocese de Évora, dada a sua extensão geográfica e dada a importância estratégica, política e religiosa da cidade de Elvas, era mantida uma Vigararia Geral, com Secretaria Eclesiástica e Vigário-Geral próprios, responsáveis pela administração da Vigararia Geral de Elvas, que compreendia os distritos eclesiais de Assumar, Campo Maior, Elvas e Monforte. Nesse cargo é confirmado por D. Manuel Trindade Salgueiro Mons. Dr. Martinho Lopes Maia, que exerce o cargo até à morte, a 15 de novembro de 1963 (embora sendo ao longo de 1963 substituído interinamente por outro sacerdote, o Pe. Dr. Joaquim Carneiro de Melo,

---

<sup>259</sup> J. A. GUERREIRO, *D. Manuel Trindade Salgueiro no Arcebispado de Évora: 1955-1965*, p. 63-64

<sup>260</sup> *Op. cit.*, p. 65

<sup>261</sup> *A Defesa*, ano XXXIX (número 1993, 09/09/1961), p. 1

no cargo de Vigário-Geral para Elvas).<sup>262</sup> No exercício desse cargo, em 1932, Mons. Dr. Martinho Lopes Maia recebe do Papa Pio XI o título de Protonotário Apostólico e a dignidade de Monsenhor, a pedido do então Arcebispo de Évora, dada a proficiência com que superintendia nos negócios da vasta Vigararia Geral de Elvas.<sup>263</sup>

A administração era assim assumida nesta dupla centralidade (Évora e Elvas) de forma a superar as dificuldades levantadas pelas distâncias e pela dificuldade nos transportes mas também para que a administração fosse feita proximamente, conhecendo as realidades locais, mantendo sempre ligações entre os responsáveis arquidiocesanos e os responsáveis paroquiais e suprindo a escassez de clero para uma administração próxima e diligente.

### 5.5. Os Bispos auxiliares

A figura do Bispo auxiliar não se enquadra muito bem na teologia tridentina e, por isso, a sua figura só se começa a generalizar a partir dos anos 40 do século XX. Ainda assim, o recurso ao Bispo auxiliar dá-se, na sua maioria e até 1940, por causa da doença que acomete o Bispo residencial e que, provido de Bispo auxiliar, nele confia a ação pastoral. A escolha do Bispo auxiliar obedece a dois modelos: o modelo tradicional, em que existe uma ligação entre o Bispo residencial e o Bispo auxiliar e a escolha do nome é aceite pela Santa Sé por proposta do Bispo auxiliado; ou o modelo moderno, em que não existe qualquer conhecimento prévio nem familiaridade entre o Bispo auxiliado e o Bispo auxiliar.<sup>264</sup> Pode dizer-se que a escolha de D. José Joaquim Ribeiro para Bispo auxiliar de D. Manuel Trindade Salgueiro obedece ao modelo tradicional mas a escolha de D. João António da Silva Saraiva já se inscreve no modelo moderno de atribuição do Bispo auxiliar.<sup>265</sup>

A apresentação destes dois Bispos auxiliares deve entender-se no seu contexto: em 1957 D. José Joaquim Ribeiro é eleito para Bispo auxiliar de D. Manuel Trindade Salgueiro

---

<sup>262</sup> *A Defesa*, ano XLI (número 2108, 23/11/1963), p. 4

<sup>263</sup> *Op. cit.*, ano XLI (número 2108, 23/11/1963), p. 4

<sup>264</sup> SALGADO DE MATOS, Luís, “Os bispos portugueses: da Concordata ao 25 de Abril — alguns aspectos” *Análise Social*, vol. XXIX (125-126), 1994 (1.º-2.º), 347-352

<sup>265</sup> *Op. cit.*, p. 348

no ambiente de doença do Prelado, sendo sua escolha pessoal e sendo ambos conhecidos, com o objetivo de preparar D. José Joaquim Ribeiro para suceder na cátedra eborense. Porém as circunstâncias alteram-se quando em 1965 D. José Joaquim Ribeiro é nomeado para coadjutor de Díli, em Timor. Nessa época, acometido por nova crise cardíaca, D. Manuel Trindade Salgueiro solicita novo auxiliar que lhe é nomeado na pessoa de Mons. Dr. João António da Silva Saraiva mas que, pela morte de D. Manuel Trindade Salgueiro não chega a ser ordenado para auxiliar de Évora; a nomeação de D. David de Sousa de bispo do Funchal para Arcebispo de Évora leva D. João António da Silva Saraiva para o arquipélago da Madeira, como Bispo residencial do Funchal.

É neste contexto que se fará esta apresentação, sabendo que de facto D. José Joaquim Ribeiro foi Bispo auxiliar de Évora e D. João António da Silva Saraiva foi apenas nomeado para tal ofício, não chegando a ser empossado.

### **5.5.1. D. José Joaquim Ribeiro**

José Joaquim Ribeiro, filho de Joaquim Falardo Ribeiro e Rosa do Carmo Anacleto Ribeiro, nasce em Degolados, concelho de Campo Maior, a 4 de fevereiro de 1918, e frequenta o Seminário de Évora, onde se distingue, perante mestres e companheiros, pela sua inteligência, capacidade de trabalho e carácter. Ordenado em junho de 1940, pouco depois é nomeado prefeito e professor do Seminário Menor de Vila Viçosa, exercendo também os cargos de prefeito, professor e diretor espiritual do Seminário Maior de Évora. Em maio de 1957 é nomeado Cónego da Sé de Évora e exerce o cargo de Vice-Reitor do Seminário Menor de Vila Viçosa. Em colaboração com o então Cónego Dr. Francisco Maria da Silva organiza o Congresso Eucarístico em Elvas em 1949 e a peregrinação arquidiocesana a Vila Viçosa em 1954, percorrendo em viagem de estudo os Seminários de Espanha e França. A 7 de dezembro de 1957 é nomeado Bispo titular de Egeia e auxiliar do Arcebispo de Évora,<sup>266</sup> sendo ordenado a

---

<sup>266</sup> *A Defesa*, ano XXXV (número 1719, 14/12/1957), p. 1.2

27 de abril de 1958 na Catedral de Évora e tendo como sagrante D. Manuel Trindade Salgueiro e consagrantes D. Francisco Rendeiro, bispo do Algarve e D. Francisco Maria da Silva, bispo auxiliar de Braga.<sup>267</sup>

Desde o início da sua missão em Évora, D. José Joaquim Ribeiro “sacrificadamente vem partilhar da cruz do nosso Pontificado, trazendo-nos a riqueza do seu zelo apostólico, a frescura da sua relativa juventude, o seu conhecimento perfeito da Arquidiocese e das almas, e a generosidade da sua comprovada dedicação”.<sup>268</sup>

“Tem necessidade dum Bispo missionário a Arquidiocese de Évora. Com distâncias enormes, com quadro reduzido de Clero, com numerosas cristandades amortecidas em sua fé, ou recuperando lentamente cristãs energias há muito apagadas, o Bispo tem de multiplicar-se. Em visitas pastorais, em pregações apostólicas, em peregrinações da Imagem de Nossa Senhora, em conferências do Clero, em contactos directos com o povo, impõe-se a presença do Prelado, como luz, estímulo e vida. Principalmente junto dos Padres, sem cessar tem de abrir os tesouros do seu coração sacerdotal, para iluminar e amparar os seus colaboradores mais íntimos e mais directos, que precisam da sua presença, para não desanimar em sua evangelização duríssima.”<sup>269</sup>

Assim, o Bispo auxiliar, D. José Joaquim Ribeiro é apresentado como o primeiro missionário da Arquidiocese. Na sua ação pastoral, em consonância com a voz do Arcebispo, D. José Joaquim Ribeiro visita as paróquias, acompanha a Imagem Peregrina, programa e preside à organização de diversos eventos eclesiais arquidiocesanos e participa com o Arcebispo, em sua substituição ou pessoalmente, em diversos acontecimentos nacionais ou internacionais. Desde o primeiro momento assume a vigararia geral da Arquidiocese, assumindo as tarefas administrativas da Arquidiocese.<sup>270</sup> Ao longo dos anos (até à sua partida para Díli em 1965) visita as paróquias e o clero dispersos pela Arquidiocese, dados os condicionalismos que impedem o Arcebispo de fazê-lo; participa em todas as sessões do Concílio Ecuménico do Vaticano II; assume a organização das várias peregrinações arquidiocesanas e das grandes comemorações na Arquidiocese e, no final da sua estadia em Évora, está à frente da organização

---

<sup>267</sup> *A Defesa*, ano XXXVI (número 1811, 22/03/1958), p. 1

<sup>268</sup> *Op. cit.*, ano XXXV (número 1719, 14/12/1957), p. 1

<sup>269</sup> *Op. cit.*, ano XXXV (número 1719, 14/12/1957), p. 2

<sup>270</sup> J. A. GUERREIRO, *D. Manuel Trindade Salgueiro no Arcebispado de Évora: 1955-1965*, p. 63-64

das comemorações das bodas de prata episcopais do Arcebispo de Évora, D. Manuel Trindade Salgueiro.<sup>271</sup>

### 5.5.2. D. João António da Silva Saraiva

João António da Silva Saraiva, filho de João dos Santos Saraiva e Isabel Maria Mendes da Silva, nasce em Seia, Diocese da Guarda, a 20 de setembro de 1923. Cursa Filosofia e Teologia no Seminário da Guarda e frequenta em Roma a Universidade Gregoriana, onde termina o doutoramento em Filosofia. É ordenado presbítero na Basílica romana dos Doze Apóstolos, no dia 28 de julho de 1946. Em 1950 é nomeado prefeito e professor de Filosofia no Seminário Diocesano da Guarda. Em 1955 é chamado a desempenhar as funções de Vice-Reitor do Pontifício Colégio Português em Roma, passando a Reitor em março de 1960, sucedendo a Monsenhor Custódio Alvim Pereira, então eleito Bispo Auxiliar de Lourenço Marques. Publica: «O Pensamento Político de Salazar», Coimbra Editora, 1953; «Missal Romano» com o próprio de todas as dioceses de Portugal, Edições Luz, Gouveia, com segunda edição em 1959; «Missal dos Domingos e Festas», Edições Lux, Gouveia, 1955, com segunda edição em 1961. É eleito Bispo titular de Mopta e auxiliar do Arcebispo de Évora<sup>272</sup> a 30 de agosto de 1965 e ordenado a 21 de novembro de 1965, na igreja de Santo António dos Portugueses em Roma, sendo sagrante o Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira e consagrantes o arcebispo de Lourenço Marques e o bispo da Guarda.<sup>273</sup> Uma vez que foi dado como bispo auxiliar para o Arcebispo de Évora, e dada a morte deste a 20 de setembro de 1965, D. João António da Silva Saraiva fica sem funções na Arquidiocese de Évora, mantendo-se como bispo titular de Mopta.<sup>274</sup>

D. Manuel Trindade Salgueiro, no decorrer da sua ação pastoral procurou ser auxiliado, dadas as limitações que a sua saúde lhe provocara e a necessidade de estar presente e pró-

---

<sup>271</sup> *A Defesa*, ano XLIII (número 2191, 26/06/1965), p. 1.7

<sup>272</sup> *Op. cit.*, ano XLIII (número 2202, 11/09/1965), p. 1.2

<sup>273</sup> *Op. cit.*, ano XLIII (número 2211, 13/11/1965), p. 1

<sup>274</sup> *Op. cit.*, ano XLIII (número 2207, 16/10/1965), suplemento «Página dos Seminários», número 215,

ximo do seu clero, estar atento e solícito às preocupações do seu clero e dos seus fiéis, presença que sozinho não conseguia assegurar. Assim, no seu pontificado D. Manuel Trindade Salgueiro procurou que a sua ação fosse prolongada pela presença do seu Bispo auxiliar, homem de confiança e saído do seu presbitério (D. José Joaquim Ribeiro) e nos seus homens de confiança que assumiam a chefia dos Seminários ou dos serviços administrativos diocesanos, no Cabido, na figura dos vigários e Vigários-Gerais. Não podendo estar presente, D. Manuel Trindade Salgueiro procurou rodear-se de um escol que o representasse ou substituísse na proximidade e na ação.



## CAPÍTULO III

### “Na alvorada do Concílio”<sup>275</sup>

É com a provisão assim intitulada que D. Manuel Trindade Salgueiro anuncia à Arquidiocese de Évora a decisão do Papa João XXIII e o início do II Concílio Ecuménico do Vaticano, momento de revisão e atualização do anúncio da Igreja em relação ao mundo contemporâneo.

A 25 de janeiro de 1959, na Basílica de São Paulo, João XXIII anuncia à Cúria Romana e a todo o mundo a intenção de convocar um Concílio Ecuménico, um Sínodo para a diocese de Roma e a revisão do Código de Direito Canónico.<sup>276</sup> Este anúncio mantinha a linha de renovação do papado e das instituições romanas que o sucessor de Pio XII assumiu desde a primeira hora, uma renovação pastoral e para o mundo contemporâneo.<sup>277</sup> O Concílio foi formalmente convocado através da Bula *Humanae salutis* de 25 de dezembro de 1961.

A inauguração dos trabalhos conciliares acontece a 11 de outubro de 1962 e decorre ao longo de quatro sessões (a primeira sessão entre 13 de outubro e 8 de dezembro de 1962; a segunda sessão entre 29 de setembro e 4 de dezembro de 1963; a terceira sessão entre 14 de setembro e 21 de novembro de 1964 e a quarta sessão entre 14 de setembro e 8 de dezembro de 1965), sob a presidência de dois Papas (João XXIII, que convoca e inaugura o Concílio mas falece a 3 de junho de 1963, e Paulo VI, eleito a 21 do mesmo mês, dando continuidade e orientando os trabalhos conciliares até à sua conclusão) e com a presença de cerca de 2.500 prelados. Entre eles no contingente português, conta-se a presença de D. Manuel Trindade Salgueiro que, por motivos de doença, estaria ausente na II e IV sessões mas sempre informa-

---

<sup>275</sup> *A Defesa*, ano XL (número 2048, 29/09/1960), p. 1

<sup>276</sup> Cf. *Boletim de Informação Pastoral*, diretor: Manuel Franco Falcão, Ano I, número 1 (maio), Secretariado de Informação Religiosa, Lisboa, 1959, p. 6

<sup>277</sup> David Sampaio Dias BARBOSA, “Concílio Ecuménicos e Portugal”, in Carlos AZEVEDO (Dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Círculo de Leitores, Lisboa, 2000, 1.ª edição, volume A-C, p. 405-413

do dos trabalhos conciliares pelo seu Bispo auxiliar, D. José Joaquim Ribeiro, que participa em todas as sessões do Concílio.

Neste capítulo pretende dar-se a conhecer a participação de D. Manuel Trindade Salgueiro no Concílio e o influxo pastoral que a Arquidiocese de Évora recebe da presença do seu Prelado e do Bispo auxiliar naquele que terá sido o maior evento eclesial do século XX.

### **1. O anúncio à Arquidiocese do Concílio Ecuménico**

O anúncio oficial à Arquidiocese do II Concílio Ecuménico do Vaticano é feito em provisão, saída no jornal «A Defesa» a 29 de setembro de 1962, intitulada “Na alvorada do Concílio”.<sup>278</sup> A participação do Arcebispo de Évora na preparação do Concílio verifica-se a partir de 1961 e o “ambiente conciliar” já se vive na Arquidiocese desde 1959, sendo intenção das peregrinações e semanas de oração, a oração pelos bons frutos do Concílio. No entanto, a apresentação oficial do Concílio surge apenas nas vésperas do maior acontecimento eclesial do século XX.

Assim, nessa provisão, D. Manuel Trindade Salgueiro pretende esclarecer os seus fiéis acerca dos objetivos gerais de um Concílio e das iniciativas apostólicas a desenvolver: o Concílio é apresentado como “Cortes Gerais da Igreja que, na pompa da sua liturgia e na sua preparação e organização, traduzem a vitalidade e o espírito da Santa Igreja”; nascido na alma do Papa e partilhado com os seus mais íntimos colaboradores, o Concílio é preparado intensa e silenciosamente, com a colaboração dos mais variados especialistas e sempre confiado à oração da universal comunidade cristã;<sup>279</sup> será o Concílio “hora de deliberações solenes” uma vez que “os problemas a discutir e as resoluções a tomar são todas de carácter religioso e moral, e nestas matérias não pode a Igreja errar, por ser assistida do Espírito Santo”, sendo que “todas

---

<sup>278</sup> *A Defesa*, ano XL (número 2048, 29/09/1960), p. 1

<sup>279</sup> Cf. J. A. GUERREIRO, *D. Manuel Trindade Salgueiro no Arcebispado de Évora: 1955-1965*, p. 182

as suas soluções se inserem na vida real do tempo, do universo e do homem”; este espírito leva a que os ânimos mais revolucionários sejam refreados, porque “ninguém esperará que a Igreja vá definir doutrina nova e revolucionária, contra o que já foi definido; nem tão pouco questões de ciência ou de técnica; nem ainda normas de estruturas e infra-estruturas económicas, sociais e políticas, que são da competência de César”.<sup>280</sup> Do Concílio Ecuménico são de esperar frutos abundantes e ótimos, diz D. Manuel Trindade Salgueiro, em contraponto com o clima universal, em que “os políticos se debatem em crise de loucas ambições (que levam a violências bárbaras e a usurpações agressivas), e de preocupações lunáticas, no pavor de uma terceira guerra mundial, a Igreja viveu em profundidade a vida do espírito, sem o qual não pode haver paz verdadeira e duradoura”;<sup>281</sup> também existe para com os irmãos separados um “espírito de aproximação, tornado mais instante pela invasão do neo-paganismo que penetra e suja tudo, e pela perseguição do comunismo que nega e pretende destruir tudo o que tem raízes de infinito, até o próprio Deus”;<sup>282</sup> é neste clima que “a Igreja fará ouvir a sua voz, voz de paz, no meio dos alaridos estrepitosos de guerra; voz de amor, nas crispações trágicas do ódio; voz de Deus, na perversidade abissal dos orgulhos diabólicos. Na doutrina de sempre brilhará o esplendor duma actualidade perene”.<sup>283</sup> A expectativa anunciada reafirma uma visão tradicional da Igreja, numa posição central e oposta ao mundo secular, embora marcada por certa abertura ecuménica, em função da necessidade de combater ao neo-paganismo e ao comunismo ateu.

Para envolver na dinâmica conciliar e de festa na abertura do Concílio Ecuménico, o Arcebispo de Évora determina algumas manifestações públicas (repique festivo dos sinos) e um estado generalizado de oração pelos frutos do Concílio Ecuménico (quer nas celebrações

183

---

<sup>280</sup> J. A. GUERREIRO, *D. Manuel Trindade Salgueiro no Arcebispado de Évora: 1955-1965*, p. 182-

<sup>281</sup> *Op. cit.*, p. 183

<sup>282</sup> *Op. cit.*, p. 183

<sup>283</sup> *Op. cit.*, p. 183

da Eucaristia, quer nas devoções perante o Santíssimo Sacramento, nas reuniões dos movimentos de apostolado e, onde for possível, através da oração das crianças).<sup>284</sup>

## 2. As nomeações para as Comissões Conciliares

D. Manuel Trindade Salgueiro toma parte nos trabalhos preparatórios do Concílio e numa Comissão Conciliar. A sua nomeação para uma Comissão preparatória (Apostolado dos leigos, para todas as questões relativas à Ação Católica, religiosa e social) permite reconhecer o mérito e o papel do Arcebispo de Évora no panorama nacional do apostolado dos leigos; a nomeação para uma Comissão Conciliar (Disciplina do Clero e do povo cristão) dá uma nova visibilidade a essa intervenção no panorama mundial da regulação do apostolado dos leigos e na disciplina do clero.

A Comissão preparatória para o Apostolado dos leigos, criada por «Motu proprio» do Papa João XXIII de 5 de junho de 1960, está, a exemplo de mais nove comissões, subordinadas à Comissão Central.<sup>285</sup> A 22 de abril de 1961 é dada a conhecer à Arquidiocese a nomeação de D. Manuel Trindade Salgueiro para esta Comissão, nomeação que se fica a dever ao seu papel proeminente na organização da Ação Católica em Portugal (da qual foi Presidente da Junta Central entre 1940 e 1955). Para uma outra Comissão preparatória (dos Estudos e Seminários) é nomeado D. António Ferreira Gomes, Bispo do Porto.<sup>286</sup>

A Comissão Conciliar para que foi nomeado durante o II Concílio Ecuménico do Vaticano, a Comissão para a disciplina do Clero e do povo cristão, decorrente do Regulamento do Concílio, que determinava a criação de dez Comissões e a nomeação de 8 membros pelo Santo Padre e 16 eleitos pela Assembleia Conciliar, tem a eleição para a sua composição a 16

---

<sup>284</sup> J. A. GUERREIRO, *D. Manuel Trindade Salgueiro no Arcebispado de Évora: 1955-1965*, p. 183-184

<sup>285</sup> *A Defesa*, ano XXXIX (número 1973, 22/04/1961), p. 3

<sup>286</sup> *Op. cit.*, ano XXXIX (número 1973, 22/04/1961), p. 3

de outubro de 1962, sendo que dessa eleição resulta a nomeação de D. Manuel Trindade Salgueiro para a Comissão Conciliar.<sup>287</sup>

### 3. A participação nos trabalhos conciliares

As duas intervenções de D. Manuel Trindade Salgueiro nos trabalhos conciliares dão-se ambas no decorrer da I sessão, nas X e XXX Congregações Gerais, uma acerca da liturgia e outra acerca do chamado «diálogo com os irmãos separados». Dessas duas intervenções, pode recolher-se alguma informação, que revela a visão de D. Manuel Trindade Salgueiro acerca das temáticas abordadas, mas também a falta de preparação dos prelados portugueses para as discussões conciliares, pois não são assessorados por muitos peritos (D. Manuel Trindade Salgueiro e D. José Joaquim Ribeiro fazem acompanhar-se de Mons. Dr. José Filipe Mendeiros como perito conciliar) nem o ambiente de estudo e aprofundamento das ciências teológicas é propício em Portugal, conforme foi posteriormente sublinhado por D. Manuel de Almeida Trindade.<sup>288</sup>

A primeira intervenção de D. Manuel Trindade Salgueiro decorre na X Congregação Geral, durante a I Sessão Conciliar, na discussão do esquema sobre a Sagrada Liturgia, ao tratar-se da Santa Missa. D. Manuel Trindade Salgueiro alude, na primeira parte da intervenção, à distinção necessária entre sacramento e sacrifício, distinção já feita no Concílio de Trento e que se deve assumir no esquema em apreço. Depois, e em termos de propostas concretas, D. Manuel Trindade Salgueiro propõe que, para o sacrifício da Missa: é preciso determinar o tempo em que é permitido celebrar a Sagrada Ceia vespertina; a homilia, nos domingos e festas de preceito, não só deve ser recomendada, mas obrigatória, salvos os casos justos e graves; no que se refere à oração comum, ou dos fiéis, depois do Evangelho e da homilia,

---

<sup>287</sup> *A Defesa*, ano XL (número 2052, 27/10/1962), p. 1.4

<sup>288</sup> M. A. TRINDADE, “O Vaticano II no seu tempo: um testemunho”, *Humanística e Teologia* (1984) 5, p. 164

deve ser retirado o advérbio «ao menos» e acrescentado «e nos outros dias, a juízo do Ordinário»; parece incongruente que o sacerdote convide os fiéis a orar com o «Orai, irmãos», ficando eles sentados e melhor seria que estivessem de pé desde o «Orai, irmãos» até ao *Sanctus*; não há nenhuma razão para se abençoarem as oblatas depois da consagração, estando já verdadeiramente, no altar, real e substancialmente presente o Corpo e o Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo; o uso da concelebração não deve ser alargado para além dos casos assinalados e que os concelebrantes devem vestir as vestes sacerdotais próprias para a celebração da Missa, declarando se cada um dos concelebrantes pode receber o seu estipêndio, ou somente um pode ficar com ele; a comunhão sob as duas espécies não deve ser alargada a outros para além dos presbíteros ordenados na própria Missa da ordenação, em virtude de razões higiénicas e práticas, evitando o perigo de alguma gota do preciosíssimo sangue cair no chão; quando na Missa se diz *Ite, Missa est*, termina-se a Sagrada Ceia e deve ser dito pelo celebrante o Prólogo do Evangelho de São João depois da Missa, antes de cântico dos «Três jovens»; também é preciso declarar o que se entende por Missa inteira, para cumprir o preceito da Missa festiva, concretamente desde o ofertório até à comunhão do celebrante. Acerca do Sacramento da Eucaristia, D. Manuel Trindade Salgueiro propõe ainda que o culto solene da Eucaristia deve ser insistentemente recomendado, não só na festa do Santíssimo Corpo de Cristo, mas também nas exposições e nas procissões eucarísticas; da mesma maneira deve ser muito recomendada a comunhão dentro da Missa, quando pode fazer-se; deve ser bem definido também o tempo da comunhão vespertina, imediatamente a seguir aos atos religiosos, a juízo do Ordinário, quando não se celebra Missa, segundo as normas da celebração da Missa vespertina; a possibilidade de comungar em casa parece que deve ser alargada para além dos doentes aos fiéis que por causas morais razoáveis, como por exemplo a morte recente de uma pessoa de família ou naqueles casos em que são dispensados de estar na Missa, não podem sair facilmente de

casa; e que, por fim, se deve incentivar a decência no vestir dos que recebem a sagrada comunhão, quando infelizmente as vestes menos decentes invadem mais e mais a casa de Deus.<sup>289</sup>

A segunda intervenção de D. Manuel Trindade Salgueiro verifica-se na XXX Congregação Geral, ainda durante a I Sessão Conciliar, na discussão do esquema sobre a unidade dos cristãos. D. Manuel Trindade Salgueiro parte da chamada de atenção aos Padres Conciliares de três pressupostos: a excelência do tema, sobretudo no que se refere à dilatação do coração e ao espírito da fraternidade cristã; a existência de um grave defeito no documento da unidade da Igreja, na medida em que omite a separação dos irmãos do ocidente; a urgente necessidade de normas breves mas concretas que devem ser estabelecidas acerca da unidade interna da Igreja, porque sem esta unidade, o edifício ou estrutura social da Igreja não pode subsistir, nem a sua vida apostólica se torna fecunda. D. Manuel Trindade Salgueiro propõe para o esquema acerca da unidade dos cristãos as seguintes notas: que este documento da unidade da Igreja seja introduzido como parte do documento da Igreja; que se acrescente um capítulo acerca dos irmãos separados do ocidente a este documento, indo mais ao encontro dos aspetos positivos do que olhando os negativos, sem prejuízo porém de nenhum dos princípios da verdade; que a congregação ou o conselho para promover a unidade da Igreja, e que há-de ser instituído na Sé Apostólica, ou o próprio secretário da união das Igrejas, seja competente no que se refere ao estudo dessa questão, e que por isso seja formado por peritos que a conheçam bem; que a doutrina da unidade interna da Igreja seja exposta brevemente nalgum capítulo em três parágrafos, contendo que a unidade da Igreja na estrutura dos seus membros entre si e com a hierarquia, manifestada por meio da obediência de todos os féis, sacerdotes e bispos ao Romano Pontífice; que devem ser definidas a essência da caridade e suas propriedades, a saber: a sobrenaturalidade, a universalidade e a atividade; e que devem ser determinados os meios eficazes de promover, acalentar e aumentar a caridade de Cristo no exercício da vida interior e na relação com os outros.<sup>290</sup>

---

<sup>289</sup> *Acta Synodalia Sacrosancti Concilii Oecumenici Vaticani II*, volume I, Parte. II, p. 39-42

<sup>290</sup> *Op. cit.*, volume I, Parte III, p. 713-715

#### 4. Os «Ecos do Concílio»

D. Manuel Trindade Salgueiro está ausente na II sessão, dada a sua fragilizada saúde e o facto de ter sido acometido de uma grave crise cardíaca em 1963. No decorrer da III sessão D. Manuel Trindade Salgueiro, a exemplo de outros prelados portugueses, inicia um período de troca de correspondência com os seus arqui-diocesanos em Portugal, através de crónicas no semanário arqui-diocesano «A Defesa», crónicas que intitula como «Ecos do Concílio».

Os «Ecos do Concílio» são redigidos em Roma, com uma regularidade semanal, e são ao todo nove crónicas, nove textos em que D. Manuel Trindade Salgueiro aborda os seguintes temas: a abertura dos trabalhos, a colegialidade, o ecumenismo, o apostolado dos leigos, a figura do padre, a Igreja no mundo contemporâneo, a dignidade do Matrimónio e da família, o múnus pastoral dos bispos e o dia conciliar. Um *post-scriptum*, redigido posteriormente, e já em Évora, encerra a série de textos sobre o Concílio.

No texto dedicado à abertura dos trabalhos, dividido em duas partes, D. Manuel Trindade Salgueiro comunica aos seus arqui-diocesanos os sentimentos que o invadiram ao voltar a participar na aula conciliar, das impressões que recolhe do discurso inaugural do Papa Paulo VI e, também, da eclesiologia vincada nos trabalhos conciliares. D. Manuel Trindade Salgueiro fala ainda das tentativas para que os trabalhos conciliares se encerrem nessa sessão, dados os inconvenientes decorrentes da ausência dos prelados nas suas dioceses, espírito que ganha forma na celeridade com que os trabalhos são conduzidos e nas opções de organização das matérias conciliares.<sup>291</sup>

O tema da colegialidade merece de D. Manuel Trindade Salgueiro um comentário acerca da forma como os trabalhos decorrem na aula conciliar. Na II sessão os ânimos animam-se em redor do esquema sobre a figura dos bispos e, no início dos trabalhos conciliares o esquema é aprovado e a colegialidade entre os bispos e com o Romano Pontífice é aceite e

---

<sup>291</sup> J. A. GUERREIRO, *D. Manuel Trindade Salgueiro no Arcebispado de Évora: 1955-1965*, p. 303-

esclarecida quer aos padres conciliares quer, mais tarde, ao povo de Deus. “Jesus Cristo escolheu doze Apóstolos, constituindo-os em Colégio, tendo como chefe Pedro, e que ao Colégio dos Apóstolos, tendo Pedro como cabeça, sucederam os Bispos, com o Romano Pontífice, sucessor de S. Pedro, como chefe e por isso os Bispos, juntamente com o Romano Pontífice, constituem um corpo, à maneira de Colégio, o Colégio Episcopal.”<sup>292</sup> Assim, conclui D. Manuel Trindade Salgueiro, o mistério da Igreja continua e continuará a traduzir no mundo o mistério de Cristo.<sup>293</sup>

Acerca do ecumenismo, D. Manuel Trindade Salgueiro recorda o trabalho desenvolvido por João XXIII e Paulo VI, a sessão de cumprimentos dos Observadores e Delegados ao Papa Paulo VI no início da III sessão e a encíclica *Ecclesiam Suam*, de Paulo VI, para insistir que o movimento ecuménico não deixa de se desenvolver sob o influxo do Espírito Santo, revelando o interesse que a matéria merecia também do Arcebispo de Évora.<sup>294</sup>

Em carta de 10 de outubro de 1964, D. Manuel Trindade Salgueiro aborda o tema do apostolado dos leigos, tema que desde o início lhe é querido por ter até trabalhado nas comissões preparatórias deste tema. Por isso, assume que “sem prejuízo da hierarquia, os leigos estão na ordem do dia, a ponto de se dizer algumas vezes, num sentido nem sempre perfeitamente justo, que a hora é dos leigos” pois “pela primeira vez um Concílio se ocupa *ex professo* dos leigos, e não só no esquema de que se falou [as bases do decreto sobre o apostolado dos leigos – *Apostolicam actuositatem*], mas também num capítulo que inteiramente lhe é dedicado, o cap. IV da Constituição da Igreja”.<sup>295</sup>

“Padre de sempre”<sup>296</sup> é o tema da carta em que D. Manuel Trindade Salgueiro aborda o ministério sacerdotal e a sua discussão conciliar, perpassando os temas que foram abordados na Aula Conciliar: a dimensão apostólica do padre, a dimensão sacrificial da vida sacerdotal, a dimensão fraterna e caritativa, o espírito de obediência e solicitude, bem como os aspetos da

---

<sup>292</sup> J. A. GUERREIRO, *D. Manuel Trindade Salgueiro no Arcebispado de Évora: 1955-1965*, p. 307

<sup>293</sup> *Op. cit.*, p. 306-307

<sup>294</sup> *Op. cit.*, p. 307-310

<sup>295</sup> *Op. cit.*, p. 310-312

<sup>296</sup> *Op. cit.*, p. 313

distribuição do clero e a vida comum, a sua sustentação e remuneração e a necessidade permanente de estudo e atualização, pois “não pode o padre de hoje viver como o padre de há cem ou mil anos, nem Jesus Cristo viveria como viveu a vida da Palestina. Mas as mudanças, de harmonia com as exigências do meio, são puramente acidentais. A missão do sacerdote, na sua origem divina e nas exigências das almas, será sempre sublimada de fé e fecundidade pela santidade”.<sup>297</sup>

A discussão em torno do esquema sobre a Igreja no mundo contemporâneo merece de D. Manuel Trindade Salgueiro um novo artigo, a 24 de outubro, abordando as linhas de discussão e a sua própria reflexão sobre a Igreja no mundo contemporâneo. Citando D. Emílio Guano, diz que “apesar da sombria indiferença de muitos, são numerosos os homens que se voltam para a Igreja, que a interrogam, que esperam uma palavra, que procuram saber se ela quer e pode auxiliá-los na hora tremenda que se vive, na angústia de se não ter o pão de cada dia, de se perder a dignidade humana, de se cair de novo na loucura feroz da guerra, de se retalhar a unidade das famílias, dos povos e das nações”.<sup>298</sup> O esquema apresenta, pela primeira vez, problemas aparentemente muito distintos dos problemas religiosos, mas a Igreja não pode permanecer fechada ou indiferente perante o drama do mundo, segundo D. Manuel Trindade Salgueiro, que defende também que a Igreja deve intervir no mundo e na sociedade onde se insere para iluminar inteligências e esclarecer as consciências, para chamar ao cumprimento dos deveres e para recordar os direitos da justiça e da caridade.<sup>299</sup>

A dignidade do Matrimónio e da família merece também, de D. Manuel Trindade Salgueiro, uma crónica, motivada pela discussão do capítulo IV do esquema sobre a Igreja no mundo contemporâneo, capítulo dedicado à pessoa humana. Nesse capítulo e na discussão sobre a dignidade do Matrimónio e da família e na solução a dar ao problema da natalidade, D. Manuel Trindade Salgueiro refere que no decorrer dos trabalhos conciliares se notam duas

---

<sup>297</sup> J. A. GUERREIRO, *D. Manuel Trindade Salgueiro no Arcebispado de Évora: 1955-1965*, p. 313-315

<sup>298</sup> *Op. cit.*, p. 316-317

<sup>299</sup> *Op. cit.*, p. 315-318

tendências vincadas e que se dá uma viragem sensacional na posição do problema da natalidade, viragem assumida pelo Cardeal Suenens (Arcebispo de Bruxelas-Malines). A posição tradicional, assumida e eloquentemente defendida por D. Juan Hervás, bispo de Ciudad Real e fundador dos Cursos de Cristandade, lembra as determinações do Direito Canónico, o magistério ordinário da Igreja, as dinastias gloriosas de famílias cristãs, largamente fecundas, viveiros de virtudes muitas vezes heroicas, e de sólidas vocações sacerdotais, religiosas e missionárias, fundamento incorruptível da ordem e da moralidade dos povos e das nações. A posição mais vanguardista apresenta como motivos de inovação: a saturação demográfica, já atingida ou prestes a atingir-se pela duplicação dos povos em poucas gerações, sem que o progresso da técnica possa resolver os terríveis problemas que o facto origina; dramas e conflitos de consciências e de famílias, sem possibilidade de conciliar os diversos fins do casamento – a procriação, a educação e o amor conjugal; o direito de promoção social, ficção quanto ao chamado fim primário do matrimónio, em casos numerosíssimos, como no casamento dos velhos, na realidade frequente dos estéreis, no uso corrente da vida, pois são limitados e descontínuos os ciclos de fecundidade.<sup>300</sup> Toda a discussão parte do pressuposto de que “para o cristão, a vontade de edificar a sua família, na plena consciência de todas as suas responsabilidades humanas, distinguir-se-á sempre da mentalidade contrária à fecundidade”.<sup>301</sup> D. Manuel Trindade Salgueiro denota uma postura receosa em relação à inovação nesta temática, mas também se confia ao trabalho desenvolvido na aula conciliar, trabalho que há de levar ao que seria considerado por observadores católicos, no futuro, uma boa e inspirada decisão.<sup>302</sup>

Dedicado ao múnus pastoral dos Bispos,<sup>303</sup> o texto de 7 de novembro refere-se ao decreto “sóbrio, claro, bem estruturado e documentado, situa-se sempre no domínio pastoral”, onde se apresentam novas metodologias para o múnus dos Bispos: o Conselho Central dos Bispos (que viria a ser denominado e estabelecido como Sínodo Geral dos Bispos) para pres-

---

<sup>300</sup> J. A. GUERREIRO, *D. Manuel Trindade Salgueiro no Arcebispado de Évora: 1955-1965*, p. 319-320

<sup>301</sup> *Op. cit.*, p. 320

<sup>302</sup> *Op. cit.*, p. 318-321

<sup>303</sup> *Op. cit.*, p. 321-324

tar ajuda eficaz ao Santo Padre no conhecimento e solução de problemas da Igreja universal; a solicitude de todas as igrejas por aqueles territórios onde o Evangelho ainda não foi anunciado, estabelecendo um movimento de fraterna e eficaz solidariedade para com aqueles que sofrem com a escassez de clero; a atualização dos métodos a empregar pelos Bispos para a sua tríplice missão de ensinar, santificar e governar, através de formas eficazes de apostolado, sob a orientação do Bispo; a clarificação da doutrina acerca dos Bispos Coadjuutores, Auxiliares, Vigários Gerais e, os novos, Vigários Episcopais, bem como para os Cabidos e as Sedes vacantes, os Párcos e Vigários Cooperadores e o clero regular; é também abordada a importância e implementação de estruturas como os Sínodos, os Concílios e as Conferências episcopais, bem como a figura do Ordinário Castrense.<sup>304</sup> “À luz do Concílio, a Igreja tem a consciência clara da sua grandeza divina e das suas imperfeições humanas, e adquire novo vigor interno para a cristianização das almas, na caminhada dos séculos.”<sup>305</sup>

O dia conciliar é descrito por D. Manuel Trindade Salgueiro na última crónica que dirige aos seus arquidiocesanos, através do semanário «A Defesa», também a 7 de novembro de 1964.<sup>306</sup> Nessa crónica, D. Manuel Trindade Salgueiro descreve o dia conciliar que começa com a partida da *Casa Madonna di Fatima* das Irmãs Hospitaleiras da Imaculada Conceição para a Basílica de S. Pedro às 8 horas, antecedido por tempo para a higiene pessoal, a celebração da Santa Missa, a alimentação e despacho de correspondência ou leituras para o dia; chegados a S. Pedro, os Padres Conciliares podem tratar da correspondência pessoal no posto de correios ali instalado, praticar atos piedosos, devoções pessoais ou abeirar-se da Confissão em espaços apropriados. Durante o dia, e depois dos trabalhos da aula conciliar, os Padres Conciliares, os eleitos ou nomeados pelo Santo Padre, participam nos trabalhos das Comissões, estudam as matérias e esquemas, reúnem-se em plenário nacional ou de assuntos particulares, dispondo do tempo de acordo com os trabalhos a desempenhar ou as tarefas a que se pro-

---

<sup>304</sup> J. A. GUERREIRO, *D. Manuel Trindade Salgueiro no Arcebispado de Évora: 1955-1965*, p. 323-324

<sup>305</sup> *Op. cit.*, p. 324

<sup>306</sup> *Op. cit.*, p. 324-326

põem, sendo cada dia conciliar um dia de oração e de trabalho, “com a consciência de, com o seu esforço, terem colaborado na obra ingente do Concílio, cujas dimensões e cuja projecção religiosa e social mais se compreenderão no futuro do que nesta hora, ainda sem perspectivas e sem ressonância exacta.”<sup>307</sup>

No *post-scriptum* redigido já em Évora a 20 de novembro,<sup>308</sup> D. Manuel Trindade Salgueiro partilha com os seus arquidiocesanos as notícias que lhe chegam de Roma. Informa do andamento dos esquemas das Missões, do ministério e da vida sacerdotal, dos religiosos, dos seminários e da educação cristã. “A promulgação da Constituição sobre a Igreja, que se espera seja feita por Sua Santidade o Papa Paulo VI, *una cum Patribus Conciliaribus*, na cerimónia magnificente do próximo sábado [21 de novembro de 1964], virá a constituir coroa gloriosa da actividade fecundíssima da III Sessão do Concílio Ecuménico do Vaticano II.”<sup>309</sup>

Em resumo, observando a leitura feita por D. Manuel Trindade Salgueiro, percebe-se a sua vontade de acompanhar e assimilar as novidades tratadas no Concílio e, posteriormente, para explicar aos seus arquidiocesanos algumas das mudanças que o Concílio se preparava para introduzir na reflexão e vida da Igreja, mas sem nunca assinalar expressamente esse sentido de mudança ou os debates mais vivos que atravessaram o Concílio. Ao invés, procura-se informar da intensidade dos trabalhos, da normalidade do ritmo quotidiano que o Concílio permitia a todos os bispos que neles participavam e percebe-se o cuidado em explicar as decisões como resultando sobretudo da necessidade de resposta às necessidades da missão universal da Igreja.

---

<sup>307</sup> J. A. GUERREIRO, *D. Manuel Trindade Salgueiro no Arcebispado de Évora: 1955-1965*, p. 326

<sup>308</sup> *Op. cit.*, p. 326-327

<sup>309</sup> *Op. cit.*, p. 327

## 5. A “chegada” do Concílio Ecuménico do Vaticano II à Arquidiocese de Évora

À data da morte de D. Manuel Trindade Salgueiro (20 de setembro de 1965) estão aprovados quatro documentos conciliares – as Constituições *Sacrosanctum Concilium* e *Lumen Gentium* e os decretos *Orientalium Ecclesiarum* e *Unitatis Redintegratio* – sobre a Sagrada Liturgia, a Igreja, as igrejas católicas orientais e o ecumenismo. Todos esses documentos, através da imprensa católica, dos textos do próprio D. Manuel Trindade Salgueiro e de outras formas, chegam à Arquidiocese de Évora, mas aquele que de forma mais intensa e rápida é aplicado pelo próprio Arcebispo é a Constituição sobre a Sagrada Liturgia. Mal chegou de Roma, da I sessão do Concílio Ecuménico,<sup>310</sup> D. Manuel Trindade Salgueiro dirige aos presbíteros da Arquidiocese um documento intitulado “Faculdade e Normas para o Ministério Pastoral”<sup>311</sup> e a 5 de fevereiro de 1964 faz publicar uma provisão sobre a Sagrada Liturgia, sobre a aplicação das alterações litúrgicas.<sup>312</sup>

O documento “Faculdades e Normas para o Ministério Pastoral”, dividido em duas partes, aborda na primeira parte as faculdades de carácter litúrgico e pastoral e na segunda parte as normas de carácter administrativo. O texto que introduz as diretivas litúrgicas e administrativas, da autoria do Arcebispo de Évora D. Manuel Trindade Salgueiro, serve de orientação para a leitura e para os acontecimentos futuros na implementação arquidiocesana da Constituição Conciliar sobre a Sagrada Liturgia. Antes de mais, D. Manuel Trindade Salgueiro lamenta que “as absorventes necessidades pastorais e a dolorosa falta de clero” não permitam ainda a realização de um sínodo arquidiocesano para atualização e conhecimento da legislação diocesana e comum;<sup>313</sup> as mesmas dificuldades levam a que no período de preparação para o Concílio Ecuménico do Vaticano II (1959-1962) se simplifiquem algumas medidas

---

<sup>310</sup> D. Manuel Trindade Salgueiro aterra em Lisboa a 5 de dezembro de 1962 e o documento é datado de 8 de dezembro de 1962. Cf. *A Defesa*, ano XL (número 2058, 08/12/1962), p. 10

<sup>311</sup> ARQUIDIOCESE DE ÉVORA, *Faculdades e Normas para o Ministério Pastoral*, Gráfica Eborense, Évora, 1962, 1

<sup>312</sup> *A Defesa*, ano XLI (número 2119, 08/02/1964), p. 1.3

<sup>313</sup> ARQUIDIOCESE DE ÉVORA, *Faculdades e Normas para o Ministério Pastoral*, Gráfica Eborense, Évora, 1962

burocráticas e se apliquem normas que nem sempre são atendidas, muitas vezes por impossibilidade, principalmente as concessões de faculdades e os regulamentos do processo matrimonial e do registo paroquial, tudo isto como forma de ultrapassar a necessidade do sínodo arquidiocesano, que segundo desejo de D. Manuel Trindade Salgueiro se realizaria depois de publicados os decretos do Concílio Ecuménico.<sup>314</sup>

Os objetivos do documento são apresentados no texto introdutório de D. Manuel Trindade Salgueiro: “dar a conhecer vários rescritos renovados ou obtidos da Santa Sé, e a adaptação da «Tabela de Taxas», aprovada para toda a Província Eclesiástica Eborense”<sup>315</sup> e as “simplificações e inovações ultimamente introduzidas na Nossa Arquidiocese”.<sup>316</sup> Condicionado pela vigência do Concílio Ecuménico, o documento tem carácter experimental e transitório, apoiado no parecer de vários Sacerdotes de todas as vigararias da Arquidiocese. O Prelado reconhece a imperfeição do documento mas conta com a colaboração, desde logo, dos membros da Cúria Arquidiocesana, e refere que as normas aí aprovadas revogam “tudo quanto na Arquidiocese estava determinado em contrário, por lei diocesana ou costume, e com elas se procurarão harmonizar as disposições anteriores não contrárias, sobretudo nos casos em que venham a oferecer dúvidas, até que possa ser publicada legislação mais pormenorizada e perfeita”,<sup>317</sup> terminando com um apelo veemente ao clero, principal destinatário do texto, pois a “sua exacta observância, na certeza de que isso muito contribuirá para o incremento da vida cristã e do ministério pastoral em toda a Nossa Arquidiocese”.<sup>318</sup>

A primeira parte do documento trata as faculdades de carácter litúrgico e pastoral: na administração dos Sacramentos (Batismo, Confirmação, Eucaristia, Confissão, Unção dos enfermos e Matrimónio) e noutros ministérios pastorais (pregação, procissões, Semana Santa, Via sacra, relíquias, imagens e alfaias sagradas, livros proibidos e a renovação das faculdades); na segunda parte do texto examina as normas de carácter administrativo: os registos pa-

---

<sup>314</sup> ARQUIDIOCESE DE ÉVORA, *Faculdades e Normas para o Ministério Pastoral*, p. 1

<sup>315</sup> *Op. cit.*, p. 1

<sup>316</sup> *Op. cit.*, p. 1

<sup>317</sup> *Op. cit.*, p. 2

<sup>318</sup> *Op. cit.*, p. 2

roquiais, as novas taxas, os oratórios, as festas religiosas, as associações religiosas, os peditórios nas paróquias e algumas obrigações dos clérigos (dos vigários da Vara, dos párocos e de quaisquer sacerdotes).

Na provisão sobre a Sagrada Liturgia de 1964, “para que os fiéis não fiquem por mais tempo privados das graças que da sua [Constituição conciliar *Sacrossanctum Concilium*] aplicação hão-de advir” D. Manuel Trindade Salgueiro traduz o *motu proprio Sacram Liturgiam* nas normas referentes às dioceses locais.<sup>319</sup> As medidas que entram em vigor no I domingo da Quaresma desse ano de 1964 são as seguintes: o ensino da Liturgia como disciplina principal, nos Seminários e outras escolas e faculdades religiosas, começa no ano letivo seguinte, sendo o programa da disciplina elaborado pelos formadores e aprovado pelo Prelado; a criação da Comissão Arquidiocesana da Sagrada Liturgia, onde se passam a integrar as anteriores comissões de Música e de Arte Sacra, presidida pelo Prelado, com o Reitor do Seminário em vice-presidente, o secretário-geral do Arcebispado e o professor de Liturgia em vogais (para a Liturgia), o cônego Dr. José Augusto Alegria, o Pe. Luís Martins Adriano e o Pe. António Ramiro Salgueiro (para a Música Sacra) e monsenhor Dr. Jerónimo de Alcântara Guerreiro e o Pe. Júlio César Baptista (para a Arte Sacra); a prática da homilia passa a obrigatória nas missas de domingo e nas festas de preceito; o sacramento da Confirmação passa a poder ser administrado dentro da missa; a celebração do Matrimónio, dentro da missa, realiza-se depois da leitura do Evangelho e da homilia e, caso se celebre fora da missa, tem um cerimonial renovado; sobre a recitação do ofício divino, pode ser dispensada a recitação da hora de *Prima* e escolherem-se, entre as horas menores, a mais conveniente em relação à hora do dia e, quando recitado fora do coro, são dispensados os fiéis (em casos individuais e por causas justas e razoáveis) da obrigação de rezar o ofício divino no todo ou em parte, devendo o ofício divino ser considerado como oração pública da Igreja e rezado, após as traduções, em língua vulgar (sendo que o uso da língua vernácula deve ser moderada, evitando abusos, e só para as cir-

---

<sup>319</sup> J. A. GUERREIRO, *D. Manuel Trindade Salgueiro no Arcebispado de Évora: 1955-1965*, p. 184

cunståncias já previstas); a autoridade eclesiástica territorial é entendida a nível nacional, como a conferência episcopal nacional, onde têm voto os Bispos residenciais mas onde também podem participar os Bispos coadjutores e auxiliares; qualquer outro tipo de inovação litúrgica compete exclusivamente à Santa Sé e a sua aplicação aos Bispos, não sendo lícito a ninguém, nem mesmo aos sacerdotes, acrescentar, tirar ou mudar seja o que for.<sup>320</sup>

Influxo dado pelo Concílio Vaticano II na Arquidiocese de Évora recebem alguns movimentos, como sejam os Cursos de Cristandade e o Movimento “Por um Mundo Melhor”. Também as iniciativas apostólicas (desde logo a Missão na cidade de Évora em 1963 e as peregrinações arquidiocesanas) ganham novo vigor, novo espírito de evangelização para a vida da Arquidiocese.

A receção do Concílio Ecuménico Vaticano II é feita, num primeiro momento, por D. Manuel Trindade Salgueiro, dentro dos condicionalismos da sua saúde, que provocam longas ausências da Arquidiocese, mas sem dúvida que a grande implantação conciliar se deve ao seu sucessor, D. David de Sousa, também ele Padre Conciliar presente em todas as sessões do Concílio. D. Manuel Trindade Salgueiro foi, assim, o responsável na Arquidiocese de Évora pela chegada do Concílio, pela abertura de caminhos novos para uma evangelização atual, pela receção dos primeiros documentos conciliares mas também pelo abalizar das atualizações conciliares, pelo esclarecimento das mentalidades da renovação conciliar e pela abertura do espírito das elites eclesiásticas e sociais para as mudanças que os trabalhos conciliares poderiam requerer da Igreja e da sociedade eborense em geral.

---

<sup>320</sup> J. A. GUERREIRO, *D. Manuel Trindade Salgueiro no Arcebispado de Évora: 1955-1965*, p. 185-187



## CAPÍTULO IV

### A partida de Évora

A 27 de junho de 1965, D. Manuel Trindade Salgueiro preside, em Montemor-o-Novo, à ordenação de dois novos presbíteros, de um subdiácono, um ostiário e leitor e quatro primas tonsuras. Ignorando o facto, toda a Arquidiocese que ali está reunida assiste então à última aparição pública do Arcebispo de Évora.<sup>321</sup> De 22 de julho data a última mensagem à Arquidiocese, anunciando a nomeação de D. José Joaquim Ribeiro para Bispo coadjutor de Díli,<sup>322</sup> notícia que contribui para o agravamento do estado de saúde de D. Manuel Trindade Salgueiro mas que ainda é redigida em Évora. A 14 de agosto de 1965, D. Manuel Trindade Salgueiro já se encontra em Ílhavo, de onde não volta a Évora com vida. De lá dá a conhecer à Arquidiocese as nomeações eclesíásticas feitas para o ano de 1965,<sup>323</sup> e também, em seu nome, é anunciada à Arquidiocese a nomeação do novo bispo auxiliar, D. João António da Silva Saraiva, pelo Pró Vigário-geral da Arquidiocese, Mons. Dr. Mendeiros.<sup>324</sup>

A partida de D. Manuel Trindade Salgueiro da sua amada Arquidiocese de Évora para a eternidade fora, de certo modo, preparada ao longo do seu pontificado, desde logo pela sua “vocação marítima”, atitude de quem está sempre pronto a partir (muitas vezes sem saber se regressará) que marca a sua personalidade; e fora, também, preanunciada pelas várias e graves crises cardíacas que ao longo do tempo o acometem a largos e difíceis tempos retido no leito. Assim, neste capítulo reflete-se sobre a sua “vocação marítima” e a sua “oração do mar”, esta última um documento que nos dá a conhecer melhor a sua estruturação religiosa a nível pessoal; as notas pastorais redigidas na sequência das crises cardíacas e afastamentos de Évora são também apresentadas, assim como os testemunhos que ficam aquando da sua morte e a

---

<sup>321</sup> *A Defesa*, ano XLIII (número 2192, 03/07/1965), suplemento «Página dos Seminários», número 213, p. 1

<sup>322</sup> *Op. cit.*, ano XLIII (número 2195, 24/07/1965), p. 1.8

<sup>323</sup> *Op. cit.*, ano XLIII (número 2201, 04/09/1965), p. 10

<sup>324</sup> *Op. cit.*, ano XLIII (número 2202, 11/09/1965), p. 1.2

forma como a sua memória é mantida na vida arquidiocesana e no espírito dos arquidiocesanos.

## 1. A vocação marítima

Como já se disse, desde que chega ao sólio episcopal e a partir de 1941, a presença e presidência da bênção da frota bacalhoeira no Restelo, frente aos Jerónimos, é concedida a D. Manuel Trindade Salgueiro, facto que se explica pela sua natural ligação ao mar e à faina do bacalhau, por ser de terra de pescadores e filho de pescador, acontecimento a que só se ausentou, entre 1941 e 1964, em 1943, 1948, 1957 e 1962.<sup>325</sup> Além desta umbilical ligação aos pescadores e à pesca, D. Manuel Trindade Salgueiro publica no semanário arquidiocesano «A Defesa» uma «Oração do Mar»,<sup>326</sup> merecendo e confirmando assim o título de «Bispo do Mar».<sup>327</sup>

A «Oração do Mar» é um elogio ao mar, “de todas as obras da criação, o mar é das que mais alto proclamam a sabedoria e o poder de Deus”<sup>328</sup> e de lá se espera que surja o Criador, da imensidão do seu azul, quando se une ao azul do céu. Do mistério do mar partilha a nossa natureza, mistério de imensidão, de energia, nas crises de tempestade e nas horas de calmaria, em que o mar é salmo pesaroso.<sup>329</sup> Os marinheiros aprendem com o mar, e na sua atmosfera subtil de misticismo, a vivência religiosa que os prepara para as alturas, imersos no imenso abrem-se à imensidade de Deus, dominados pelo mar diariamente compreendem o poder supremo de Deus invisível nas obras que por amor criou; os marinheiros rezam e choram com o mar, porque são orações e lágrimas as promessas, os louvores, os ex-votos e a nostalgia que vivem no meio do mar; sem uma linguagem teológica afinada, a sua busca de infi-

---

<sup>325</sup> J. A. PERDIGÃO, “D. Manuel Trindade Salgueiro”, 48

<sup>326</sup> *A Defesa*, ano XL (número 2076, 13/04/1962), p. 1

<sup>327</sup> J. A. GUERREIRO, *D. Manuel Trindade Salgueiro no Arcebispado de Évora: 1955-1965*, p. 205

<sup>328</sup> *A Defesa*, ano XL (número 2076, 13/04/1962), p. 1

<sup>329</sup> *Op. cit.*, ano XL (número 2076, 13/04/1962), p. 1

nito é ardente e atuante.<sup>330</sup> Também os que vivem junto do mar, em contacto com as suas realidades, aprendem a rezar a oração do mar, mesmo sem embarcar, nas capelas que no litoral olham para o mar, “onde desafogam as suas emoções, gritam aflitivamente as suas súplicas e entoam com entusiasmo os seus louvores”.<sup>331</sup> Assim era com Jesus, que dos pequenos barcos fez a sua cátedra predileta e o mar de Tiberíades acompanhou com a sua oração.<sup>332</sup>

A mesma dolência do mar, a mesma imensidão e a mesma mística correm nas veias de D. Manuel Trindade Salgueiro desde a sua infância. Filho de pescador vê o mar guardar o corpo do seu pai e, como nos é dito depois da sua morte, “quando se ficava parado junto do mar, olhando-o simplesmente, uma serenidade interior lhe adivinhava e o Senhor Arcebispo, marinho de recordações, viajava por esse mar de Cristo”.<sup>333</sup>

## 2. A doença

A doença e as crises cardíacas levam a que, em diversos períodos, D. Manuel Trindade Salgueiro se ausente de Évora para descansos em Ílhavo ou Lisboa: de 20 a 30 de novembro de 1956, de 10 de dezembro de 1956 a 7 de março de 1957, de 10 de março a 12 de abril de 1957, de 17 de fevereiro a 9 de maio de 1962, de 27 de julho a 28 de setembro de 1963 e de 14 de agosto à data da morte, 20 de setembro de 1965.<sup>334</sup> Como se percebe, são afastamentos frequentes e relativamente longos, resultantes da sua relativamente frágil condição de saúde.

A primeira crise cardíaca sofre-a nos Açores, quando aí se desloca D. Manuel Trindade Salgueiro para a sagração episcopal de D. José Pedro da Silva, seu sucessor na direção da Ação Católica Portuguesa. A memória do aparecimento da doença é trazida pelo próprio D.

---

<sup>330</sup> *A Defesa*, ano XL (número 2076, 13/04/1962), p. 1

<sup>331</sup> *Op. cit.*, ano XL (número 2076, 13/04/1962), p. 1

<sup>332</sup> *Op. cit.*, ano XL (número 2076, 13/04/1962), p. 1

<sup>333</sup> *Op. cit.*, ano XLIII (número 2215, 15/12/1965), p. 9

<sup>334</sup> *Op. cit.*, ano XXXV (número 1788, 12/10/1957, p. 5.7); ano XXXIX (número 2016, 17/02/1962, p. 1); ano XL (número 2028, 12/05/1962, p. 1); ano XLI (número 2091, 27/07/1963, p. 1; número 2100, 28/09/1963, p. 1); ano XLIII (número 2199, 14/08/1965, p. 1; número 2203, 20/09/1965, p. 1)

José Pedro da Silva na oração fúnebre da transladação dos restos mortais de D. Manuel Trindade Salgueiro para o túmulo no claustro da Sé de Évora:

“E não posso esquecer – dolorosa lembrança esta – que foi nos Açores e por essa ocasião, precisamente na tarde de 14 de Novembro de 1956, dia em que visitou o cemitério de Ponta Delgada, onde orou pela alma do seu Pai, afogado no mar e ali sepultado, que o Senhor D. Manuel sentiu as primeiras manifestações graves da doença que o vitimaria nove anos mais tarde. Foi, naturalmente, a evocação daquela horrível tragédia – o naufrágio do navio em que o Pai andava embarcado, naufrágio ocorrido a poucos metros de distância e em circunstâncias ainda hoje misteriosas – a causa próxima de tais manifestações. [/] Reconhecendo a gravidade da doença, aceitou-a com edificante fortaleza de alma e procurou discretamente ocultá-la, até mesmo no extenuante dia 18 em que, às cerimónias longas de uma ordenação episcopal, se seguiram outros actos carregados de emoção. [/] Regressado ao continente no dia 21, retomava em Évora no dia imediato os trabalhos pastorais, sem estar refeito daquela grave crise. Sempre atento aos apelos de Deus e às necessidades do próximo, o Senhor D. Manuel não sabia nem podia descansar. Sentia na sua alma e nos seus nervos, como urgência imperiosa, a Caridade de Cristo que o levava a dar-se sem medida.”<sup>335</sup>

Sempre que as crises cardíacas o afastam de Évora, D. Manuel Trindade Salgueiro leva no coração e na mente a sua Arquidiocese de Évora e os cuidados pastorais que a ela deve. Em três momentos, a 10 de abril de 1957, a 15 de maio de 1962 e a 1 de novembro de 1963, D. Manuel Trindade Salgueiro dirige-se aos seus arquidiocesanos quando recupera das crises cardíacas, restabelecidas as forças e de novo em Évora. “Paz de Cristo”,<sup>336</sup> “Na hora do regresso”<sup>337</sup> e “Solidão e presença”<sup>338</sup> são os três textos que nos dão a conhecer os sentimentos e preocupações de D. Manuel Trindade Salgueiro ao regressar à vida ativa, depois das crises cardíacas que o abalam.

## 2.1. “Paz de Cristo”

A primeira ausência prolongada de D. Manuel Trindade Salgueiro (entre 10 de dezembro de 1956 e 7 de março de 1957) abarca, para além do cometimento no leito da doença,

---

<sup>335</sup> *A Defesa*, ano XLVII (número 2434, 28/02/1970), p. 3

<sup>336</sup> *Op. cit.*, ano XXXV (número 1762, 13/04/1957), p. 1.5

<sup>337</sup> *Op. cit.*, ano XL (número 2030, 26/05/1962), p. 1.3.4.7

<sup>338</sup> *Op. cit.*, ano XLI (número 2107, 16/11/1963), p. 1.3.7

o seu afastamento de Évora nas celebrações natalícias e quaresmais, a distância do seu mais próximo colaborador num momento de júbilo pessoal e arquidiocesano (Francisco Maria da Silva, seu Vigário Geral e primeiro apóstolo da Arquidiocese, é nomeado Bispo auxiliar para Braga e ordenado nessa Sé). E motiva também uma grande reflexão pessoal e pastoral em D. Manuel Trindade Salgueiro: “a doença, já por si, é limitação que lembra necessariamente a fragilidade e pobreza do nosso barro de origem. Principalmente nas infundáveis horas da noite, que começam logo que o crepúsculo lança na alma sombras de tristeza, espevitase a memória e encandece a sensibilidade, pelo que na imaginação em febre se atropela a vida, com seu torvelinho de casos que esperam solução”.<sup>339</sup> A reflexão que o Arcebispo de Évora partilha com os seus arquidiocesanos tem um duplo objetivo: elencar as circunstâncias especiais que se vivem na Arquidiocese e que estão presentes na mente e no coração do enfermo Prelado, e abordar a sua visão do sofrimento e da doença que o leva ao afastamento de Évora.

De facto, a doença coloca o prelado numa situação de fragilidade humana que parece contrariar a visão de que o bispo é força segura, alma da Arquidiocese. Só a ideia de que tudo resulta da vontade de Deus e a identificação do seu sofrimento pessoal – sofrimento psíquico e físico – com o sofrimento de Cristo é que lhe terão permitido ultrapassar as dificuldades. “Depois de longa ausência que o Senhor ordenou ou permitiu (também a doença é sua mensageira) regressámos à nossa Diocese, com o jubiloso alvoroço dos pais que, afastados dos filhos por muito tempo, se encontram finalmente de retorno ao lar”<sup>340</sup> e, nessa ausência, “celebraram-se longe os sagrados mistérios do Natal, da Circuncisão e da Epifania, que desejaríamos passar com a família, reunida no grande lar comum que é a Catedral, e chegou a Quaresma, sem podermos continuar a pregação tradicional”;<sup>341</sup> “a eleição episcopal do nosso abnegado e infatigável Vigário Geral para Auxiliar do Venerando senhor Arcebispo Primaz, embora inesperada, também nos causou emoção profunda”,<sup>342</sup> confessa D. Manuel Trindade Sal-

---

<sup>339</sup> J. A. GUERREIRO, *D. Manuel Trindade Salgueiro no Arcebispado de Évora: 1955-1965*, p. 57

<sup>340</sup> *Op. cit.*, p. 56

<sup>341</sup> *Op. cit.*, p. 57

<sup>342</sup> *Op. cit.*, p. 57

gueiro que “há glória que são pesadelos. É-o este de modo especial. Sê-lo-ia sempre, em qualquer altura, mas na hora em que foi tornada pública, sentido a falta do Colaborador magnífico e o peso da nossa doença, louvámos o Senhor, mas não pudemos impedir a comoção”;<sup>343</sup> o retiro forçado em Ílhavo traz também à memória e ao coração do Pastor outras preocupações porque “nos grandes silêncios de muitos dias e de muitas noites, também houve ocasião de se pensar na situação económica da Diocese”;<sup>344</sup> os Seminários, com os seus alunos e as suas despesas próprias e inadiáveis; as paróquias carecidas de recursos materiais e quase todas muito pobres de espírito cristão; o clero sacrificado, de modo particular o clero paroquial, muitas vezes incompreendido e sempre sujeito à solidão imposta pelas largas distâncias e pelas almas vazias que lhes estão confiadas; a penúria das residências paroquiais, de colégios amplos e arejados, de casas de retiros, de salões paroquiais e dos meios mais poderoso que o apostolado moderno exige para ser feito com eficácia e de a Arquidiocese não dispõe;<sup>345</sup> tudo isto assombra a mente e o coração de D. Manuel Trindade Salgueiro mas também motiva uma maior atenção e diligência pastoral na alma do Pastor, para quando regressar à sua Arquidiocese.

Na segunda parte do texto D. Manuel Trindade Salgueiro apresenta-se sereno e tranquilo, como que preparado e munido com as armas de Cristo para enfrentar o sofrimento e a dor que a solidão, a distância e a doença lhe causam. “A nossa vida tem de ser um «sim» pleno e forte à vontade de Deus, conforme a profissão do «Pai nosso». Deus vê, ama e pode. Por isso, tudo quanto nos envia ou permite que nos suceda, redundará em nosso lucro espiritual”<sup>346</sup> e, assim fortalecidos, “até as horas mais dramáticas são consideradas horas de Deus. E de facto o são. Doenças e abandonos, lutas e sofrimentos, pobreza e agonia, tudo, em última análise, provém das mãos dadivosas de Deus, como a saúde e a riqueza, as atenções e as glórias, os louvores e os triunfos. O que importa é receber filialmente a graça, que dá sentido divino à

---

<sup>343</sup> J. A. GUERREIRO, *D. Manuel Trindade Salgueiro no Arcebispado de Évora: 1955-1965*, p. 57

<sup>344</sup> *Op. cit.*, p. 58

<sup>345</sup> *Op. cit.*, p. 58

<sup>346</sup> *Op. cit.*, p. 59

vida”.<sup>347</sup> O sentido de oblação com que D. Manuel Trindade Salgueiro vive a doença transforma a doença e o sofrimento numa bênção, numa santificação, pois “é sobretudo o sacrifício que sublima todos os nossos actos e lhes dá retumbâncias eternas, integrando-os no mistério do sacrifício redentor e santificador de Cristo”,<sup>348</sup> deste movimento resulta como seu maior dom, como meta a alcançar, a paz de Cristo: “para viver a paz, é preciso combater sem cessar, contra todos os inimigos da alma, dos quais os mais temerosos vivem em nós próprios. Cada cristão, sendo soldado de Cristo, *miles Christi*, possuirá a paz – talvez no sofrimento ou no sangue, não importa, mas sempre paz profunda e divina – e contribuirá para a paz dos seus irmãos e para a paz universal.”<sup>349</sup>

## 2.2. “Na Hora do Regresso”

“Por pouco seria o fim deste combate na terra. Pelas circunstâncias, por graça de Deus, sê-lo-ia com dignidade serena, fim de Soldado em plena campanha – soldado de Cristo, *miles Christi*, na campanha do apostolado, *bonum certamen*, a mais linda, a mais ardente, a mais fecunda campanha do cristão”.<sup>350</sup> É com esta palavras que D. Manuel Trindade Salgueiro se dirige aos seus arquidiocesanos depois de nova crise cardíaca em 1962. Sempre próximo, sempre pronto para partir, D. Manuel Trindade Salgueiro declara que “foi preciso deixar a diocese que Deus nos concedeu, por generosidade inefável. Partir em condições normais, «é já morrer um pouco»; partir por doença, que pode ser fatal, provoca humana ansiedade”,<sup>351</sup> ainda a falar da sua doença, D. Manuel Trindade Salgueiro informa os arquidiocesanos que “a natureza da doença exigia repouso completo. Implica fadigas e preocupações o apostolado activo. Fadigas maiores e preocupações mais profundas traz sempre a inação obrigada. A imaginação, colorida pela imaginação, encarrega-se de tornar presentes os episódios do dia a

---

<sup>347</sup> J. A. GUERREIRO, *D. Manuel Trindade Salgueiro no Arcebispado de Évora: 1955-1965*, p. 59

<sup>348</sup> *Op. cit.*, p. 60

<sup>349</sup> *Op. cit.*, p. 61

<sup>350</sup> *Op. cit.*, p. 161

<sup>351</sup> *Op. cit.*, p. 161

dia e os grandes acontecimentos da vida diocesana”.<sup>352</sup> Assim, D. Manuel Trindade Salgueiro, na primeira parte do texto, à semelhança do anterior, elenca os acontecimentos que destaca da vida arquidiocesana e aos quais a doença não permite que assista, embora adivinhe os seus bons frutos e o seu sucesso: desde os mentores e executores (o Bispo auxiliar, o clero, as comunidades religiosas, as associações de leigos e fiéis e os pobres “muito pobres, que não conhecem o Senhor ou que, já o conhecendo e tendo-O talvez servido com devoção, O desprezam agora e vilipendiam por palavras e por obras”<sup>353</sup>) às ações arquidiocesanas (a peregrinação dos estudantes a Vila Viçosa; a posse dos novos cónegos; a ordenação de novos padres; a peregrinação arquidiocesana a Vila Viçosa; a celebração da Semana Santa; as obras nos edifícios do «Conventinho», dos Agostinhos e do novo pavilhão da Purificação, dos Seminários Arquidiocesanos; a montagem do órgão monumental na Igreja do Espírito Santo, em Évora; a festa do Seminário Menor de S. José; o aniversário de «A Defesa»; a peregrinação nacional a Fátima e os frutos dos Cursos de Crisandade<sup>354</sup>), passando por alguns eventos civis que se vivem na cidade episcopal (a restauração da Região Militar de Évora e um colóquio psicopedagógico<sup>355</sup>).

“Mas é o sofrimento, quando suportado em ambiente cristão, que forja solidamente o homem e dá beleza moral à vida”<sup>356</sup> e introduz a segunda parte do texto sobre a reflexão acerca do sofrimento e dos frutos que pela dor se recebem. “Nas horas más, afinal também horas de Deus, a fê ilumina o pensamento e os acontecimentos, e com iluminá-los fortalece os nossos passos na peregrinação da vida (...) é oração heróica da vida a oração do sofrimento.”<sup>357</sup> E desta atitude perante o sofrimento D. Manuel Trindade Salgueiro pede o grande dom que é a paz, a paz do espírito, “aceitar com amor significa querer o que Deus quer”.<sup>358</sup> E, ao terminar a partilha dos momentos de dor e sofrimento, mas também dos momentos de esperança e con-

---

<sup>352</sup> J. A. GUERREIRO, *D. Manuel Trindade Salgueiro no Arcebispado de Évora: 1955-1965*, p. 162

<sup>353</sup> *Op. cit.*, p. 162

<sup>354</sup> *Op. cit.*, p. 126-163

<sup>355</sup> *Op. cit.*, p. 163

<sup>356</sup> *Op. cit.*, p. 163

<sup>357</sup> *Op. cit.*, p. 164

<sup>358</sup> *Op. cit.*, p. 165

fiada alegria, D. Manuel Trindade Salgueiro dá graças a Deus pelos benefícios e dons e agradece as provas de estima e de consideração, enaltece a Arquidiocese e a sua atitude de associação ao sofrimento do Pastor, manifestação do ambiente espiritual que começa a surgir na paisagem de almas do Alentejo.<sup>359</sup>

### 2.3. “Solidão e Presença”

A última das cartas que D. Manuel Trindade Salgueiro dirige aos seus arquidiocesanos após as crises cardíacas que o acometem, é datada de 1 de novembro de 1963. Nesta carta D. Manuel Trindade Salgueiro aborda sobretudo a teologia da dor, tema que lhe é muito caro, pois o priva em vários momentos do convívio com os seus arquidiocesanos.

“Nova crise do coração, de novo longas horas solitárias, por Deus novamente regresso jubiloso à Diocese. [/] Nas horas intermináveis de solidão, melhor se reflecte na caducidade da vida humana e dos seus bens, e mais profundamente se reconhece o valor da fé.”<sup>360</sup> Estas horas, vistas à luz da fé, recuperam o seu brilho, brilho que vem Deus, “à luz da fé, os problemas equacionam-se com serenidade e prudência. Há-os que não podem resolver-se, mas há-de por tal motivo, o homem avisado «esmagar a cabeça contra a pedra da parede?»”<sup>361</sup> e “a reflexão serena nas horas de isolamento levará a considerar a vida com mais humildade”.<sup>362</sup>

“Com fé, fazem bem as horas de silêncio e dor. Aprende-se a seguir melhor o Senhor que ensina, aos homens de boa-vontade, nada representar falência, nem mesmo a cruz, considerada loucura para os judeus e escândalo para o gentios. Com fé, porque sem ela o sofrimento será muitas vezes precipitação dramática no desalento, na revolta e no desespero”;<sup>363</sup> “naturalmente oferece o sacrificio pelas intenções que enchem o espírito e o coração: a Igreja, o Papa, o Concílio, a Pátria, as necessidades da Diocese, com os seus sacerdotes, os seus seminaristas, os seus religiosos, as suas associações de

---

<sup>359</sup> J. A. GUERREIRO, *D. Manuel Trindade Salgueiro no Arcebispado de Évora: 1955-1965*, p. 166

<sup>360</sup> *Op. cit.*, p. 167

<sup>361</sup> *Op. cit.*, p. 167

<sup>362</sup> *Op. cit.*, p. 167

<sup>363</sup> *Op. cit.*, p. 167

apostolado e de piedade, os seus leigos que fazem parte do rebanho, os não cristãos, que são também filhos de Deus (...) [/] Nem se esquecem os adversários que, afinal, também são irmãos.”<sup>364</sup>

Seguidamente, D. Manuel Trindade Salgueiro explana toda a teologia do sofrimento e da dor à luz da experiência da fé, testemunhada por São Tomás de Aquino, pelo Cardeal Mercier, pela sua própria vida, desabafando, ao finalizar:

“A luz da morte confunde-se com a luz da eternidade. A esta luz, todos os homens e todas as coisas são vistos em proporções reais. Em horas de mágoa, por ofensas recebidas, de dúvida, acerca da lealdade e sinceridade de atitudes e de pessoas, de tristeza e talvez de desespero, em horas altas de triunfo e horas negras de derrota, saiba cada um ver tudo na luz da eternidade, invocando filialmente o Senhor, recorrendo confiadamente à Senhora.”<sup>365</sup> E assim, com este testemunho de fé diante da realidade do sofrimento, da dor, da doença e da ausência, D. Manuel Trindade Salgueiro prepara o coração dos filhos, e também o seu próprio coração, para a partida que adivinha eminente, partida acelerada com a perda de um dos seus filhos mais próximos, do seu colaborador mais ativo. Como dizia D. Manuel Trindade Salgueiro a propósito de outra partida: “louvámos o Senhor, mas não pudemos impedir a comoção”,<sup>366</sup> comoção tal que lhe arrebatou o último suspiro.

### 3. A morte

A madrugada de 20 de setembro de 1965 é testemunha da passagem de D. Manuel Trindade Salgueiro.<sup>367</sup> Ao longo dos dias, desde 14 de agosto, D. Manuel Trindade Salgueiro recupera a saúde e, sem ninguém esperar, acaba por falecer às 4 horas e 20 minutos do dia 20

---

<sup>364</sup> J. A. GUERREIRO, *D. Manuel Trindade Salgueiro no Arcebispado de Évora: 1955-1965*, p. 168

<sup>365</sup> *Op. cit.*, p. 170

<sup>366</sup> *Op. cit.*, p. 57

<sup>367</sup> Consultado em <http://digitalq.adavr.arquivos.pt/viewer?id=1186607> a 28 de janeiro de 2015 às 11:34

de setembro, após ter recebidos os últimos Sacramentos, administrados pelo pároco de Ílhavo, Reverendo Padre Júlio Tavares Rebimbas.<sup>368</sup>

A última crise cardíaca que desde o dia 14 de agosto retinha D. Manuel Trindade Salgueiro longe de Évora, pode ter tido o seu início na notícia divulgada a toda a Arquidiocese a 24 de julho mas tornada pública a 22 do mesmo mês,<sup>369</sup> da nomeação de D. José Joaquim Ribeiro para Bispo coadjutor de Díli, à data Bispo auxiliar e primeiro colaborador de D. Manuel Trindade Salgueiro, na tarefa da missiões da Arquidiocese e da restauração da fé em terras alentejanas. A nomeação de D. José Joaquim Ribeiro suscitará uma corrente de agradecimentos pela ação desenvolvida em Évora e, à cabeça desses agradecimentos, “à frente de todos, porque mais beneficiou dos seus dons e melhor sentiu a espiritualidade de todos os seus actos, o Prelado comovidamente louva e agradece todos os serviços recebidos, e sente já a saudade antecipada da despedida e da ausência. (...) O Senhor no-lo deu, o Senhor no-lo tira. Seja feita a Sua vontade.”<sup>370</sup> Assim, a comoção da partida de D. José Joaquim Ribeiro e a consciência da incapacidade, dada a sua débil saúde, de cumprir a tarefa de percorrer e movimentar toda a Arquidiocese criam em D. Manuel Trindade Salgueiro o sentimento de perda, de desamparo que podem ter levado a mais uma crise cardíaca, prostrando-o no leito e provocando o seu desânimo.

A 21 de agosto, em nota da Cúria Arquidiocesana, sabe-se que D. Manuel Trindade Salgueiro se encontra sujeito a repouso absoluto, por prescrição médica, em Ílhavo, devido aos excessivos trabalhos dos últimos meses; e que, a 18 de agosto, o seu estado de saúde se agrava subitamente, sendo por isso, recomendado ao clero, às comunidades religiosas e a todos os fiéis “que elevem ao Céu as suas preces pelas melhoras e conservação da preciosa vida do Senhor Arcebispo”.<sup>371</sup> A 28 de agosto, o semanário arquidiocesano informa que “embora o estado de saúde de Sua Ex.<sup>a</sup> Reverendíssima continue a ser ainda muito delicado, podemos, no

---

<sup>368</sup> *A Defesa*, ano XLIII (número 2215, 15/12/1965), p. 9

<sup>369</sup> *Op. cit.*, ano XLIII (número 2195, 24/07/1965), p. 1.8

<sup>370</sup> *Op. cit.*, ano XLIII (número 2195, 24/07/1965), p. 1

<sup>371</sup> *Op. cit.*, ano XLIII (número 2199, 21/08/1965), p. 10

entanto, informar que as justificadas preocupações da semana anterior, conquanto subsistem, são menos atenuantes agora, e que a esperança do restabelecimento do Ex.<sup>mo</sup> e Venerando Prelado se vai acentuando de dia para dia, à medida que o tempo passa, sem surgirem novas complicações ou imprevistos desagradáveis”, consciencializando os arquidiocesanos de que “as melhoras ultimamente verificadas não nos consentem ainda aquela plena tranquilidade de espírito que todos ambicionamos. São, todavia, grandemente animadoras, até porque o período da doença, considerado como o mais melindroso, se aproxima do seu termo”;<sup>372</sup> na semana seguinte as notícias continuam numa linha de ânimo, verificadas as melhoras que despontavam na saúde de D. Manuel Trindade Salgueiro;<sup>373</sup> a 11 de setembro, data da divulgação da nomeação de D. João António da Silva Saraiva para Bispo auxiliar de Évora, são dadas a conhecer à Arquidiocese as notícias da saúde de D. Manuel Trindade Salgueiro, que continua a melhorar e é visitado por D. José Joaquim Ribeiro, Bispo coadjutor eleito de Díli e ainda em Évora, antes deste partir para Roma e para a sessão conciliar;<sup>374</sup> as notícias chegadas de Ílhavo a Évora pelo semanário arquidiocesano a 18 de setembro falam do “feliz prosseguimento das melhoras do Senhor Arcebispo”, que recebe a visita do Contra-Almirante Américo Tomás, Presidente da República, e que já se pode levantar do leito e passar algumas horas sentado, sendo informado da vida da arquidiocese, através de correspondência, pelo Pró Vigário-Geral da Arquidiocese, Mons. Dr. José Filipe Mendeiros.<sup>375</sup>

A morte não encontra desprevenido D. Manuel Trindade Salgueiro que, ao longo da vida e no conforto da doença se foi preparando para a hora da morte. Testemunho disso mesmo são as “Últimas disposições do Senhor Arcebispo de Évora” datadas de 2 de setembro de 1964 e assinada em Lisboa.<sup>376</sup> Nesse texto, seu autêntico testamento espiritual, D. Manuel Trindade Salgueiro revisita a sua vida: “tendo nascido de pais cristãos, vivido em meio cristão, educado, até fazer a 4.<sup>a</sup> classe da instrução primária, num Colégio de Religiosas (...);

---

<sup>372</sup> *A Defesa*, ano XLIII (número 2200, 28/08/1965), p. 1.7

<sup>373</sup> *Op. cit.*, ano XLIII (número 2201, 04/09/1965), p. 10

<sup>374</sup> *Op. cit.*, ano XLIII (número 2202, 11/09/1965), p. 1.2

<sup>375</sup> *Op. cit.*, ano XLIII (número 2203, 18/09/1965), p. 1.7

<sup>376</sup> *Op. cit.*, ano XLIII (número 2204, 23/09/1965), p. 1.2

tendo procurado ser bom seminarista, depois de alguma dissipação em três anos de Liceu; tendo obtido a graça do privilégio de ser chamado ao sacerdócio, até ao Episcopado”<sup>377</sup> pede a graça de uma morte digna de cristão, presbítero e bispo; aceita o sofrimento da mão do Senhor, oferece-o pela purificação da sua alma e pelas suas intenções (a Arquidiocese que lhe está confiada, o seu Bispo auxiliar, os seus padres, os doentes, todos os arquidiocesanos e também os que vivem longe da Igreja), por todos os que sofrem por si e são seus auxiliares, lembrando tudo isto no grande encontro com o Senhor, “se por esmola o Senhor me der o Céu”;<sup>378</sup> em relação aos bens materiais, confessa D. Manuel Trindade Salgueiro que “por graça de Deus, nasci muito pobre, pobre tenho vivido, pobre hei-de morrer. Nem, como propriedade, nunca mais desejei que os cinco palmos de terra da sepultura” sabendo que nunca nada lhe falta, mesmo que a custo dos sacrifícios e trabalhos da sua mãe;<sup>379</sup> os bens que lhe são oferecidos são legados à Arquidiocese de Évora, esposa mística que lhe foi dada, mediante observações que noutra documento regista, para que quem ficar a governar a Arquidiocese após a sua morte disponha como entender, observando religiosamente as decisões de D. Manuel Trindade Salgueiro, a quem comovidamente agradece;<sup>380</sup> as últimas palavras são oração de abandono e confiança, segundo a tradicional invocação das figuras da Sagrada Família: “Que Jesus, Maria e José, me estejam presentes na hora da morte, que me abram as portas do paraíso.”<sup>381</sup>

A 20 de setembro de 1965, em número especial do semanário arquidiocesano, o Cabido da Sé de Évora comunica a toda a Arquidiocese o “súbito desenlace, verificado depois do nosso Venerando Prelado ter vencido o perigo da grave doença que o prostrou em Ílhavo, no princípio do passado mês de Agosto, e quando Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> já se encontrava em franca convalescença, deixou-nos mergulhados na mais profunda dor.”<sup>382</sup> Este acontecimento deixa

---

<sup>377</sup> *A Defesa*, ano XLIII (número 2204, 23/09/1965), p. 1

<sup>378</sup> *Op. cit.*, ano XLIII (número 2204, 23/09/1965), p. 1

<sup>379</sup> *Op. cit.*, ano XLIII (número 2204, 23/09/1965), p. 2

<sup>380</sup> *Op. cit.*, ano XLIII (número 2204, 23/09/1965), p. 2

<sup>381</sup> *Op. cit.*, ano XLIII (número 2204, 23/09/1965), p. 2

<sup>382</sup> *Op. cit.*, ano XLIII (número especial, 20/09/1965), p. 1

novamente órfã toda a Arquidiocese, o seu clero, os seus seminaristas e todos os fiéis: “perdemos sobretudo um Pai carinhoso, que sabia tratar os seus padres e os fiéis com o coração nas mãos e com amizade que encantava e atraía a todos, mesmo os que não comungam na nossa fé”;<sup>383</sup> mas a dor da partida não seria apenas sentida em Évora, uma vez que, conforme sublinha o periódico arquidiocesano, “a sua inteligência fúlgida e peregrina, a sua cultura vastíssima, o seu verbo arrebatador, a bondade irradiante do seu coração impuseram-se a Portugal inteiro e a muitos meios do Estrangeiro. O Senhor D. Manuel Trindade Salgueiro era um Prelado que enchia o País e reverberava fulgores para lá das fronteiras, mormente na Europa e na América.”<sup>384</sup> Os votos de pesar não se fizeram esperar, vindos de todos os campos da vida eclesiástica, política, militar e intelectual, de Portugal e de além-fronteiras, reconhecimento claro e distinto da figura de eclesiástico, de intelectual e de português de D. Manuel Trindade Salgueiro.<sup>385</sup>

As exéquias de D. Manuel Trindade Salgueiro decorrem ao longo dos dias 20, 21 e 22 de setembro, iniciadas em Ílhavo (onde foram celebradas várias missas em seu sufrágio) e até Évora, com paragens em Coimbra, Leiria, Santarém e Coruche.<sup>386</sup> Já em Évora, as celebrações são presididas por D. José Joaquim Ribeiro, tendo na assistência, entre outras, altas figuras do Estado e da Igreja, desde logo o Contra-Almirante Américo Tomás, em “cadeirão especial, a figura grave, introspectiva, do venerando Chefe do Estado, velho e dedicado amigo do Senhor D. Manuel Trindade Salgueiro”.<sup>387</sup> Depois das celebrações exequiais na Sé de Évora, por volta das 13 horas daquele dia 22 de setembro, o corpo de D. Manuel Trindade Salgueiro é conduzido até ao Cemitério dos Remédios e depositado no jazigo particular da senhora D. Ana Eliza Mexia Nunes de Matos Fernandes, que cede aquele túmulo até à trasladação dos restos mortais para o claustro da Sé de Évora.<sup>388</sup>

---

<sup>383</sup> *A Defesa*, ano XLIII (número especial, 20/09/1965), p. 1

<sup>384</sup> *Op. cit.*, ano XLIII (número especial, 20/09/1965), p. 1

<sup>385</sup> *Op. cit.*, ano XLIII (número especial, 20/09/1965, p. 2; número 2204, 23/09/1965, p. 3.4.5)

<sup>386</sup> *Op. cit.*, ano XLIII (número 2204, 23/09/1965), p. 1

<sup>387</sup> *Op. cit.*, ano XLIII (número 2204, 23/09/1965), p. 2

<sup>388</sup> *Op. cit.*, ano XLIII (número 2204, 23/09/1965), p. 2

A 15 de dezembro, já com a presença de todo o episcopado português (que à data das exéquias de D. Manuel Trindade Salgueiro se encontrava em Roma a participar nos trabalhos conciliares) e sob a presidência do Cardeal Patriarca de Lisboa, decorrem na Sé de Évora solenes exéquias por alma do finado Arcebispo de Évora, proferindo a oração fúnebre o bispo de Aveiro, D. Manuel de Almeida Trindade.<sup>389</sup>

A data da transladação, 24 de fevereiro de 1970, foi evocação festiva da figura e da vida de D. Manuel Trindade Salgueiro. Nessa data o seu corpo é definitivamente depositado no claustro da Sé de Évora, junto dos seus antecessores, numa celebração presidida pelo Arcebispo de Évora, D. David de Sousa, assistida por numerosos membros do episcopado português, de numeroso clero e seminaristas, religiosos e religiosas, fiéis e figuras de vários setores da vida política e social portuguesa, encabeçados pelo ainda Chefe do Estado, Contra-Almirante Américo Tomás. A oração fúnebre do momento foi proferida por D. José Pedro da Silva, Bispo de Viseu e sucessor de D. Manuel Trindade Salgueiro à frente da direção da Ação Católica Portuguesa.<sup>390</sup>

#### 4. A memória

Desde a sua morte, a figura de D. Manuel Trindade Salgueiro é recordada pelos seus arquidiocesanos através de iniciativas esporádicas ou anuais, sendo no imediato pós-morte, alvo de tributos e objeto de várias e variadas formas de carinho.

À data da sua morte, o número especial de «A Defesa» regista a biografia de D. Manuel Trindade Salgueiro e as primeiras medidas do seu luto: o luto na cidade de Évora e os primeiros votos de pesar;<sup>391</sup> ao longo dos anos que se seguem, muitas são as iniciativas reali-

---

<sup>389</sup> *A Defesa*, ano XLIII (número 2215, 15/12/1965), p. 18

<sup>390</sup> *Op. cit.*, ano XLVII (número 2434, 28/02/1970), p. 1.3.7

<sup>391</sup> *Op. cit.*, ano XLIII (número especial, 20/09/1965), p. 1-4

zadas na Arquidiocese de Évora, especialmente na cidade de Évora,<sup>392</sup> que conservam a memória, desde logo das celebrações exequiais comemorativas anuais, das mensagens de luto e de pesar de personagens da vida eclesial e política, da participação nas cerimónias fúnebres de movimentos e associações de fiéis e dos momentos comemorativos em Évora ou Ílhavo.

Anualmente é celebrada a missa em sufrágio da alma de D. Manuel Trindade Salgueiro, nos primeiros anos por D. David de Sousa, seu sucessor; rapidamente essa tarefa é assumida pelo Vigário-Geral, Mons. Dr. José Filipe Mendeiros que, a cada ano, no claustro da Sé de Évora e junto ao túmulo de D. Manuel Trindade Salgueiro celebra em seu sufrágio, convidando para esse momento todos os fiéis. José Filipe Mendeiros acaba por ser, ao longo dos anos, o portador da memória de D. Manuel Trindade Salgueiro, não sendo alheio a isso que as comemorações anuais em sufrágio de D. Manuel Trindade Salgueiro deixam de ser publicitadas a partir do ano em que José Filipe Mendeiros abandona a direção do semanário arquidiocesano, embora se acredite, sem deixar de celebrar no dia 20 de setembro de cada ano, missa em sufrágio do extinto Arcebispo de Évora.

Outro momento significativo da conservação e transmissão da memória de D. Manuel Trindade Salgueiro aos vindouros é assinalado no centenário do seu nascimento, em 1998, organizado por uma Comissão própria criada para o efeito pelo então Arcebispo de Évora, D. Maurílio Jorge Quinta de Gouveia (da qual fariam parte Mons. Dr. José Filipe Mendeiros e o

---

<sup>392</sup> Cf. *A Defesa*, anos XLIII (número 2207, 16/10/1965; número 2208, 23/10/1965; número 2209, 30/10/1965; número 2210, 06/11/1965; número 2211, 13/11/1965; número 2212, 20/11/1965; número 2213, 27/11/1965; número 2214, 04/12/1965; número 2215, 15/12/1965; número 2216, 24/12/1965; número 2217, 31/12/1965; número 2221, 29/01/1966); ano XLIV (número 2229, 26/03/1966; número 2235, 07/05/1966; número 2238, 28/05/1966; número 2254, 17/09/1966; número 2255, 24/09/1966; número 2256, 01/10/1966; número 2262, 12/11/1966; número 2263, 19/11/1966; número 2264, 26/11/1966; número 2265, 03/12/1966; número 2272, 21/01/1967; número 2278, 04/03/1967); ano XLV (número 2305, 16/09/1967; número 2306, 23/09/1967); ano XLVI (número 2341, 18/05/1968; número 2359, 21/09/1968; número 2361, 05/10/1968; número 2363, 19/10/1968; número 2364, 26/10/1968; número 2369, 30/11/1968; número 2372, 21/12/1968; número 2374, 04/01/1969); ano XLVII (número 2385, 22/03/1969; número 2410, 13/09/1969; número 2411, 20/09/1969; número 2412, 27/09/1969; número 2419, 15/11/1969; número 2430, 31/01/1970; número 2432, 14/02/1970; número 2433, 21/02/1970; número 2434, 28/02/1970); ano XLVIII (número 2462, 12/09/1970; número 2463, 19/09/1970; número 2484, 13/02/1971); ano XLIX (número 2515, 18/09/1971; número 2538, 26/02/1972); ano LI (número 2567, 16/09/1972; número 2593, 17/03/1973); ano LII (número 2619, 15/09/1973; número 2625, 27/10/1973; número 2626, 03/11/1973); ano LIII (número 2671, 12/09/1974; número 2672, 19/09/1974); ano LIV (número 2724, 18/09/1975); ano LV (número 2775, 15/09/1976); ano LVI (número 2827, 14/09/1977); ano LVII (número 2879, 20/09/1978); ano LVIII (número 2929, 19/09/1979); ano LIX (número 2980, 17/09/1980); ano LX (número 3031, 16/09/1981); ano LXI (número 3082, 15/09/1982); ano LXII (número 3132, 14/09/1983); ano LXIII (número 3183, 12/09/1984); ano LXV (número 3284, 17/09/1986); LXVII (número 3384, 14/09/1988); ano LXXVII (número 3884, 23/09/1998; número 3893, 25/11/1998; número 3896, 16/12/1998)

Cónego Dr. Filipe Marques de Figueiredo) e que constou de uma exposição, uma sessão solene, uma Eucaristia comemorativa e de sufrágio pela alma de D. Manuel Trindade Salgueiro e a atribuição do seu nome a uma avenida.

No dia 12 de dezembro desse ano, com a colaboração do Cabido da Sé de Évora, da Fundação D. Manuel Mendes da Conceição Santos e da Delegação da Sociedade Histórica da Independência de Portugal, é descerrada a lápide da nova avenida D. Manuel Trindade Salgueiro, em Évora (com a presença neste ato, entre muitos outros, do presidente da Câmara de Évora, Abílio Fernandes, e do Cónego Filipe Marques de Figueiredo); no Seminário Maior, procede-se à abertura de uma exposição sobre a vida e obra do falecido Arcebispo, onde se expõem também publicações e manuscritos da sua autoria, bem como diversos objetos pessoais; na sessão solene que se segue, destacam-se as intervenções de D. Manuel de Almeida Trindade, Bispo emérito de Aveiro, que relembra “O Homem da Igreja” e de D. Júlio Tavares Rebimbas, Bispo emérito do Porto, que, não podendo estar presente, envia a sua comunicação, lida na sessão; esta sessão é presidida pelo então Arcebispo de Évora, D. Maurílio Jorge Quintal de Gouveia e conta ainda com a presença de D. Júlio César, Bispo de Portalegre, e um representante do Presidente da Câmara; após as conferências ouve-se poesia, de Moreira das Neves e de Silva Tavares, dedicada ao homenageado, declamada por Joaquim Carrageta; pelas 18 horas, D. Maurílio de Gouveia preside à Eucaristia na Catedral, celebração que é acompanhada pelo Coral de Zafra (Espanha) e pela Orquestra Sinfónica da Escola Profissional de Música de Évora, sob a direção do maestro cigano Paco Suarez; para assinalar este I Centenário do Nascimento de D. Manuel Trindade Salgueiro, é cunhada uma medalha ostentando a efigie do Arcebispo eborense.<sup>393</sup>

O legado daqueles que sucedem, que contactam ou trabalham pessoalmente com D. Manuel Trindade Salgueiro, chega até aos dias de hoje através da memória da imprensa e da memória de pessoas, fiéis depositárias da história de D. Manuel Trindade Salgueiro. Sem co-

---

<sup>393</sup> *A Defesa*, ano LXXVI (número 3896, 16/12/1998), p. 1.2

notar o homem ao tempo que viveu, mas ligando-o ao seu pastoreio, encontra-se em D. Manuel Trindade Salgueiro o homem que guia a sua Arquidiocese, esposa que lhe é dada, ao longo de dez anos. Nesse tempo, nem sempre as circunstâncias ou a sua saúde lhe permitem um apostolado ativo mas sempre se entrega incondicionalmente ao seu povo, ao seu clero, aos seus seminaristas.

A memória de alguém que nos precede não pode ser privada àqueles que nos sucedem e deve ser fielmente transportada por nós, purificada daquilo que é acessório, transmitindo a profundidade do carácter, o coração entregue e generoso, o olhar e a palavra firme e animadora, a presença sempre próxima e a ação sempre solícita. D. Manuel Trindade Salgueiro, Arcebispo de Évora, ainda fala, ainda quer dar-se a conhecer, através dos seus escritos, da sua obra e da sua ação pastoral que, apesar do passar do tempo, se encontra em grande medida refém dos seus arquivos pessoais. Não nos cabe a nós julgar a sua ação mas permitir uma leitura histórica para se conhecer e compreender melhor o seu episcopado, contribuindo assim para resgatar a sua memória. A memória dos que nos precederam deve ser herança e horizonte para aqueles que nos acompanham ou do que nos sucedem na ordem do tempo.

## CONCLUSÃO

O trabalho apresentado, que teve como principais fontes de informação as contidas no semanário arquidiocesano «A Defesa» e na obra de J. A. Guerreiro, poderia ter seguido as linhas e os documentos dispersos pelo semanário arquidiocesano ou apenas os contidos na obra citada e, para ambos os casos, ter seguido outra orientação ou disposição. Optou-se pela presente, embora reconhecendo os méritos e virtudes de outras disposições e as não poucas informações de que prescindimos.

A partir do conjunto das fontes referidas, optámos por elaborar uma síntese, articulando a documentação reunida e a informação contida em ambos os fundos, tentando construir uma narrativa própria e concisa, com o objetivo de dar a conhecer a ação pastoral de D. Manuel Trindade Salgueiro enquanto arcebispo de Évora. Assim, procurou-se analisar a figura de D. Manuel Trindade Salgueiro e o seu percurso até chegar a Évora, observar as linhas de ação propostas no seu discurso inaugural à entrada na Arquidiocese e analisar, a partir daí, o seu pensamento e iniciativas, numa visão já mais distanciada sobre D. Manuel Trindade Salgueiro.

Organizámos o texto em quatro capítulos: abordando a sua formação e o *cursus honorum* percorrido, desde a infância e educação familiar ou colegial em Nossa Senhora do Pranto até à nomeação e ordenação episcopal para auxiliar de Lisboa, não deixando de passar pelo Seminário e presbiterado em Coimbra, o seu incurso na Universidade de Lovaina, a docência no Seminário e na Universidade de Coimbra e a sua ligação ao C. A. D. C. e à Ação Católica diocesana; desde a ordenação em Lisboa até à nomeação e chegada a Évora, passando pela liderança da Ação Católica Portuguesa, pela presença assídua e recorrente em grandes eventos eclesiais e civis, desenhando um perfil reconhecido no país e no estrangeiro; desde a sua entrada em Évora até à morte e trasladação para o claustro da Sé de Évora, passando pela ação pastoral ativa e concreta, pela participação que procurou fosse esclarecida e ativa no Concílio

e pelo sofrimento e pela dor, sempre à luz da fé. O retrato de D. Manuel Trindade Salgueiro surge delineado entre luzes e sombras, entre as luzes da inteligência e da fé que se quis esclarecida e esclarecedora para cativar e levar o Evangelho aos seus arquidiocesanos, e as trevas das circunstâncias em que exerceu o seu ministério pastoral, o que explica que aquele período ainda hoje seja olhado com suspeição.

A sua ação pastoral visou o combate à descristianização da Arquidiocese em função de um conjunto de prioridades enunciadas aquando da sua entrada ou verificadas a partir do trabalho desenvolvido, a saber: valorização de iniciativas de apostolado laical, seja ao nível da Ação Católica Portuguesa, das Conferências de S. Vicente de Paulo ou dos Cursilhos de Cristandade; lançamento de algumas dinâmicas religiosas na ocupação do espaço público, como aconteceu com as peregrinações; a atenção a uma nova geografia religiosa na Arquidiocese, através do acolhimento e apoio ao estabelecimento de novas ordens ou congregações religiosas na Arquidiocese; estruturação e capacitação dos Seminários, Maiores e Menores, em ordem à formação de um contingente de eclesiásticos que conseguisse responder às exigências do apostolado moderno; e a participação ativa nos trabalhos conciliares, desde a génese dos trabalhos até à implementação de algumas orientações conciliares na Arquidiocese de Évora.

Do ponto de vista pessoal, ressalta a aceitação do que sentiu como um caminho de dor e de sofrimento provocado pela sua débil condição de saúde, acalentada pelo espírito marítimo que desde o leito materno até ao leito de morte lhe toldaram o ânimo. Porém, a dor parece ser sobretudo psíquica, pela eventual ansiedade provocada também pela incapacitação devida à doença para exercer o seu múnus episcopal da forma como D. Manuel Trindade Salgueiro o imaginava. A doença colocava-o em situação de fragilidade, quando ele tinha uma ideia de que do bispo deveria emanar força e poder. Em todos os campos da sua ação pastoral, o Prelado eborense foi marcado pelo espírito da época e simultaneamente pela procura de uma visão clara e esclarecida para responder às questões que identificou como prioritárias, de acordo

com uma visão orgânica da sociedade e de uma conceção hierárquica da Igreja, que tem no bispo o seu ponto centro e ponto culminante.

Como cortejo litúrgico, passam diante dos olhos as figuras, ordenadas, organizadas e hierarquizadas, do Arcebispo e do seu Bispo auxiliar, do Cabido, do Clero e dos Seminaristas, dos Religiosos e Religiosas, dos membros da Ação Católica e de outros movimentos, todos os fiéis leigos e de todos os homens e mulheres da Arquidiocese de Évora – assim se desenha, no coração e na mente de D. Manuel Trindade Salgueiro, o escol preparado e já cristianizado, a sociedade perfeita à qual D. Manuel Trindade Salgueiro dedicou a sua vida. Desde a sua atividade literária e educativa em Coimbra, onde a preocupação com a educação da juventude e com o domínio dos seus instintos naturais deviam levar à sobrenaturalização da condição humana e da sociedade, até ao pastoreio de almas em Évora, sempre a preocupação e ação convergiu para a educação das massas, para a construção da sociedade nova.

As preocupações com a sua ação em Évora, com a recristianização da sociedade à cabeça, consumiram a mente e o coração de D. Manuel Trindade Salgueiro: as manifestações públicas e o apostolado laical, apelando à militância ativa e visível, compreendem-se à luz da época, marcada pela valorização d posicionamento público dos cristãos na vida da sociedade portuguesa; os Seminários, escolas de ascética e de formação do carácter eclesiástico, foram a “menina dos olhos” do Arcebispo de Évora pois, através deles e da sua expansão poderia ser criado um exército para a luta contra a descristianização, porém, assim não aconteceu e os Seminário acabaram por, fruto das circunstâncias da época e que aqui não são explanadas, ficar vazios; a participação no Concílio, inesperada mas aproveitada por D. Manuel Trindade Salgueiro, foi um motor de renovação mas acabou por não produzir os frutos desejados, pois a visão eclesiológica do Arcebispo de Évora não foi renovada nem teve tempo de ser renovadora para a Arquidiocese.

Assim, e a partir de alguns dos pontos como aqueles que aqui foram apresentados, pode concluir-se que a ação pastoral de D. Manuel Trindade Salgueiro foi marcada por uma vi-

são eclesiológica centrada no lugar hierárquico do episcopado, preocupado com a presença do lugar da Igreja na sociedade, considerada descristianizada, virada para uma noção apostólica do cristianismo e pela procura de uma espiritualidade encarnada, embora segundo uma mística e retórica gloriosa acerca do passado, próprias do seu tempo de formação. Como testemunha D. José Pedro da Silva, bispo que lhe sucedeu no trabalho pastoral com a Ação Católica a nível nacional, no elogio fúnebre da trasladação dos restos mortais de D. Manuel Trindade Salgueiro para o claustro da Sé de Évora em 1970: “Homem do seu tempo e do nosso tempo, construindo no presente e aberto ao futuro sem renegar o passado, o Senhor D. Manuel foi e é lição daquela espiritualidade encarnada e transcendente própria do cristão e do apóstolo que, vivendo no mundo, sabe não ser dele, vivendo no tempo, por vocação o transcende.”<sup>394</sup>

Numa perspetiva social e política do seu papel enquanto bispo, pode afirmar-se que D. Manuel Trindade Salgueiro foi uma proeminente figura do episcopado português, terceiro na hierarquia eclesiástica nacional, reconhecido pelo Estado e pela Igreja (também nas condecorações e missões que lhe foram confiadas pelos seus pares civis e eclesiásticos). Como homem do seu tempo que sempre foi, e que sempre quis dar mais para o bem do país, da Igreja e da sua Arquidiocese, se entenderá a sua ligação ao Estado e ao regime então vigente, à luz da mútua colaboração para o bem comum. Não se aprofunda mas apenas se aflora esta temática, bem patente na amizade antiga e que sempre aproximou D. Manuel Trindade Salgueiro e o Contra-Almirante Américo de Deus Tomás, Presidente da República; porém, esta ligação não calou o espírito evangélico de D. Manuel Trindade Salgueiro, lutador também das causas sociais, entre as quais assume papel importante a campanha de casas para os pobres, momento em que se faz presente e, sempre que possível, exorta à colaboração entre as instituições eclesásticas e civis para a promoção da habitação digna para todos.

Olhando agora para a concretização do plano proposto e o resultado final desta dissertação é de salientar que algumas dificuldades apareceram, nomeadamente o impedimento no

---

<sup>394</sup> *A Defesa*, ano XLVII (número 2434, 28/02/1970), p. 7

acesso ao arquivo de D. Manuel Trindade Salgueiro, a escolha criteriosa dos materiais a utilizar e a organização das diversas temáticas. Acerca do arquivo pessoal de D. Manuel Trindade Salgueiro, espólio reservado nos arquivos do Paço Arquiepiscopal de Évora, por imperativo de consciência deve agradecer-se a solícita resposta do atual Arcebispo de Évora, D. José Francisco Sanches Alves, mas também se deve constatar que a proscrição de arquivos e o seu secretismo não favorecem a que a névoa do tempo e das circunstâncias deixem brilhar como lhes é devido algumas figuras públicas. Se à memória de D. Manuel Trindade Salgueiro ficam vedados todos os caminhos, mais não resta do que considerar que está, neste momento, preso a uma “idade de trevas”, enclausurado entre o período de esplendor e santidade que pende sobre os anos do pontificado de D. Manuel Mendes da Conceição Santos, e os anos de renovação e ação pastoral dos pontificados de D. David de Sousa e de D. Maurílio Jorge Quintal de Gouveia. A história avaliará o juízo que se faz, sendo que depois de nós virão aqueles que nos julgarão. Os arquivos, desde que devidamente tratados, devem ser abertos pois só eles dispõem de informações que podem ajudar a esclarecer questões em aberto e, no caso vertente, a iluminar aquilo que aqui foi proposto.

Passaram os anos, o homem ficou. O seu túmulo assinala a sua passagem por Évora e a sua vida, quando conhecida, julgará também aquilo que foi a sua ação. O resultado do seu empenho e da sua dádiva à Arquidiocese, sua esposa mística, chega de modo imperfeito e de modo mais perfeito pode ser conhecido, pelos que sucedam e se deixem cativar pelo espírito de pesquisa e de verdade.

Muito fica por dizer, é verdade. Porém, aquilo que foi dito, longe de paixões e de ilusões, pretende honrar a memória, guardiã da nossa ação e testemunha da nossa entrega. Que “os olhos da nossa memória vejam melhor que os nossos”.<sup>395</sup>

---

<sup>395</sup> NEGREIROS, José de Almada, *Nome de Guerra*



## BIBLIOGRAFIA

### INSTRUMENTOS DE TRABALHO

CUNHA, C, e CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Porto: Figuerinhas, 2013

GUITTON, Jean. *Le travail intellectuel*. Paris: Aubier, 1986

### FONTES

*A DEFESA*, anos XXXIII (1955) a XLIII (1965). Évora

GUERREIRO, Jerónimo de Alcântara – *D. Manuel Trindade Salgueiro no Arcebispado de Évora 1955-1965*. Évora: Gráfica Eborense, 1968

### BIBLIOGRAFIA GERAL

- **Estudos**

ARQUIDIOCESE DE ÉVORA – *Estatutos da Obra das Vocações Sacerdotais*. Évora: Gráfica Eborense, 1957

— — — *Faculdades e Normas para o Ministério Pastoral*. Évora: Gráfica Eborense, 1962

AGUIAR, Joaquim António de – *D. Manuel Trindade Salgueiro – o meu testemunho*. *Academia Internacional da Cultura Portuguesa* 18 (1991) 25-45

BARBOSA, David Sampaio Dias – *Concílio Ecuménicos e Portugal*. In AZEVEDO, Carlos (Organização) – *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000, volume A-C, 405-413

CRUZ, Guilherme Braga da – *Grandeza e valor do Bispo*. *Alvoradas* Abril-Junho (1961) 79-88

BRANDÃO, Diogo de Castelbranco de Paiva – *Presença de D. Manuel Trindade Salgueiro*. *Estudos* 441-442 (1965) 501-513

CARNEIRO, Roberto; MATOS, Artur Teodoro de (Coordenação) – *Povos e Culturas – Número especial – Os Católicos e o 25 de Abril*. Lisboa: CEPCEP, 2014

CLEMENTE, Manuel José Macário do Nascimento – Seminários (diocesanos, do continente e ilhas adjacentes). In AZEVEDO, Carlos (Organização) – *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000, volume P-V, 220-225

COELHO, Francisco José Senra – *Concílio, Diocese e Evangelização – Entrevista com D. Maurílio de Gouveia, Arcebispo de Évora*. Lisboa: Paulus Editora, 2005

——— – *D. Augusto Eduardo Nunes, Professor de Coimbra – Arcebispo de Évora*. Lisboa: Paulus Editora, 2010

——— (Coordenação) – *Visitas Pastorais e Nova Evangelização – Ação pastoral desenvolvida pelo arcebispo de Évora D. Maurílio de Gouveia (1981-2008)*. Cascais: Lucerna, 2013

FERREIRA, António Matos; FONTES, Paulo Fernando de Oliveira, “Acção Católica Portuguesa. In AZEVEDO, Carlos (Organização) – *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000, volume A-C, 9-19

FONTES, Paulo Fernando de Oliveira – A Acção Católica Portuguesa (1933-1974) e a presença da Igreja na sociedade. *Lusitania Sacra* 6 2.<sup>a</sup> série (1994) 61-100

——— – Conferências Vicentinas. In AZEVEDO, Carlos (Organização) – *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000, volume C-I, 442-445

——— – Cursilhos de Crisandade. In AZEVEDO, Carlos (Organização) – *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000, volume C-I, 40-41

——— – *Elites católicas em Portugal: o papel da Acção Católica (1940-1961)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2011

——— – O catolicismo português no séc. XX: da separação à democracia. *História Religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000, volume 3, 129-330

GOMES, Saúl António; FONSECA, Fernando Taveira da – Demografia Eclesiástica. In AZEVEDO, Carlos (Organização) – *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000, volume C-I, 43-59

JORGE, Francisco dos Santos – Memorandum D. Manuel Trindade Salgueiro. *Alvoradas* Outubro-Dezembro (1955) 8-14

LAVAJO, Joaquim Chorão – A formação do clero eborense séculos – XVIII-XX. *Eborensia* 49 (2015) 91-127

——— – Évora. In AZEVEDO, Carlos (Organização) – *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000, volume C-I, 210-221

LOBO, António Ribeiro – Pescador entre Pescadores. *Alvoradas* Outubro-Dezembro (1955), 38-40

LOPEZ, Antão, Cartuxos. In AZEVEDO, Carlos (Organização) – *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000, volume A-C, 300

MATOS, Luís Salgado – Os bispos portugueses: da Concordata ao 25 de Abril – alguns aspectos. *Análise Social* (1994), volume XXIX, 319-383

OLIVEIRA, João Carlos Tavares de – O Educador. *Alvoradas* Outubro-Dezembro (1955), 21-25

PERDIGÃO, José de Azeredo – D. Manuel Trindade Salgueiro – o Homem, o Mestre, o Prelado. *Academia Internacional da Cultura Portuguesa* 2 (1966), 13-57

PIO, Duarte – O Orador. *Alvoradas* Outubro-Dezembro (1955), 28-31

SALGUEIRO, Manuel Trindade – *Apontamentos de Oratória Sagrada*. Coimbra: Gráfica Conimbricense Limitada, 1929

——— – *La doctrine de Saint Augustin sur la grâce d'après le traite à Simplicien*. Porto, Tipografia Porto Médico Limitada, 1925

——— – *Mensagem Cristã I: Jesus*. Coimbra, Casa do Castelo Editora, 1945

——— – *Papel da Vontade na Educação*. Coimbra: Tipografia Gráfica de Coimbra, 3.<sup>a</sup> edição, 1936

——— – *Pio XII e a Acção Católica*. Lisboa: Edições da Acção Católica Portuguesa, 1946

——— – Prefácio. In *Obra Oratória I – Panegíricos de Santos*. Évora: Gráfica Eborense, 2.<sup>a</sup> edição, maio de 1967

——— – *Pureza e Sensualismo*. Coimbra: Casa do Castelo Editora, 1938

SIMÃO, Jerónimo Vidigal – O Jornalista insigne. *Alvoradas* Outubro-Dezembro (1955), 35-37

SIMÕES, Adriano Chorão Lavajo – Apóstolo numa cruzada – Acção Católica. *Alvoradas* Outubro-Dezembro (1955) 15-20

SIMPSON, Duncan – *A Igreja Católica e o Estado Novo Salazarista*. Lisboa: Edições 70, 2014

SOUSA, David de – *Saudação Pastoral de entrada na Arquidiocese*. Évora: Gráfica Eborense, 1966

TRIGUEIROS, Luís Forjaz – Elogio Académico de D. Manuel Trindade Salgueiro. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa – Classe de Letras XVII* (1976) 85-108

TRINDADE, Manuel de Almeida – O Vaticano II no seu tempo: um testemunho. *Humanística e Teologia* 5 (1984) 159-174

VIEIRA, Maria do Pilar S. A. – Monjas Concepcionistas Franciscanas. In AZEVEDO, Carlos (Organização) – *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000, volume A-C, 405

VILELA, Mário Augusto – Chama que se escondeu. *Estudos* 441-442 (1965) 514-516

- **Periódicos**

*A DEFESA*. Anos XI (1934), XIII (1935), XV (1937), XLIII (1965) a LXIII (1984), LXV (1986), LXVII (1988) e LXXVII (1998): Évora

*Acta Apostolicae Sedis* (AAS 32, 1940, 554-555; AAS 33, 1941, 182; AAS 41, 1949, 121; AAS 47, 1955, 463; AAS 50, 1958, 98; AAS 57, 1965, 927)

*Acta Synodalia Sacrosancti Concilii Oecumenici Vaticani II*. Volume I, Parte II, p. 39-41

—— Volume I, Parte III, p. 713-715

*ARQUIVO DO DISTRITO DE AVEIRO*. 128, 1966, 267-286

*BOLETIM de Informação Pastoral*. Lisboa: União Gráfica SARL. Número 1 (maio 1959); número 2 (junho-julho 1959); número 5 (dezembro 1959); número 7 (março-abril-maio 1960); números 63-64 (junho-julho-agosto 1969)

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA – *IX Recenseamento Geral da População no Continente e Ilhas adjacentes em 15 de Dezembro de 1950*. Tomo I, 1952

—— – *X Recenseamento Geral da População no Continente e Ilhas adjacentes (às 0 horas de dia 15 de Dezembro de 1960)*. Tomo I, volume II, 1964

—— – *11.º Recenseamento Geral da População – 1.º Recenseamento da Habitação: Continente e Ilhas*. 1975

*PÁGINA DOS SEMINÁRIOS*. Anos 1955 a 1970: Évora

SECRETARIADO DE INFORMAÇÃO RELIGIOSA, *Anuário Católico de Portugal*. Lisboa, 1968, 135-148; 1975, 117-128

SECRETARIADO GERAL DO EPISCOPADO, *Anuário Católico de Portugal*. Lisboa, 1931, 187-194; 1932, 252-269; 1941, 231-248; 1947, 231-237; 1953, 269-280; 1957, 264-276

*VOCACÕES*. Anos 1958 a 1970: Évora



## APÊNDICE DOCUMENTAL

### 1. Intervenção na X Congregação Geral da I sessão do II Concílio Ecuménico do Vaticano

*O texto que se segue foi retirado da Acta Synodalia Sacrosancti Concilii Oecumenici Vaticani II (volume I, parte II, p. 39-41) e a tradução é da responsabilidade do Padre José António Gonçalves)*

Excelentíssimo Padre D. MANUEL TRINDADE SALGUEIRO  
Arcebispo de Évora

Eminentíssimo Presidente, Padres e venerandos Irmãos

É preciso considerar neste II capítulo um duplo aspeto: o aspeto geral e o aspeto específico. Foram ditas muitas coisas, e de maneira ótima, acerca da doutrina. Porém parece-me que a introdução ao capítulo II trata do sacrossanto mistério da Eucaristia de maneira menos precisa. Com efeito, não se faz aí de maneira suficientemente clara a distinção entre sacramento e sacrifício.

Embora, depois de proferidas as palavras da consagração e depois de realizada aquela admirável e singular conversão de toda a substância do pão na substância do Corpo de Nosso Senhor e de toda a substância do vinho na substância do seu Sangue, conversão essa que conveniente e apropriadamente foi chamada pela santa Igreja Católica de transubstanciação, para utilizar as palavras do sagrado Concílio Tridentino, se torne sacramento logo que se oferece o sacrifício eucarístico, todavia o conceito de sacramento difere do conceito de sacrifício. Creio que esta questão deve ser submetida ao juízo da comissão que trata da doutrina.

Quanto ao aspeto específico:

A Oração litúrgica «Ó Sagrado banquete, em que se recebe Cristo, e se comemora a sua paixão, em que a alma se enche de graça e nos é dado o penhor da futura glória», seria uma ótima introdução para este capítulo II, porque em poucas e acertadas palavras se confessa este grande mistério da fé, esperança e caridade como banquete, sacrifício e sacramento.

O santo Concílio ecuménico Tridentino tratou abundantemente da Eucaristia como sacramento, da comunhão sob as duas espécies e do sacrifício da Missa em sessões distintas, concretamente na XIII, XXI e XXII, separadas por onze anos, em outras circunstâncias.

Portanto, considero que isto deve ser tratado distintamente no capítulo II; primeiro acerca do sacrifício da Missa, segundo acerca do sacramento da Eucaristia.

No aspeto específico é digno de nota:

1. No que se refere à Missa:

a) É preciso determinar o tempo em que é permitido celebrar a Sagrada Ceia vespertina.

b) A homilia, nos domingos e festas de preceito, não só deve ser recomendada, mas obrigatória, salvos os casos justos e graves.

c) No que se refere à oração comum, ou dos fiéis, depois do Evangelho e da homilia, deve ser retirado o advérbio «*ao menos*» e acrescentado «*e nos outros dias, a juízo do Ordinário*».

d) Parece incongruente que o sacerdote convide os fiéis a orar com o «*Orai, irmãos*», ficando eles sentados. Melhor seria que estivessem de pé desde o «*Orai, irmãos*» até ao «*Sanctus*».

e) Não há nenhuma razão para se abençoarem as oblatas depois da consagração, estando já verdadeiramente, no altar, real e substancialmente presente o Corpo e o Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo.

f) O uso da concelebração não deve ser alargado para além dos casos assinalados no nº 44.

Os concelebrantes devem vestir as vestes sacerdotais próprias para a celebração da Missa. É preciso declarar se cada um dos concelebrantes pode receber o seu estipêndio, ou somente um pode ficar com ele.

g) A comunhão sob as duas espécies não deve ser alargada a outros para além dos presbíteros ordenados na própria Missa da ordenação, em virtude de razões higiénicas e práticas, evitado o perigo de alguma gota do preciosíssimo sangue cair no chão.

h) Quando na Missa se diz «*Ite, Missa est*», termina-se a Sagrada Ceia. Deve ser dito pelo celebrante o Prólogo do Evangelho de São João depois da Missa, antes de cântico dos «*Três jovens*».

i) Também é preciso declarar o que se entende por Missa inteira, para cumprir o preceito da Missa festiva, concretamente desde o ofertório até à comunhão do celebrante.

2. No que se refere ao Sacramento.

a) O culto solene da Eucaristia deve ser insistentemente recomendado, não só na festa do Santíssimo Corpo de Cristo, mas também nas exposições e nas procissões eucarísticas.

b) Da mesma maneira deve ser muito recomendada a comunhão dentro da Missa, quando pode fazer-se.

c) Deve ser bem definido também o tempo da comunhão vespertina, imediatamente a seguir aos atos religiosos, a juízo do Ordinário, quando não se celebra Missa, segundo as normas da celebração da Missa vespertina.

d) A possibilidade de comungar em casa parece que deve ser alargada para além dos doentes aos fiéis que por causas morais razoáveis, como por exemplo a morte recente de uma pessoa de família ou naqueles casos em que são dispensados de estar na Missa, não podem sair facilmente de casa.

e) Por fim, deve incentivar-se a decência no vestir dos que recebem a sagrada comunhão, quando infelizmente as vestes menos decentes invadem mais e mais a casa de Deus.

Disse.

## **2. Intervenção na XXX Congregação Geral da I sessão do II Concílio Ecuménico do Vaticano**

*O texto que se segue foi retirado da Acta Synodalia Sacrosancti Concilii Oecumenici Vaticani II (volume I, parte III, p. 713-715) e a tradução é da responsabilidade do Padre José António Gonçalves)*

Excelentíssimo Padre D. MANUEL TRINDADE SALGUEIRO  
Arcebispo de Évora

Eminentíssimo Presidente, Padres e venerandos Irmãos

Tendo pedido licença para falar na generalidade sobre o documento da *unidade de Igreja: para que todos sejam um*, na verdade tive a intenção de falar na generalidade, a fim de chamar a atenção para estes três pontos:

a excelência do tema, sobretudo no que se refere à dilatação do coração e ao espírito da fraternidade cristã;

a existência de um grave defeito no documento da unidade da Igreja, na medida em que omite a separação dos irmãos do ocidente;

a urgente necessidade de normas breves mas concretas que devem ser estabelecidas acerca da unidade interna da Igreja, porque sem esta unidade, o edifício ou estrutura social da Igreja não pode subsistir, nem a sua vida apostólica se torna fecunda.

Todavia, porque acerca deste assunto tantas e tão grandes coisas foram ditas, para que eu não fale de maneira prolixa, dirigir-me-ei imediatamente para as conclusões. Proponho reverentemente:

Que este documento da unidade da Igreja seja introduzido como parte do documento da Igreja.

Que se acrescente um capítulo acerca dos irmãos separados do ocidente a este documento, indo mais ao encontro dos aspetos positivos do que olhando os negativos, sem prejuízo porém de nenhum dos princípios da verdade.

Que a congregação ou o conselho para promover a unidade da Igreja, e que há de ser instituído na Sé Apostólica, segundo o nº 46, página 265, ou o próprio secretário da união das Igrejas, segundo a oportuna afirmação do Eminentíssimo Cardeal Bacci, seja competente no que se refere ao estudo dessa questão, e que por isso seja formado por peritos que a conheçam bem.

Por fim, que a doutrina da unidade interna da Igreja seja exposta brevemente nalgum capítulo em três parágrafos:

*No primeiro*, a unidade da Igreja na estrutura dos seus membros entre si e com a hierarquia, manifestada por meio da obediência de todos os fiéis, sacerdotes e bispos ao Romano Pontífice.

*No segundo*, devem ser definidas a essência da caridade e suas propriedades, a saber: a sobrenaturalidade, a universalidade e a atividade.

*No terceiro*, devem ser determinados os meios eficazes de promover, acalentar e aumentar a caridade de Cristo no exercício da vida interior e na ralação com os outros. O resto entregá-lo-ei ao Excelentíssimo Senhor secretário-geral.

Disse.

Notas aditadas:

Muito frequentemente chamam Conselho da Unidade a este Concílio Ecuménico. Só Deus, perscrutador dos corações, conhece de maneira perfeitíssima e certíssima o que será amanhã. Nós, porém, sabemos que a atual separação entre os cristãos não há de ser de maneira nenhuma definitiva, mas há de vir a acabar segundo o espírito da fraternidade cristã, tal como Nosso Senhor Jesus Cristo disse: «Que todos sejam um, como tu, ó Pai, és em mim e eu em ti, para que também eles sejam um em nós e o mundo creia que tu me enviaste» (João 15, 21), «e haja uma só rebanho e um só pastor» (João 10, 16). De resto, todos os cristãos não são demais, quando se trata de debelar firmemente os inimigos da Cidade de Deus, e quando se trata de defender vigorosa e invictamente os direitos da dignidade humana.

Todos os benefícios que acerca deste assunto o Concílio possa trazer, é digno e justo enaltecer a dilatação do coração com que foi redigido este decreto. Com efeito, as doutrinas do proémio são notas fundamentais. Na verdade, para que se promova a unidade, os meios referidos, a saber: sobrenaturais, teológicos, litúrgicos, canónicos, psicológicos e práticos, são motivos insofismáveis e objetivos para procurar a unidade da Igreja, sobretudo o espírito que enforma todo o Documento destaca-se pela amplitude, clareza, e fraterna caridade. A forma deste Decreto poderá talvez ser discutida, porém, ninguém há que possa negar-lhe a amplitude humana e as transparências cristãs.

No tocante aos aspetos secundários, lembro reverentemente que, entre os meios apresentados espontaneamente, é necessário que se incluam as orações e os sacrifícios dos religiosos, sobretudo dos monges e monjas de vida contemplativa, bem como as súplicas e sacrifícios das crianças, porque elas gozam de um favor especial junto de Deus.

Reconhecendo sem dúvida o mérito deste documento, seja-me permitido, com a devida reverência, apontar nele dois gravíssimos defeitos, a saber:

Primeiro: Tratando-se nele da unidade da Igreja – *que todos sejam um* –, nada se diz aí acerca dos irmãos separados do ocidente. Ora também eles anseiam muito a unidade da Igreja, sobretudo a assim chamada Alta Igreja Anglicana e Germânica, que conservam de maneira mais próxima a fé e os ritos da Santa Igreja Católica Apostólica Romana. Aqueles conhecidos esforços de alguns, como o prelado de veneranda memória Cardeal Mercier, com o senhor Lord Halifax, feitos em Mechlinea na primeira metade deste século, são verdadeiros indícios de boa vontade. «Os defuntos ainda falam» (Hebreus 11, 4). Mesmo que isto não se desse, eles são nossos irmãos. Tal como aquele antigo patriarca José, recordado pelo Sumo Pontífice João XXIII, felizmente reinante, no dia da sua Coroação, cada um de nós dizer e fazer: «Procuro os meus irmãos» (Gênesis 37, 16). De resto, o que se diz no documento acerca dos irmãos separados do oriente, é verdadeiro e justo, e por isso ainda menos se justifica o silêncio acerca dos ocidentais.

Segundo: Outro defeito se torna patente, no que concerne às disposições breves, mas concretas deste documento acerca da unidade interna da Igreja. Com efeito, embora apenas se considere o aspeto social, a unidade de todos os membros do Corpo Místico entre si supõe e exige uma estrutura íntima e uma subordinação harmónica à hierarquia e em maior grau ao Romano Pontífice, cabeça visível deste Corpo. Além disso, sem a unidade interna, que na verdade pode chamar-se ontológica, a unidade externa torna-se impossível e vã, porque o lucro da Igreja unicamente se consegue na estrutura dos seus graus hierárquicos e na eficácia da sua ação por meio da unidade sobrenatural interna, que a graça santificante realiza. Na verdade a caridade sempre acompanha a graça santificante. Portanto a caridade de Cristo exige esta união, como forma do Corpo Místico, de tal maneira que a Igreja apareça e seja uma só na estrutura social, porque se trata de uma só alma. Acerca desta unidade interna, na qual se funda e assenta o edifício social, para iluminar todos os homens que jazem na sombra da morte, o documento apenas fala acidental e superficialmente. Portanto, parece-me que este tema deve ser inserido como parte integrante do documento *da Igreja*.

Sendo assim estas coisas, depois de terem sido maduramente ponderadas, seja-me permitido propor-vos isto:

O resto como no texto proferido verbalmente como acima a) etc.

### 3. Testamento espiritual

*O texto que se segue foi retirado do semanário «A Defesa» (ano XLIII, número 2204, 23/09/1965, páginas 1 e 2)*

«Pax»

*Últimas disposições para serem realizadas fielmente depois da minha morte. Em nome de SS. Trindade. Amen.*

Tendo nascido de pais cristãos, vivido em meio cristão, educado, até fazer a 4.<sup>a</sup> classe da instrução primária, num Colégio de Religiosas – o Colégio de Nossa Senhora do Pranto, em Ílhavo – dirigido pelas Religiosa de Calais; tendo procurado ser bom seminarista, depois de alguma dissipação em três anos de Liceu; tendo obtido a graça do privilégio de ser chamado ao sacerdócio, até ao Episcopado, peço humildemente ao Senhor que a minha morte seja digna do cristão, do presbítero, do bispo, pela graça de Deus, e pela intercessão da Virgem Santíssima. Aceito, com perfeita docilidade todos os sofrimentos que o Senhor mandar, ofereço-os pela purificação da minha alma, e pelas intenções que mais tenho no coração, especialmente pela Diocese que me foi confiada, pelo meu Ex.<sup>mo</sup> Bispo Auxiliar, homem de Deus que sempre me edificou pela sua piedade, pelos meus Padres, a quem quero como pessoas de família, especialmente pelos que constituem o Cabido, que sempre me serviu de senado clarividente e dedicado, pelos doentinhos, alguns deles tão desprovidos de meios, o que aumenta a sua tortura, por todos os diocesanos, sem esquecer os que vivem longe da Santa Igreja, talvez mais por ignorância e descuido do que por má vontade. Também recordo nesta hora, pessoas queridas que muito sofreram por mim e me serviram de auxiliares desveladas, com a sua generosidade, com o seu sacrifício e com as suas orações. Rezando por elas todos os dias, a todas lembrarei ao Senhor no Grande Encontro, se por esmola o Senhor me der o Céu.

Não é sem repugnância que se pensa em coisas da terra. Mas também isso é dever e, por isso, disponho dessas coisas com simplicidade.

Por graça de Deus, nasci muito pobre, pobre tenho vivido, pobre hei-de morrer. Nem, como propriedade, nunca mais desejei que os cinco palmos de terra da sepultura. E, no entanto, nada nunca me faltou, embora, nos primeiros anos, para tal muito tivesse trabalhado e sofrido a minha pobre Mãe. Mas o Senhor deu-lhe, nos últimos anos de vida, tranquilidade perfeita, sem faltas nem preocupações.

Muitas coisas me ofereceram, tudo de carácter pessoal. Por graça de Deus, foi-me dada como Esposa Mística a Arquidiocese de Évora. Pois a essa querida Arquidiocese deixo tudo o que possuo, com as observações que registo noutra documento. Estou certo de que quem ficar a governar a Arquidiocese, depois da minha morte, observará religiosamente o que decido, e aqui lhe deixo palavras de comovido reconhecimento.

Que Jesus, Maria e José, me estejam presentes na hora da morte, que me abram as portas do paraíso.

Lisboa, 2 de Setembro, festa do Santíssimo Nome de Maria, de 1964.

+ MANUEL TRINDADE SALGUEIRO

*Arcebispo de Évora*